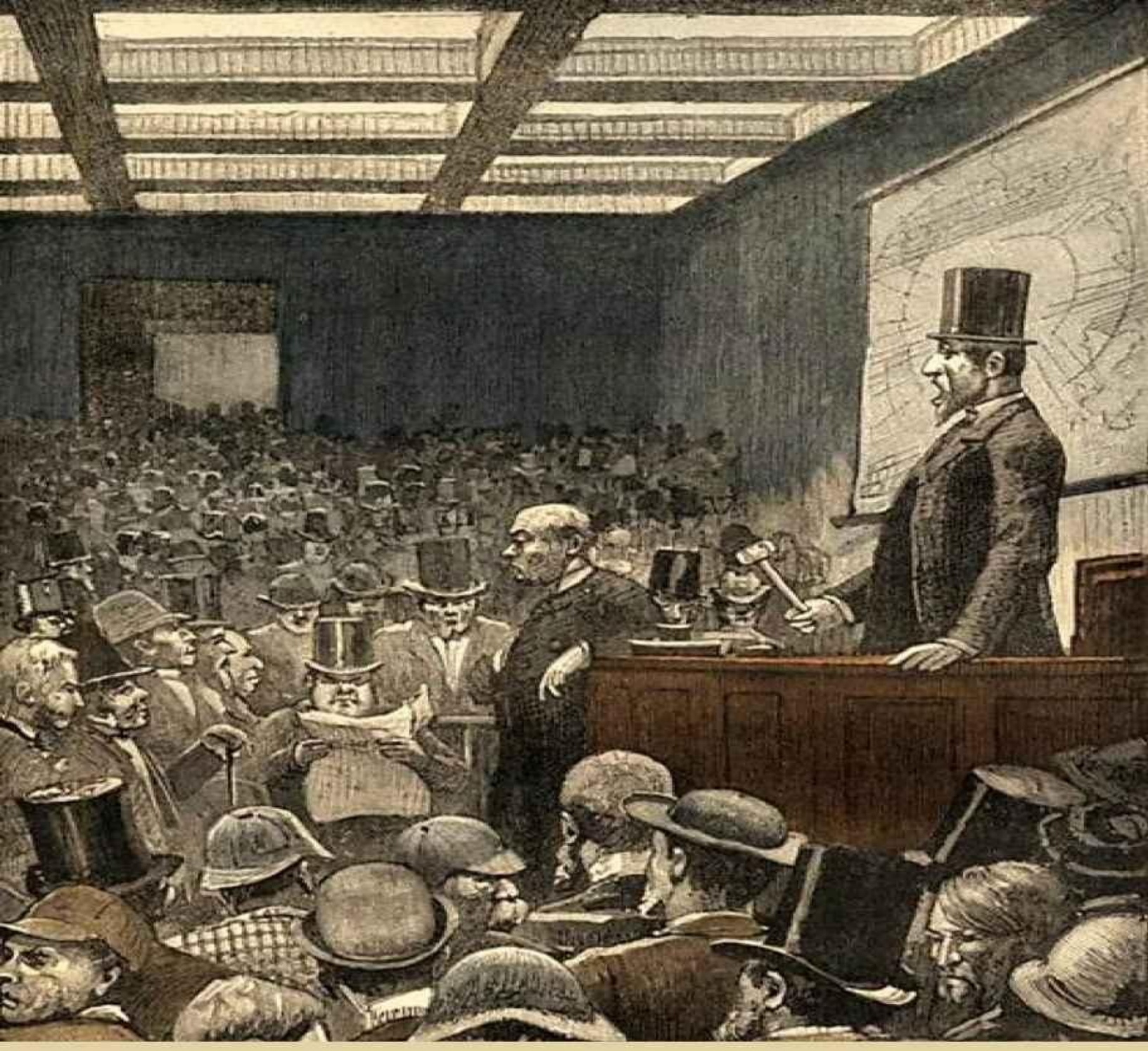


CENTAUR

JÚLIO VERNE

Fora dos Eixos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Júlio Verne

FORA DOS EIXOS

Título original: *Sans Dessus Dessous* (1889)
Tradução: Augusto Fuschini (1843-1911)
2013 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com

Índice

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
NOTAS

Capítulo 1

Em que a North Polar Practical Association espalha um documento pelos dois mundos

— Então, Sr. Maston, pretendeis que a mulher nunca será capaz de fazer progredir as ciências matemáticas e experimentais?

— Com extrema mágoa sou obrigado a confessá-lo, Mrs. Scorbitt — respondeu J. T. Maston. — Que tenha havido, ou que haja, algumas matemáticas notáveis, particularmente na Rússia, estou de acordo; mas, dada a sua constituição cerebral, não há mulher que possa chegar a ser um Arquimedes e muito menos um Newton.

— Oh, Sr. Maston, permiti-me que proteste em nome do meu sexo...

— Sexo tanto mais encantador, Mrs. Scorbitt, que não foi criado para se entregar aos estudos transcendentes!

— Assim, na vossa opinião, Sr. Maston, vendo cair uma maçã, mulher alguma poderia ter descoberto as leis da gravitação universal, como o ilustre sábio inglês no fim do século XVII?

— Vendo cair a maçã, minha senhora, a mulher não terá outra ideia senão... comê-la... a exemplo da nossa mãe Eva!

— Vamos lá, tenho de concluir, pois, que nos negais toda a aptidão para as altas especulações...

— Toda?... Não. E, contudo, observar-vos-ei que, desde que existem habitantes sobre a Terra e mulheres por consequência, não se manifestou ainda um cérebro feminino a que se deva alguma descoberta, no domínio científico, análoga às de Aristóteles, Euclides, Kepler, Laplace...

— Será isso um argumento, e o passado responderá irrevogavelmente pelo futuro?

— Hum! O que se não fez durante milhares de anos não se realizará... sem

dúvida.

— Vejo então que precisamos decidir-nos, Sr. Maston; não somos realmente boas...

— Senão para ser boas — respondeu J. T. Maston.

E disse isto com aquela amável galantaria de que pode dispor um sábio repleto de *xx*. Além disso, Evangelina Scorbitt estava perfeitamente resolvida a contentar-se.

— Pois bem, Sr. Maston — continuou ela —, a cada um a sua partilha neste mundo. Continuai a ser o extraordinário calculador que sois. Entregai-vos por inteiro aos problemas dessa obra imensa à qual, vós e os vossos amigos, ides votar a existência. Quanto a mim, serei a *boa mulher* que devo ser, dando-lhe o meu auxílio pecuniário...

— Pelo que vos dedicaremos um reconhecimento eterno — afirmou J. T. Maston.

Evangelina Scorbitt ruborizou-se deliciosamente, porque experimentava, se não pelos sábios em geral, ao menos por J. T. Maston em especial, uma simpatia realmente singular. O coração da mulher não é porventura um abismo insondável?

Obra imensa, na verdade, aquela a que esta rica viúva americana tinha resolvido consagrar importantes capitais.

Eis qual era a tentativa, e qual o fim que os seus promotores pretendiam atingir.

As terras árticas, propriamente ditas, compreendem, segundo Malte-Brun, Réclus, Saint-Martin e os mais autorizados geógrafos:

1.º O Devon setentrional, isto é, as ilhas, cobertas de gelos, do mar de Baffin e do estreito de Lancastre;

2.º A Jórgia setentrional, constituída pela terra de Banks e numerosas ilhas, tais como as Sabinas, Biam-Martin, Griffith, Cornwallis e Bathurst;

3.º O arquipélago de Baffin-Parry, compreendendo diversas parcelas do

continente circumpolar chamadas Cumberland, Southampton, James-Sommerset, Boothia-Felix, Melville e outras quase desconhecidas.

Neste conjunto, limitado pelo 78.º paralelo, as terras têm uma superfície de um milhão e quatrocentas milhas e os mares setecentas mil milhas quadradas.

Interiormente a este paralelo, intrépidos descobridores mais recentes conseguiram chegar às proximidades do 84.º grau de latitude e levantar a planta de algumas costas para além da alta cadeia de massas de gelo, dando nomes aos cabos, aos promontórios, aos golfos, às baías destes vastos territórios, que poderiam ser denominados os *highlands* árticos.

Para lá, todavia, deste 84.º paralelo existe o mistério, o irrealizável desiderato dos cartógrafos, e ninguém sabe ainda se são terras ou mares o que esconde, num espaço de seis graus, a inultrapassável acumulação dos gelos do Pólo Norte.

Ora, neste ano de 189..., o Governo dos Estados Unidos teve a ideia, assaz inesperada, de pôr em hasta pública as regiões circumpolares ainda não descobertas, regiões de que uma sociedade americana, que se havia constituído para adquirir a calota ártica, solicitava a concessão.

Alguns anos havia, é certo, que a Conferência de Berlim formulara um código especial para uso das grandes potências que desejam apoderar-se dos bens de outrem a pretexto de colonização ou de criação de mercados comerciais; não pareceu, porém, que este código fosse aplicável nestas circunstâncias, visto não ser o território polar ainda habitado. Atendendo, contudo, a que o que não pertence a alguém é de todos, a nova sociedade não pretendia *apoderar-se*, mas *adquirir,* a fim de evitar futuras reclamações.

Nos Estados Unidos não se faz projeto algum, por mais audacioso que seja — ou mesmo quase irrealizável —, que não encontre quem desenvolva os lados práticos e capitais para o realizar. Havia-se bem demonstrado isto alguns anos antes, quando o Gun-Club de Baltimore se impusera o encargo de enviar um projétil à lua, com a esperança de estabelecer comunicação direta com o nosso satélite.

Não tinham sido estes empreendedores ianques que haviam fornecido as mais fortes somas exigidas por esta interessante tentativa?

E, se ela tinha sido realizada, não o fora graças a dois dos membros do dito clube, que ousaram afrontar os perigos desta experiência sobre-humana?

Que um Lesseps proponha, qualquer dia, abrir um canal de grande corte através da Europa e da Ásia, desde as costas do Atlântico até aos mares da China; que um poceiro de génio se decida a furar a Terra para atingir as camadas de silicatos, que ali se encontram no estava fluido, abaixo do ferro em fusão, a fim de extrair a substância do próprio foco do fogo central; que um empreendedor eletricista pretenda reunir as correntes disseminadas na superfície do Globo para formar uma inesgotável origem de calor e de luz; que um engenheiro ousado tenha a ideia de armazenar, em vastos recetores, o excesso das temperaturas estivais, para as restituir, durante o inverno, às zonas açoitadas pelo frio; que um extraordinário hidráulico tente a utilização da força viva das marés a fim de produzir, segundo as conveniências, calor ou trabalho; que se fundam sociedades anónimas ou em comandita para levar a bom fim cem projetos desta natureza, serão os Americanos os primeiros na lista dos subscritores! Rios de dólares precipitar-se-ão nos cofres sociais, como os grandes rios da América do Norte vão perder-se no seio dos oceanos.

É, pois, natural admitir que a opinião tivesse sido profundamente sobre-excitada quando se espalhou esta notícia — pelo menos singular — de que os territórios árticos iam ser adjudicados ao mais forte proponente. Além disso, não fora aberta subscrição pública alguma para esta aquisição, cujos capitais haviam sido de antemão reunidos.

O resto resolver-se-ia quando se tratasse de utilizar o domínio, transformado em propriedade dos novos possuidores.

Utilizar o território ártico! Realmente, semelhante ideia podia apenas ter germinado em cérebros de doidos!

Nada mais sério, todavia, do que este projeto.

Para este fim foi enviado um comunicado aos jornais dos dois continentes, às

folhas europeias, africanas, oceânicas, asiáticas, ao mesmo tempo que às folhas americanas. Este documento concluía com um pedido, por parte dos interessados, de inquérito de *cómodo* e *incómodo.*

O *New-York Herald* havia sido o primeiro a inserir este documento. Por esta forma os inumeráveis assinantes de Gordon Bennett puderam ler, no número de 7 de novembro, a seguinte comunicação, que se espalhou rapidamente pelo mundo dos sábios e dos industriais, onde foi apreciada por bem variadas formas:

AVISO AOS HABITANTES DO GLOBO TERRESTRE

As regiões do Pólo Norte situadas dentro do 84.º grau de latitude setentrional não puderam ser ainda exploradas, pela simples razão de que não foram ainda descobertas.

Com efeito, os pontos extremos, marcados pelos navegadores de diferentes nacionalidades, são os seguintes:

1.º 82° 45’, atingido pelo inglês Parry, em julho de 1847, sobre o meridiano oeste, ao norte de Spitzberg;

2.º 83° 20’ 28”, atingido por Markhan, da expedição inglesa de Sir John Georges Nares, em maio de 1876, sobre o 50.° meridiano oeste, ao norte da terra de Grinnel;

3.º 83° 35’ de latitude, atingido por Lockwood e Brainard, da expedição americana do tenente Greely, em maio de 1882, sobre o 42.º meridiano, ao norte da terra de Nares.

Pode, pois, considerar-se a região que se estende desde o 84.º paralelo até ao pólo, num percurso de seis graus, como um domínio indiviso, entre os diferentes estados do Globo, e essencialmente suscetível de se transformar em propriedade particular depois de concurso público.

Ora, segundo os princípios de direito, ninguém é obrigado a permanecer na indivisão. Por isso os Estados Unidos, apoiando-se nestes princípios, resolveram provocar a alienação deste domínio.

Para este efeito constituiu-se em Baltimore uma sociedade, sob a firma social North Polar Practical Association, representando oficialmente a Confederação americana; propõe-se esta sociedade adquirir a sobredita região por ato regular, que ficará constituindo absoluto direito de propriedade sobre os continentes, ilhas, rochedos, mares, lagos, rios, ribeiros e, em geral, sobre quaisquer cursos de água, de que se compõe atualmente o imóvel ártico, quer se achem cobertos por gelos perpétuos, quer os gelos se desprendam durante a estação estival.

É expressamente declarado que este direito de propriedade não poderá ser cativo de caducidade, mesmo no caso em que sobreviessem modificações — de qualquer natureza que sejam — no estado geográfico e meteorológico do globo terrestre.

Levado isto ao conhecimento dos habitantes dos dois mundos, todas as potências serão admitidas ao concurso, que será resolvido a favor da mais elevada proposta.

A data do concurso é fixada a 3 de dezembro do corrente ano, na sala das «Auctions», em Baltimore, Marilândia, Estados Unidos da América.

Para esclarecimentos dirigir-se a William S. Forster, agente provisório da North Polar Practical Association, 93, High-street, Baltimore.

Que esta declaração pudesse ser considerada insensata, seja! Em todo o caso, devemos concordar que, pela sua clareza e franqueza, nada deixava a desejar. Além disso, o que a tornava muito séria era que o Governo Federal antecipadamente lhe havia feito concessão dos territórios árticos, no caso em que

a adjudicação o tornasse definitivamente proprietário.

Em suma, dividiram-se as opiniões. Uns não quiseram ver em tudo isto senão um destes prodigiosos *humgugs* americanos, que iriam além dos limites do *puffismo* se a *ingenuidade* humana não fosse infinita. Outros pensavam que esta proposta merecia ser acolhida com seriedade, insistindo precisamente em que a nova sociedade não fazia apelo algum à bolsa do público. Era com os seus próprios capitais que pretendia tornar-se proprietária das regiões árticas. Não procurava, pois, absorver os dólares, as notas de banco, o ouro e a prata dos papalvos para encher os seus cofres. Não! Pedia simplesmente para pagar com os seus próprios capitais o imóvel circumpolar.

Aos previdentes parecia que a sobredita sociedade não teria senão a alegar simplesmente o direito do primeiro ocupante, indo tomar posse desse território de que ela provocava a venda. Aqui, porém, residia precisamente a dificuldade, porque até esse dia o oceano do pólo parecia completamente interdito ao homem.

Por isso, para o caso de os Estados Unidos ficarem senhores desse domínio, os concessionários queriam possuir um contrato em regra, para que, mais tarde, não viesse alguém contestar o seu direito. Seria injusto censurá-los por este facto. Procediam com prudência. Quando se trata de tomar compromissos em questões desta natureza, não são demasiadas todas as precauções legais.

A declaração continha, além disso, uma cláusula que previa as incertezas do futuro.

Esta cláusula, que devia dar lugar a bastantes interpretações contraditórias, porque o seu verdadeiro sentido escapava aos espíritos mais perspicazes, era a última. Estipulava ela *que o direito de propriedade não poderia caducar, mesmo no caso em que se operassem modificações de qualquer natureza, no estado geográfico e meteorológico do globo terrestre.*

Que significava esta frase? Que eventualidade tinha em vista prever? Como poderia a Terra sofrer jamais uma modificação de que tivessem de tomar conhecimento a geografia ou a meteorologia — sobretudo no que dizia respeito

aos territórios postos em adjudicação?

Evidentemente, diziam os espíritos prudentes, há aqui alguma coisa oculta.

Por isso, as interpretações abundaram; o caso era de molde para excitar a perspicácia de uns e a curiosidade de outros.

Um jornal de Filadélfia, o *Ledger,* publicou logo a seguinte nota graciosa:

> Os cálculos mostraram, decerto, aos futuros compradores das regiões árticas, que um cometa de núcleo duro há de em breve tocar a Terra em condições tais que o choque produzirá as mudanças geográficas e meteorológicas de que a dita cláusula se ocupa.

A frase era um pouco longa, como convém às que têm pretensões a científicas, mas nada esclarecia. Além disso, a probabilidade de um choque com um cometa daquele género não podia ser aceite pelos espíritos sérios. Em todo o caso, era inadmissível que os concessionários se tivessem preocupado com tão hipotética eventualidade.

— Imagina por acaso a nova sociedade — dizia o *Delta,* de Nova Orleães — que a pressão dos equinócios poderá um dia produzir modificações favoráveis à exploração do seu domínio?

— E porque não, se esse movimento modifica o paralelismo do eixo do nosso esferoide? — observou o *Harburger Correspondent.*

— Efetivamente — respondeu a *Revue Scientifique* de Paris — não afirmou Adhémar, no seu livro sobre *As Revoluções do Mar,* que a precessão dos equinócios, combinada com o movimento secular do eixo maior da órbita terrestre, deverá produzir uma modificação de longo período na temperatura média dos diferentes pontos da Terra e nas quantidades de gelo acumuladas nos dois pólos?

— Isso não é certo — replicou a *Revue d'Edimbourg.* — E, quando menos o fosse, não será preciso um período de doze mil anos para que Vega venha a ser, em virtude desse fenómeno, a nossa estrela polar, e para que a situação dos

territórios árticos mude sob o ponto de vista climatérico?

— Pois bem — respondeu o *Dagblad*, de Copenhaga —, daqui a doze mil anos será então tempo de constituir o capital! Mas, antes dessa época, arriscar um *krone*, nunca!

Se era possível, todavia, que a *Revue Scientifique* tivesse razão com Adhémar, era bem provável, igualmente, que a North Polar Practical Association não houvesse contado nunca com esta modificação devida à precessão dos equinócios.

O facto era que ninguém chegava a saber o que significava a cláusula do famoso documento, nem que mudança cósmica previa no futuro.

Bastaria, talvez, para o saber, dirigir-se alguém ao conselho de administração da nova sociedade e, mais em especial, ao seu presidente, mas o presidente era desconhecido! Desconhecidos eram igualmente o secretário e os membros do dito conselho. Ignorava-se até de quem emanava a declaração. Tinha sido levada aos escritórios do *New-York Herald* por um certo William S. Forster, de Baltimore, respeitável consignatário de bacalhau por conta da casa Ardrinell and Co., da Terra Nova — evidentemente um testa de ferro. Tão mudo sobre este assunto como os produtos consignados aos seus armazéns, nem os mais curiosos nem os mais hábeis repórteres puderam jamais tirar dele coisa alguma. Em suma, esta North Polar Practical Association era de tal modo anónima, que nem o nome de um só membro se lhe podia citar. É verdadeiramente a última palavra do anónimo.

Se os promotores desta operação industrial persistiam, todavia, em manter as suas personalidades em absoluto mistério, o seu fim era nítida e claramente indicado pelo documento que fora distribuído pelo público dos dois mundos.

Era, com efeito, evidente que se tratava de adquirir a propriedade da parte das regiões árticas, limitada pelo 84.º grau de latitude, de que o pólo constitui o ponto central.

Nada mais certo, além disso, do que haverem ficado aquém deste paralelo os viajantes, de entre os mais recentes que se haviam aproximado desse ponto

inacessível: Parry, Markhan, Lockwood e Brainard. Quanto aos outros navegadores dos mares boreais, tinham ficado em latitudes sensivelmente inferiores, assim: Payez, em 1874, atingiu 82° 15’, ao norte da terra de Francisco José e da Nova Zembla; Leout, em 1870, chegou a 72° 47’, para cima da Sibéria; De Long, na expedição da «Jeannette», em 1879, deteve-se a 78° 45’, sobre as paragens das ilhas que têm o seu nome. Alguns, passando além da Nova Sibéria e da Gronelândia, na altura do cabo Bismarck, não tinham passado além dos paralelos 76.º, 77.º e 79.º.

Deixando, pois, uma diferença de vinte e cinco minutos de arco, entre o ponto —seja 83° 35’ — em que Lockwood e Brainard tinham tocado, e o paralelo 84.º, como indicava a declaração da North Polar Practical Association, não usurpava ela descobertas anteriores.

O seu projeto compreendia terrenos absolutamente virgens de vestígio humano.

Vejamos agora qual é a superfície dessa porção do Globo, circunscrita pelo paralelo 84.º:

De 84° a 90° medeiam seis graus, que, a sessenta milhas cada um, dão o raio de trezentas e sessenta milhas e o diâmetro de setecentas e vinte.

A circunferência é, pois, de duas mil duzentas e sessenta milhas e a superfície de quatrocentas e sete mil milhas quadradas, em números redondos[1].

Aproximadamente a décima parte da Europa. Um bocado de belas dimensões!

Como se viu, o documento estabelecia também o princípio de que essas regiões, ainda não conhecidas geograficamente, não pertencendo a ninguém, eram de todos. Que a maior parte das potências não pensassem em reivindicar a este respeito coisa alguma, era de supor. Mas era, por outro lado, também fácil de prever que, pelo menos, os Estados limítrofes quereriam considera-las como prolongamento das suas possessões para o norte *c* se prevaleceriam, portanto, do direito de propriedade. Estas pretensões seriam, afinal, tanto mais justificadas

quanto era certo que as descobertas feitas no conjunto das regiões árticas haviam sido mais particularmente devidas à audácia dos seus cidadãos. Por isso, o Governo Federal, representado pela nova sociedade, colocava esses Estados em circunstâncias de fazerem valer os seus direitos e pretendia indemnizá-los com o preço da aquisição. Fosse como fosse, os partidários da North Polar Practical Association não cessavam de o repetir. A propriedade estava indivisa e, como ninguém é forçado a conservar-se na indivisão, ninguém igualmente poderia opor-se à venda desta vasta região.

Os Estados que, na qualidade de limítrofes, tinham indiscutíveis direitos, eram seis: a América, a Inglaterra, a Dinamarca, a Suécia-Noruega, a Holanda e a Rússia. Outros Estados ainda podiam, porém, alegar as descobertas dos seus marinheiros e dos seus viajantes.

Assim, a França poderia intervir, por isso que alguns de seus filhos tinham tomado parte nas expedições que tiveram por fim a conquista dos territórios circumpolares. Não se pode, porventura, citar, entre outros, esse corajoso Bellot, morto em 1853, nas paragens da ilha Beechey, durante a viagem da «Phenix», enviada à procura de John Franklin? Deve esquecer-se o Dr. Octávio Pavy, morto em 1884, perto do cabo Sabine, durante a estada da missão Greely no forte Conger? E essa expedição que, em 1838-39, levou até aos mares de Spitzberg Charles Martins, Marmier, Bravais e os seus audazes companheiros, não seria injusto deixá-la em esquecimento? Apesar disso, a França não julgou conveniente meter-se nessa empresa, mais industrial do que científica, e abandonou a sua parte do bolo polar em que as outras potências se arriscavam a quebrar os dentes. Teve talvez razão e bem andou.

O mesmo sucedia à Alemanha. Tinha ela no seu ativo, desde 1671, a expedição do hamburguês Frederico Martens ao Spitzberg e, em 1869-70, as da «Germânia» e da «Hansa», comandadas por Koldervey e Hegeman, que subiram até ao cabo Bismarck, costeando a Gronelândia. Apesar, todavia, deste passado de brilhantes descobertas, a Alemanha não pensou dever aumentar o império germânico com um bocado do pólo.

O mesmo se deu com a Áustria-Hungria, apesar de ser já proprietária das terras de Francisco José, situadas ao norte do litoral siberiano.

Quanto à Itália, não tendo direito algum a intervir, não interveio, por mais inverosímil que isto possa parecer.

Existiam também os Samoiedos da Sibéria asiática, os Esquimós, que mais particularmente se acham espalhados pelos territórios da América Setentrional, os indígenas da Gronelândia, do Labrador, do arquipélago Baffin-Parry, das ilhas Aleutas, agrupadas entre a Ásia e a América, enfim os que, sob o nome de Tchouktchis, habitam a antiga Alasca, outrora russa, americana desde 1867. Mas estas tribos —realmente os verdadeiros indígenas, os indiscutíveis autóctones das regiões do Norte — não deviam ter voz na matéria.

E, depois, como poderiam estes pobres diabos oferecer um lanço, por mais pequeno que fosse, no concurso provocado pela North Polar Practical Association? Como poderia pagar esta pobre gente? Em conchas, em dentes e óleo de foca? Pertencia-lhe um pouco, todavia, por direito de primeiro ocupante, essa região que ia ser posta em hasta pública. Mas Esquimós, Tchouktchis, Samoiedos! Nem mesmo se consultam.

Assim vai o mundo!

Capítulo 2

Em que os delegados inglês, holandês, sueco, dinamarquês e russo se apresentam ao leitor

O aviso merecia resposta. Efetivamente, se a nova associação adquirisse as regiões boreais, tornar-se-iam estas propriedades definitivas da América, ou, para melhor dizer, dos Estados Unidos, cuja ativa Confederação tende a crescer sem cessar. Havia alguns anos já, a cessão dos territórios do noroeste, feita pela Rússia, desde a cordilheira setentrional até ao estreito de Béringue, havia-lhe anexado uma boa extensão do Novo Mundo. Era, pois, admissível que as outras potências não vissem com bons olhos esta anexação das regiões árticas à República Federal.

Não obstante, como já foi dito, os diferentes Estados da Europa e da Ásia — não limítrofes destas regiões — negaram-se a concorrer a esta singular licitação, tão problemáticos se lhes antolhavam os resultados. Unicamente as potências cujo litoral se aproxima do 84.º grau resolveram fazer valer os seus direitos por intervenção de delegados oficiais. De resto, ver-se-á, não pretendiam comprar além de um preço relativamente módico, porque se tratava de uma região de que, provavelmente, seria impossível tomar posse. A insaciável Inglaterra, contudo, entendeu dever abrir ao seu agente um crédito de alguma importância.

Apressemo-nos em o dizer: a cessão das regiões circumpolares não ameaçava por forma alguma o equilíbrio europeu e dela não devia resultar a menor complicação internacional. Bismarck — o grande chanceler vivia ainda naquela época — não franzira mesmo a sua espessa sobrancelha de Júpiter alemão.

Ficavam, pois, em concorrência a Inglaterra, a Dinamarca, a Suécia-Noruega, a Holanda e a Rússia, que iam ser admitidas a oferecer lanços perante o corretor de leilões de Baltimore, contraditoriamente com os Estados Unidos.

Ao maior proponente pertenceria a calota gelada do pólo, cujo valor comercial, ao menos, era muito contestável.

Eram as seguintes as razões especiais por que os cinco Estados europeus, assaz racionalmente, desejavam que lhes fosse feita a adjudicação.

A Suécia-Noruega, proprietária do cabo Norte, situado além do 70.º paralelo, não ocultou considerar-se com direitos aos vastos espaços que se estendem até ao Spitzberg e, para além, até ao próprio pólo. O norueguês Kheilhau e o célebre sueco Nordenskiold não haviam, com efeito, contribuído para os progressos geográficos destas paragens? Incontestavelmente.

A Dinamarca afirmava-se: que era já senhora da Islândia e das ilhas Feroé, aproximadamente sobre a linha do círculo polar; que as colónias, fundadas mais ao norte das regiões árticas, as ilhas Disko, no estreito de Davis, os estabelecimentos de Holsteinberg, de Proven, de Goldhaven, de Uppernavik, no mar de Baffin e na costa ocidental da Gronelândia, lhe pertenciam.

Além disso, o famoso navegador Behring, de origem dinamarquesa, bem que estivesse então ao serviço da Rússia, não havia, no ano de 1728, atravessado o estreito, a que deu o seu nome, antes de ir, treze anos mais tarde, morrer miseravelmente, com trinta homens da sua equipagem, no litoral da ilha que tem igualmente o seu nome? Anteriormente, no ano de 1619, o navegador João Munk não havia explorado a costa oriental da Gronelândia e levantado muitos pontos, antes dele perfeitamente desconhecidos? A Dinamarca tinha, pois, sérios direitos para ser compradora.

Quanto à Holanda, os seus náuticos Barentz e Heemskerk haviam visitado o Spitzberg e a Nova Zembla pelos fins do século XVI. Era um dos seus naturais, João Mayen, cuja audaciosa expedição para o norte, em 1611, deu ao seu país a posse da ilha deste nome, situada para além do 71.º grau de latitude. O seu passado, portanto, impunha-lhe obrigações.

Quanto aos Russos, com Alexis Tschirikof, tendo Behring sob as suas ordens, com Paulutski, cuja expedição, em 1751, passou além dos limites do mar Glacial, com o capitão Martinho Spanberg e o tenente William Walton, que se

internaram nestas paragens desconhecidas em 1739, haviam tomado uma parte importante nas investigações feitas no estreito que separa a Ásia da América. Além disso, pela disposição dos territórios siberianos, compreendendo cento e vinte graus até aos limites extremos do Kamtchatka, na extensão deste vasto litoral asiático, em que vivem Samoiedos, Iacutes, Tchouktchis e outras populações sujeitas à sua autoridade, não dominam eles metade do oceano Ártico? Depois, sobre o 75.º paralelo, a menos de novecentas milhas do pólo, não possuem eles as ilhas e as ilhotas da Nova Sibéria, o arquipélago das Liatkov, descoberto no princípio do século XVIII? Enfim, desde 1764, antes dos Ingleses, dos Americanos e dos Suecos, o navegador Tschitschagoff não havia procurado uma passagem do norte, a fim de abreviar os itinerários entre os dois continentes?

No fim de tudo, parecia, porém, que os Americanos eram mais particularmente interessados a tornar-se proprietários deste ponto inacessível do globo terrestre. Haviam eles, também, tentado muitas vezes atingi-lo, procurando Sir John Franklin, com Grinnel, Kane, Hayes, Greely, De Long e outros arrojados navegadores. Igualmente podiam alegar a situação geográfica do seu país, que se estende para além do círculo polar, desde o estreito de Béringue até à baía de Hudson.

Todas estas terras, todas estas ilhas, Wollaston, Príncipe Alberto, Vitória, Rei Guilherme, Melville, Cockburne, Banks, Baffin, sem contar as mil ilhotas deste arquipélago, não eram como o prolongamento que os ligava ao 90.º grau? E depois, se o Pólo Norte se prende por uma linha, quase ininterrupta, de territórios a um dos grandes continentes do Globo, não será antes à América do que aos prolongamentos da Ásia e da Europa? Era natural, pois, que a proposta para o adquirir houvesse partido do Governo Federal em proveito de uma sociedade americana; se alguma potência tinha direitos menos discutíveis à posse do domínio polar eram sem dúvida os Estados Unidos da América.

É necessário reconhecer, todavia, que o Reino Unido, que possuía o Canadá e a Colômbia inglesa, e cujos numerosos navegadores se haviam distinguido nas

expedições árticas, apresentava sólidas razões para querer anexar esta parte do Globo ao seu vasto império colonial. Por isso, os seus jornais discutiram longa e apaixonadamente a questão.

— Sim! Sem dúvida — respondeu o grande geógrafo inglês Kliptringan num artigo do *Times,* que fez sensação —, sim, Suecos, Dinamarqueses, Holandeses, Russos e Americanos podem prevalecer-se dos seus direitos! A Inglaterra, porém, não poderia, sem quebra de dignidade, deixar fugir este domínio. A parte norte do novo continente porventura não lhe pertence já? As terras, as ilhas que a compõem não foram conquistadas pelos seus descobridores desde Willoughi, que visitou o Spitzberg e a Nova Zembla em 1739, até Mac-Clure, cujo navio atravessou, em 1853, a passagem do noroeste?

— E, depois — declarou o *Standard* pela pena do almirante Fize —, por acaso Frobisher, Davis, Hall, Weymouth, Hudson, Baffin, Cook, Ross, Parry, Bechey, Belcher, Franklin, Mulgrave, Scoresby, Mac-Clintock, Kennedy, Nares, Collinson, Archer, não eram de origem anglo-saxónica? Que países poderão reivindicar mais justamente as terras das regiões árticas que estes navegadores não puderam atingir?

— Seja! — respondeu o *Correio de San Diego* (Califórnia). — Ponhamos a questão nos seus verdadeiros termos, e, visto que se ateia o amor-próprio entre os Estados Unidos e a Inglaterra, diremos: se o inglês Markhan, da expedição de Nares, atingiu 83° 20’ de latitude setentrional, os americanos Lockwood e Brainard, da expedição Greely, excedendo-o em quinze minutos de grau, fizeram cintilar as trinta e oito estrelas do pavilhão dos Estados Unidos até 83° 35’. Aos Americanos, pois, cabe a honra de se terem aproximado mais do Pólo Norte!

Tais foram os ataques e tais réplicas.

Por último, enumerando a série dos navegadores que se aventuraram nas regiões árticas, deve ainda citar-se o veneziano Cabot — 1498 — e o português Corte Real — 1500 —, que descobriram a Gronelândia e o Labrador. Nem a Itália nem Portugal, porém, pensaram em tomar parte no concurso projetado, preocupando-se pouco em saber qual o Estado que dele tiraria benefício.

A luta, como se podia prever, apenas seria energicamente sustentada, a golpes de dólares e de libras esterlinas, pela América e pela Inglaterra.

Os países limítrofes das regiões boreais, todavia, apenas formulada a proposta pela North Polar Practical Association, haviam-se reciprocamente consultado por meio de congressos comerciais e científicos, e tinham resolvido, depois de longas discussões, concorrer à licitação, cuja data fora determinada para 3 de dezembro, em Baltimore, fixando, aos seus respetivos delegados, créditos que não podiam ser excedidos. A soma resultante da alienação seria dividida entre os cinco Estados não adjudicatários, a título de indemnização, renunciando eles a todos os direitos futuros.

Não se conseguiu isto sem alguma discussão; mas, enfim, o negócio ficou combinado. Os Estados interessados concordavam, além disso, em que a adjudicação tivesse lugar em Baltimore, como o Governo Federal havia indicado.

Os delegados, munidos das cartas de crédito, deixaram Londres, Haia, Estocolmo, Copenhaga e S. Petersburgo, e, três semanas antes do dia fixado para o concurso, chegaram aos Estados Unidos.

Nesta data, a América era apenas representada pelo agente da North Polar Practical Association, esse William S. Forster, cujo nome figurava só no documento de 7 de novembro, publicado no *New-York Herald*.

Quanto aos delegados dos Estados europeus, eis os que haviam sido escolhidos e que convém definir por alguns traços característicos:

Pela Holanda: Jacques Jansen, antigo conselheiro das índias neerlandesas, cinquenta anos, gordo, baixo, mais corpo do que pernas, braços curtos, pernas pequenas e arqueadas, cabeça ornada de óculos de alumínio, rosto redondo e corado, cabelo em resplendor, suíças grisalhas — um bom homem, um tanto ou quanto incrédulo acerca de uma empresa de que não via bem as consequências práticas.

Pela Dinamarca: Eric Baldenak, ex-subgovernador das possessões gronelandesas, estatura média, um pouco desigual dos ombros, estômago

proeminente, cabeça enorme e desengonçada, míope a ponto de gastar a ponta do nariz sobre os manuscritos e sobre os livros, intransigente em tudo que se referia aos direitos da sua pátria, que considerava como legítima proprietária das regiões do Norte.

Pela Suécia e Noruega: Jan Harald, professor de cosmografia em Cristiania, que havia sido um dos mais ardentes sectários da expedição Nordenskiold, o verdadeiro tipo dos homens do Norte: cara avermelhada, barba e cabelo de um louro que lembrava o dos trigos excessivamente maduros, dando por certo que a calota polar, não sendo ocupada senão pelo mar Paleocrístico, não tinha valor algum. Bastante desinteressado, pois, pela questão, e não vindo ali senão em nome dos princípios.

Pela Rússia: o coronel Karkof, meio militar, meio diplomata, alto, empertigado, grande cabeleira, grande barba, grande bigode, parecendo feito de uma só peça e não estar à vontade vestido à paisana, levando por isso inconscientemente a mão ao sítio da espada, que usara noutros tempos — desejoso sobretudo de saber o que ocultava a proposta da North Polar Practical Association, e se não seria para o futuro causa de dificuldades internacionais.

Finalmente, pela Inglaterra: o major Donellan e o seu secretário, Dean Toodrink. Estes representavam juntos todos os apetites, todas as aspirações do Reino Unido, os seus instintos comerciais e industriais, as suas tendências para considerar como seus, por uma lei natural, os territórios setentrionais, meridionais ou equatoriais que não tenham dono.

Um inglês em toda a extensão da palavra este major Donellan, alto, magro, ossudo, nervoso, anguloso, com pescoço de narceja, cabeça Palmerston sobre ombros descaídos, pernas de cegonha, muito bem conservado apesar dos seus sessenta anos, incansável — e bem o tinha mostrado quando trabalhara no traçado das fronteiras da índia pelo lado da Birmânia. Não ria jamais e era de supor que nunca tivesse rido na sua vida. Para que servia isso? Houve já quem visse rir uma locomotiva, um ascensor ou um barco a vapor?

Nisto diferençava-se o major essencialmente do seu secretário Dean

Toodrink —um rapaz falador, divertido, cabeça grande, cabelo caído sobre a testa, olhos pequenos e piscos. Era escocês de nascença, muito conhecido na *Velha Fumada* pelos seus ditos alegres e o seu gosto por histórias divertidas. Mas, por mais folgazão que fosse, nem por isso se mostrava menos pessoal, exclusivo, intransigente, do que o major Donellan, quando se tratava das reivindicações menos justificadas da Grã-Bretanha.

Eram evidentemente estes dois delegados os adversários mais ferrenhos da sociedade americana. O Pólo Norte pertencia-lhes, era seu desde os tempos pré-históricos, como se fora aos Ingleses que o Criador tivesse confiado a missão de assegurar a rotação da Terra em volta do seu eixo. Saberiam impedir que passasse para outras mãos.

Convém observar que, se a França não havia julgado oportuno mandar delegado seu, oficial ou oficioso, um engenheiro francês tinha vindo, *por amor da arte,* seguir de muito perto este curioso negócio. A seu tempo o veremos aparecer.

Os representantes das potências setentrionais da Europa tinham, pois, chegado a Baltimore por paquetes diferentes, como pessoas que persistem em não se influenciar reciprocamente.

Eram rivais. Cada um tinha no bolso o crédito necessário para a luta. Mas podia bem dizer-se, neste caso, que não iam combater com armas iguais. Este podia dispor de soma que não chegava a um milhão, aquele outro de quantia que o excedia. E, na verdade, para adquirir um pedaço do nosso esferoide, em que parecia impossível pôr o pé, afigurava-se ainda muito caro. O que estava, a esse respeito, de melhor partido, era o delegado inglês, a quem o Reino Unido abrira um importante crédito. Graças a ele, o major Donellan não teria grande dificuldade em vencer os seus adversários sueco, dinamarquês, holandês e russo. A respeito da América, o caso era outro; seria menos fácil batê-la no campo dos dólares. Era pelo menos provável, com efeito, que a misteriosa sociedade devia ter à sua disposição fundos consideráveis.

A luta viria a limitar-se, provavelmente, entre a Grã-Bretanha e os Estados

Unidos.

Com o desembarque dos delegados europeus a opinião tornou-se mais apaixonada. Correram pelos jornais as mais singulares versões. Estabeleceram-se estranhas hipóteses acerca desta aquisição do Pólo Norte. Para que o queriam? Para que poderia servir? — Para nada. A menos que não fosse para renovar as geleiras do Novo e do Antigo Mundo! Foi mesmo esta a opinião que um jornal de Paris, o *Figaro,* sustentou espirituosamente. E ainda para isso seria preciso poder transpor o paralelo 84°!

Entretanto os delegados, que durante a viagem transatlântica tinham procurado evitar-se, começaram a aproximar-se logo que se acharam em Baltimore.

Eis as razões: cada um deles, logo à chegada, tinha procurado relacionar-se com a North Polar Practical Association, sem que os outros o soubessem. Desejavam conhecer, para os aproveitar oportunamente, os motivos ocultos deste negócio, e que proveito a sociedade dele esperava auferir. Até então nada indicava, porém, que ela tivesse estabelecido uma agência em Baltimore; nem escritórios, nem empregados. Para informações dirigir-se a William S. Forster, High-street. E não parecia que o honrado consignatário de bacalhau soubesse mais a esse respeito do que o último carregador da cidade.

Em vista disto, os delegados, que nada puderam saber, achavam-se reduzidos a conjeturas mais ou menos absurdas, fomentadas pelas divagações do público.

Pois havia de ficar impenetrável o segredo da sociedade, enquanto ela o não revelasse? Perguntava-se. Sem dúvida, ela, não quebraria o silêncio senão depois de realizada a aquisição.

Seguiu-se daqui que os delegados acabaram por encontrar-se, visitar-se, sondar-se e finalmente por entrar em relações — talvez com o pensamento reservado de se aliarem contra o inimigo comum, isto é, contra a companhia americana.

Uma ocasião, na noite de 22 de novembro, acharam-se em conferência no Hotel Wolesley, nos aposentos ocupados pelo major Donellan e pelo seu

secretário Dean Toodrink.

Na realidade, esta tendência para comum acordo era devida às hábeis manobras do coronel Boris Karkof, o fino diplomata que nós sabemos.

A princípio a conversa versou sobre as consequências comerciais e industriais que a sociedade pretendia tirar da aquisição do território ártico. O professor Jan Harald perguntou se alguns dos seus colegas havia podido obter qualquer esclarecimento sobre o assunto. E todos a pouco e pouco confessaram que tinham procurado obter informações de William S. Forster, a quem, nos termos do aviso, quaisquer comunicações deviam ser dirigidas.

— Mas fui mal sucedido — disse Erik Baldenak.

— E eu nada consegui — prosseguiu Jacques Jansen.

— Pois eu — acrescentou Dean Toodrink —, quando, em nome do major Donellan, me apresentei nos armazéns de High-street, encontrei um homem gordo, vestido de preto, de chapéu alto, embrulhado num avental branco, que lhe subia dos pés até ao pescoço. Quando lhe pedi informações acerca do negócio, respondeu-me que o «South Star» acabava de chegar da Terra Nova com o carregamento completo e que estava habilitado a fornecer-me um forte *stock* de bacalhau fresco por conta da casa Ardrinell and Co.

— Eh! eh! — replicou o antigo conselheiro das índias neerlandesas, sempre um pouco cético —, mais valia comprar um carregamento de bacalhau do que atirar com o dinheiro às profundezas do oceano Ártico.

— Não é essa a questão — declarou então o major Donellan, com modo seco e altivo. — Não se trata de um *stock* de bacalhau, mas da coroa polar.

— Que a América bem desejaria pôr na cabeça! — acrescentou Dean Toodrink, rindo com o dito.

— Isso constipava-a — afirmou com firmeza o coronel Karkof.

— Não é essa a questão — repetiu o major Donellan — e não sei o que a eventualidade de corizas vem fazer nesta conferência. O certo é que, por qualquer motivo, a América, representada pela North Polar Practical Association (notem, meus senhores, a palavra *practical*), quer comprar uma superfície de

quatrocentas e sete mil milhas quadradas em volta do pólo ártico, superfície circunscrita atualmente (notem, meus senhores, a palavra «atualmente») pelo 84.º grau de latitude norte.

— Sabemos isso, major Donellan — retrucou Jan Harald —, até de mais! Mas o que não sabemos é como a dita sociedade tenciona explorar, sob o ponto de vista industrial, esses territórios, se são territórios, ou esses mares, se são mares...

— Não é essa a questão — interrompeu pela terceira vez o major Donellan. — Um Estado quer, pagando, apropriar-se de uma parte do Globo, que, pela situação geográfica, parece mais especialmente pertencer à Inglaterra.

— À Rússia — contestou o coronel Karkof.

— À Holanda — contestou Jacques Jansen.

— À Suécia-Noruega — contestou Jan Harald.

— À Dinamarca — contestou Eric Baldenak.

Os cinco delegados começavam a emproar-se e o colóquio ia passar às invetivas, quando Dean Toodrink tentou intervir pela primeira vez:

— Meus senhores — disse ele em tom conciliador —, não é essa a questão, empregando a frase de que o meu chefe, o major Donellan, de muito bom grado faz uso. Visto estar decidido, em princípio, que as regiões circumpolares serão postas à venda, necessariamente ficarão pertencendo àquele dos Estados, representados por vós, que oferecer mais elevado lanço. Portanto, visto que a Suécia-Noruega, a Rússia, a Dinamarca, a Holanda e a Inglaterra abriram créditos aos seus delegados, não seria preferível formarem estes um sindicato que lhes permitisse dispor de uma soma tal que a sociedade americana não pudesse lutar com ele?

Os delegados olharam uns para os outros; talvez Dean Toodrink tivesse achado a solução: um sindicato... Hoje em dia, esta palavra dá para tudo. Sindicaliza-se, como se respira, como se bebe, como se come, como se dorme. Nada mais moderno tanto em política como em negócios.

Uma objeção, ou antes, uma explicação, tornava-se, todavia, necessária.

Jacques Jansen julgou interpretar os sentimentos dos seus colegas, perguntando:

— E depois?...

Sim!... Depois de feita a aquisição pelo sindicato?

— Parece-me, porém, que a Inglaterra!... — observou secamente o major.

— E a Rússia — observou o coronel com terrível sobrecenho.

— E a Holanda! — observou o conselheiro.

— Quando Deus deu a Dinamarca aos Dinamarqueses... — observou Eric Baldenak.

— Perdão — exclamou Dean Toodrink —, não há senão um país dado por Deus: é a Escócia!

— Como assim?... — retrucou o delegado sueco.

— Não disse o poeta «Deus nobis *haec otia* fecit» — replicou o trocista, traduzindo a seu modo o final do sexto verso da primeira égloga de Virgílio.

Riram-se todos — exceto o major Donellan —, e com isto se interrompeu de novo a discussão, que já ameaçava acabar mal.

Então Dean Toodrink pôde acrescentar:

— Não disputem, meus senhores, para que serve isso?... Constituamos antes o nosso sindicato...

— E depois? — repetiu Jan Harald.

— Depois? — volveu Dean Toodrink. — Nada mais simples, meus senhores: ou, quando a houverdes comprado, a propriedade do domínio polar entre vós ficará indivisa, ou, mediante justa indemnização, transferi-la-eis a um dos Estados coproprietários. O fim principal, porém, terá sido obtido: eliminar definitivamente os representantes da América!

A proposta era aceitável — na ocasião presente pelo menos —, porque, num futuro próximo, os delegados não deixariam de engalfinhar-se — e sabemos que lhes sobejavam cabelos — quando se tratasse de escolher o definitivo possuidor desse território tão disputado como inútil. De qualquer modo, porém, como tão inteligentemente tinha notado Dean Toodrink, os Estados Unidos ficariam absolutamente fora do concurso.

— Eis o que me parece sensato — disse Erik Baldenak.

— Hábil — disse o coronel Karkof.

— Engenhoso — disse Jan Harald.

— Fino — disse Jacques Jansen.

— Inglês a valer! — concluiu o major Donellan.

Cada um dissera a sua frase com esperança de embaraçar, mais tarde, os seus estimáveis colegas.

— Está, pois, perfeitamente assente — inquiriu Boris Karkof — que, no caso de nos sindicarmos, os direitos de cada Estado ficarão inteiramente salvaguardados para o futuro?...

Estava assente.

Restava, apenas, saber quais os créditos que os diversos Estados tinham posto à disposição dos seus delegados. Somar-se-iam esses créditos, e não era duvidoso produzir o total quantia tão importante que os recursos da North Polar Practical Association não poderiam excedê-la?

A pergunta foi feita por Dean Toodrink.

Então sobreveio nova dificuldade. Fez-se silêncio absoluto. Ninguém queria responder. Mostrar a bolsa? Despejar as algibeiras no cofre do sindicato? Dar antecipadamente a conhecer até que soma cada qual contava cobrir o lanço?...

Ninguém se apressava a fazê-lo! E se algum desacordo sobreviesse mais tarde entre os membros do novo sindicato?... E se as circunstâncias os obrigassem a entrar na luta isoladamente?... E se o diplomata Karkof se melindrasse com as subtilezas de Jacques Jansen, se este se ofendesse com as tricas ocultas de Eric Baldenak, este se irritasse com as rabulices de Jan Harald, este se recusasse a suportar as pretensões altivas do major Donellan, que por sua parte não teria dúvida em forjar intrigas contra cada um dos seus colegas? Enfim, declarar os créditos seria mostrar o jogo, quando era necessário conservá-lo oculto.

Não havia, em verdade, senão duas maneiras de responder à pergunta justa, mas indiscreta, de Dean Toodrink: ou exagerar os créditos — o que seria de

grave embaraço quando se tratasse de os realizar — ou diminuí-los de um modo tão irrisório que tudo viesse a degenerar em brincadeira e se não desse seguimento à proposta.

Esta ideia teve-a primeiro o ex-conselheiro das índias neerlandesas, que, devemos concordar, não era sério; todos os colegas lhe seguiram as pisadas.

— Meus senhores — declarou a Holanda pela sua boca —, sinto dizê-lo, mas para a compra do território ártico não posso dispor de mais de cinquenta *rixdalers*.

— E eu de trinta e cinco rublos — declarou a Rússia.

— E eu de vinte *kronors* — declarou a Suécia-Noruega.

— E eu de quinze *krones* — declarou a Dinamarca.

— Pois bem — declarou o major Donellan, em tom que traduzia aquela desdenhosa atitude tão natural à Grã-Bretanha —, será pois em vosso proveito que se realizará a compra, porque a Inglaterra não pode dispor para ela de mais de um xelim e seis dinheiros[2].

Com esta declaração irónica terminou a conferência dos delegados da velha Europa.

Capítulo 3

Em que se faz a adjudicação das regiões do pólo ártico

Por que razão se ia efetuar esta venda a 3 de dezembro na sala habitual das «Auctions», onde, segundo o costume, se vendiam apenas objetos mobiliários, trastes, utensílios, ferramentas, instrumentos, etc., ou objetos de arte, quadros, estátuas, medalhas, antiguidades? Por que razão, visto que se tratava de uma licitação imobiliária, não a faziam perante um tabelião, ou no tribunal instituído para este género de operações? Enfim, para que era a intervenção de um corretor de leilões, quando se tratava da venda de uma parte do globo terrestre? Poder-se-ia assimilar esse bocado do nosso esferoide a um objeto de mobília, e não seria ele o que de mais imóvel existe no mundo?

Parecia isto com efeito ilógico; contudo, assim aconteceria. Ia-se vender, nestas condições, a totalidade das regiões árticas, e nem por isso o contrato seria menos válido.

Não indicava porventura isto que, na opinião da North Polar Practical Association, o aludido imóvel participava também do móvel, como se fosse possível deslocá-lo?

Esta singularidade não deixava de intrigar certos espíritos eminentemente perspicazes — muito raros, até nos Estados Unidos.

Existia, além disso, um precedente. Parte do nosso planeta havia sido já adjudicada, em uma das salas das «Auctions», em hasta pública e por intermédio de um corretor de leilões. Precisamente na América.

De facto, alguns anos antes, em S. Francisco da Califórnia, uma ilha do oceano Pacífico, a ilha Spencer[3], fora vendida ao milionário William W. Kolderup, que venceu por quinhentos mil dólares o seu concorrente J. R. Taskinar, de Stockton. Esta ilha Spencer foi paga por quatro milhões de dólares.

Em verdade era uma ilha habitável, situada a alguns graus somente da costa da Califórnia, com florestas, cursos de água, solo produtivo e sólido, campos e prados suscetíveis de cultura, e não uma região indecisa, talvez um mar coberto de gelos eternos e defendido por inacessíveis montanhas de gelo, que muito provavelmente ninguém poderia jamais ocupar.

Era, pois, de supor que o incerto domínio do pólo, quando posto em licitação, não atingiria nunca tão considerável preço.

Não obstante, nesse dia, a singularidade do negócio havia atraído, se não muitos amadores sérios, pelo menos grande número de curiosos, desejosos de conhecer o seu desenlace. A luta, em suma, devia ser muito interessante.

Além disso, desde a sua chegada a Baltimore, os delegados europeus haviam sido muito procurados, muito solicitados — e, bem entendido, muito entrevistados. Como o caso se passava na América, não era para admirar que a opinião pública houvesse sido excitada no mais alto grau. Daqui provieram apostas insensatas — a forma mais vulgar pela qual se manifesta nos Estados Unidos esta sobre-excitação, forma de que a Europa começa a seguir de bom grado o contagioso exemplo.

Se os cidadãos da Confederação americana, tanto os da Nova Inglaterra, como os dos Estados do Centro, do Oeste e do Sul, se dividiam em grupos de opiniões diferentes, todos, evidentemente, faziam votos para que vencesse o seu país.

Esperavam que o Pólo Norte se abrigaria sob as pregas do seu pavilhão de trinta e oito estrelas.

E, contudo, não deixavam de experimentar alguma inquietação.

Não era nem da Rússia, nem da Suécia-Noruega, nem da Dinamarca, nem da Holanda que temiam séria competência; mas o Reino Unido achava-se ali também com as suas ambições territoriais, as suas tendências para absorver tudo, a sua reconhecida tenacidade e as suas invasoras notas de banco.

Apostaram-se, pois, fortes somas. Apostava-se pela *América* e pela *Great-Britain*, como se teria apostado por cavalos de corrida e quase com cotações

iguais.

Quanto a *Danemark, Sweden, Holland* e *Russia* — bem que fossem oferecidas a 12 e 13,5 — não achavam aceitantes.

A praça estava anunciada para o meio-dia. Muito cedo já, a multidão de curiosos intercetava a circulação em Bolton-street.

A opinião havia sido extremamente excitada desde a véspera.

Pelo cabo transatlântico, os jornais tinham sido informados de que a maior parte das apostas, oferecidas pelos Americanos, eram aceitas pelos Ingleses, e Dean Toodrink fizera imediatamente afixar esta nota na sala das «Auctions».

O Governo da Grã-Bretanha, afirmava-se, tinha posto fundos consideráveis à disposição do major Donellan.

O Admiralty Office, observava o *New-York Herald,* os lordes do Almirantado exigiam a aquisição das terras árticas, previamente indicadas, para que estas figurassem na nomenclatura das colónias inglesas, etc., etc.

O que haveria de verdade em todas estas versões e de provável nestas notícias? Todos o ignoravam.

Neste dia, porém, em Baltimore, as pessoas prudentes pensavam que a luta poderia terminar em proveito da Inglaterra se a North Polar Practical Association ficasse reduzida aos seus próprios recursos.

Daqui se originou a pressão que os mais ardentes ianques procuravam exercer sobre o Governo de Washington.

No meio desta efervescência, a nova sociedade, encarnada na modesta pessoa do seu agente, William S. Forster, não parecia inquietar-se com a preocupação geral, como se estivesse sem contestação assegurada do sucesso.

À medida que a hora se aproximava, a multidão acumulava-se em toda a extensão da Bolton-street.

Três horas antes da abertura das portas não era possível penetrar na sala do leilão.

Já o espaço reservado ao público estava cheio até quase rebentar as paredes.

Apenas um certo número de lugares, defendidos por uma balaustrada,

haviam sido reservados para os delegados europeus.

Deviam eles, pelo menos, ter possibilidade de seguir as fases da licitação e de apresentar, em ocasião oportuna, os seus lanços.

Nesses lugares viam-se: Eric Baldenak, Boris Karkof, Jacques Jansen, Jan Harald, o major Donellan e o seu secretário Dean Toodrink.

Formavam um grupo compacto, acotovelavam-se como soldados formados em colunas de assalto.

Dir-se-ia, efetivamente, que corriam ao assalto do Pólo Norte!

Por parte da América ninguém se havia apresentado, a não ser o consignatário de bacalhau, cuja fisionomia vulgar traduzia a mais completa indiferença.

Seguramente, parecia o menos comovido da assembleia e não pensava, sem dúvida, senão na colocação dos carregamentos, que esperava pelos navios a partir da Terra Nova.

Quais eram, pois, os capitalistas representados por este bonacheirão, que ia porventura pôr em movimento milhões de dólares?

Era isto de molde a aguçar vivamente a curiosidade pública.

Efetivamente, não podia duvidar alguém de que J. T. Maston e Mrs. Evangelina Scorbitt tivessem algum interesse no negócio.

Ambos se achavam presentes, embora perdidos na multidão, sem lugar especial, e cercados por alguns dos principais sócios do Gun-Club, colegas de J. T. Maston.

Simples espectadores, na aparência, pareciam completamente desinteressados no pleito. O próprio William S. Forster não mostrava conhecê-los.

É inútil dizer que, em contrário aos usos estabelecidos nas salas das «Auctions», não havia meio de ter à disposição do público o objeto em leilão.

Não se poderia passar de mão em mão o Pólo Norte, vê-lo por todas as suas faces e examiná-lo à lente, esfregá-lo com o dedo para verificar se a pátina seria real ou artificial, como um *bibelot* antigo.

E, todavia, antigo era ele — anterior à Idade do Ferro, à Idade do Bronze, à Idade da Pedra, isto é, às épocas pré-históricas, pois que datava do começo do mundo!

Se o Pólo Norte não figurava sobre a secretária do corretor de leilões, uma grande carta geográfica, bem à vista dos interessados, indicava por meio de cores a configuração das regiões árticas. A dezassete graus para cima do círculo polar, um traço encarnado muito forte, sobre o octogésimo quarto paralelo, circunscrevia a parte do Globo de que a North Polar Practical Association havia provocado a alienação.

Parecia natural que esta região fosse ocupada por um mar, coberto por camadas de gelo de espessura considerável; mas esta questão era com os futuros proprietários.

Ao menos, não seriam enganados sobre a natureza da mercadoria.

Ao meio-dia em ponto, o corretor de leilões, Andrew R. Gilmour, entrou por uma pequena porta, aberta nos ornamentos de madeira que revestiam a parede do fundo, e tomou lugar em frente da sua secretária.

Já o seu pregoeiro, Flint, homem com voz de trovão, passeava pesadamente, com movimentos de urso engaiolado, ao longo da balaustrada que continha o público. Um e outro compraziam-se com a ideia de que as suas horas de trabalho lhes dariam um enorme *tantos por cento,* que não sentiam desprazer algum em receber.

Inútil será dizer que a venda seria feita em dinheiro de contado: *cash,* conforme a expressão americana.

Quanto à soma da adjudicação, por mais importante que fosse, devia ser por inteiro entregue aos delegados, por conta dos Estados que não tivessem sido adjudicatários.

Neste momento, a sineta da sala, tocando desesperadamente, anunciou, para fora — é o caso de dizer *urbi et orbi* — que ia dar-se início ao leilão.

Que momento solene aquele!

Todos os corações palpitavam, quer nas cercanias, quer em toda a cidade.

Um longo rumor, elevando-se de Bolton-street, das ruas adjacentes, e propagando-se pelos remoinhos da multidão, penetrou na sala.

Andrew R. Gilmour, para tomar a palavra, teve de esperar que este murmúrio de onda e de multidão se acalmasse pouco a pouco.

Então levantou-se, volveu em torno um olhar pela assembleia; depois, deixando cair a luneta sobre o peito, disse, com voz ligeiramente comovida:

— Meus senhores, por proposta do Governo Federal e graças à aquiescência dada a esta proposta pelos diferentes Estados do Novo Mundo e do Antigo Continente, vamos pôr à venda um lote de imóveis, situados em volta do Pólo Norte, tal como existe nos limites atuais do 84.º paralelo, em continentes, mares, estreitos, ilhas, ilhotas, montanhas de gelo, em geral, quaisquer partes sólidas e líquidas.

Depois, dirigindo o indicador para a parede disse:

— Tende a bondade de fixar a vista sobre a carta, que foi traçada segundo as descobertas mais recentes. Vereis que a superfície deste lote compreende, muito aproximadamente, quatrocentas e sete mil milhas quadradas sem interrupção. Por isso, para facilidade da venda, foi decidido que os lanços se refeririam a cada milha quadrada. Um *cent*[4] valerá, pois, em números redondos, quatrocentos e sete mil *cents*, e um dólar quatrocentos e sete mil dólares. Silêncio, meus senhores!

A recomendação não era supérflua, porque as impaciências do público traduziam-se por um tumulto que a enunciação dos lanços teria bastante dificuldade em dominar.

Quando se restabeleceu um meio silêncio, graças sobretudo à intervenção do pregoeiro Flint, que bramiu como uma *sereia de alarme* em tempo brumoso, Andrew R. Gilmour retomou a palavra nestes termos:

— Antes de começar, devo lembrar ainda uma das cláusulas da adjudicação: o imóvel polar será definitivamente adquirido, ficando a sua propriedade livre de toda a contestação por parte dos vendedores, tal como hoje existe, circunscrito

pelo 84.º grau de latitude setentrional, e, quaisquer que sejam as modificações geográficas e meteorológicas que possam sobrevir no futuro.

Sempre esta singular disposição, inserida no aviso, que, se excitava as facécias de uns, prendia a atenção de outros!

— Está aberta a praça — anunciou o corretor de leilões com voz vibrante.

E enquanto o martelo de marfim se agitava na sua mão, arrastado pelos hábitos de calão em assuntos de venda pública, acrescentou em tom nasal:

— Temos lanço de dez *cents* por milha quadrada!

Dez *cents*, ou um décimo de dólar[5], perfaziam a soma de quarenta mil e setecentos dólares pela totalidade[6] do imóvel ártico.

Tivesse ou não o agente Andrew comprador para tal preço, o lanço foi imediatamente coberto, por conta do Governo dinamarquês, pelo seu representante, Eric Baldenak.

— Vinte *cents*! — disse ele.

— Trinta *cents*! — disse Jacques Jansen, por conta da Holanda.

— Trinta e cinco — disse Jan Harald, por conta da Suécia-Noruega.

— Quarenta — disse o coronel Boris Karkof, por conta de todas as Rússias.

Este último lanço representava já a soma de cento e sessenta e dois mil e oitocentos dólares e, contudo, os lanços apenas começavam!

Convém observar que o representante da Grã-Bretanha não tinha ainda aberto a boca, nem mesmo descerrado os lábios, que comprimia com força.

Pelo seu lado, William S. Forster, consignatário de bacalhau, conservava-se em impenetrável mutismo.

Até este momento parecia absorvido na leitura do *Mercurial of New-Found-Land*, que lhe indicava as chegadas e as cotações do dia para os mercados da América.

— A quarenta *cents* a milha quadrada! — repetiu Flint, terminando a frase com um triunfo —, a quarenta *cents*!

Os quatro colegas do major Donellan entreolharam-se. Haveriam eles,

porventura, esgotado os créditos logo no princípio da luta? Estavam reduzidos a calar-se?

— Vamos, meus senhores — tornou Andrew R. Gilmour —, a quarenta *cents*! Quem lança mais?... Quarenta *cents.* Vale mais do que isto a calota polar...

Supôs-se que ia acrescentar: «...garantida, gelo puro.»

Mas o delegado dinamarquês acabava de pronunciar:

— Cinquenta *cents*!

E o delegado holandês de carregar dez *cents.*

— A sessenta *cents* a milha quadrada! — gritou Flint. — A sessenta *cents*? Ninguém lança mais?

Ora estes sessenta *cents* faziam já a respeitável soma de duzentos e quarenta mil dólares[7].

A assembleia acolheu o lanço da Holanda com um murmúrio de satisfação! Coisa extravagante e bem humana! Os miseráveis *cokneys* sem vintém, que estavam presentes, os pobres diabos que nada tinham na algibeira, pareciam ser os mais interessados nesta luta a golpes de dólares.

Depois da intervenção de Jacques Jansen, o major Donellan, levantando a cabeça, havia encarado o seu secretário Dean Toodrink, mas, a um pequeno sinal negativo deste, conservou-se silencioso.

Quanto a William S. Forster, sempre profundamente mergulhado na leitura dos seus preços correntes, tomava na margem algumas notas a lápis.

J. T. Maston, pela sua parte, respondia com um pequeno aceno de cabeça aos sorrisos de Mrs. Evangelina Scorbitt.

— Vamos, meus senhores, mais animação!... Esmorecemos!... Isto está frio... muito frio... — continuou Andrew R. Gilmour. — Vejamos!... Ninguém diz mais nada!... Vamos adjudicar?...

E o seu martelo abaixava-se e levantava-se como um hissope nas mãos de um sacristão.

— Setenta *cents* — ofereceu o professor Jan Harald, com voz um pouco

trémula.

— Oitenta — acrescentou quase imediatamente o coronel Boris Karkof.

— Vamos!... Oitenta *cents* — gritou Flint, cujos grandes olhos redondos se inflamavam com o fogo dos lanços.

Um gesto de Dean Toodrink fez saltar como um autómato o major Donellan.

— Cem *cents* — disse com tom seco o representante da Grã-Bretanha.

Estas simples palavras comprometiam a Inglaterra em quatrocentos e sete mil dólares[8].

Os que apostavam pelo Reino Unido soltaram hurras, que parte do público repetiu como um eco.

Os que apostavam pela América olharam uns para os outros, assaz desapontados.

Quatrocentos e sete mil dólares?! Era já uma grande soma para essa fantástica região do Pólo Norte!

Quatrocentos e sete mil dólares de icebergues, de *ice-fields* e de montanhas de gelo!

E o homem da North Polar Practical Association sem dizer uma palavra, sem ao menos levantar a cabeça! Não se decidiria ele, enfim, a cobrir o lanço?

Se havia querido esperar que os delegados dinamarquês, sueco, holandês e russo tivessem esgotado os seus créditos, parecia chegado o momento.

A sua atitude indicava, com efeito, que, diante dos cem *cents* do major Donellan, se resolviam a abandonar o campo de batalha.

— A cem *cents* a milha quadrada! — declarou por duas vezes o corretor de leilões.

— Cem *cents*. Cem *cents*. Cem *cents*! — repetiu o pregoeiro Flint, fazendo porta-voz da mão meio fechada.

— Ninguém cobre o lanço? — perguntou Andrew R. Gilmour? — Está entendido? Está bem assente? Não há desgosto? Vai-se adjudicar?

E arqueava o braço que agitava o martelo, percorrendo com olhares

provocantes a assembleia, cujos murmúrios se apagavam em silêncio comovido.

— Uma!... duas!... — tornou ele.

— Cento e vinte *cents* — disse então tranquilamente William S. Forster, sem mesmo levantar os olhos e depois de ter voltado a página do seu jornal.

— Hip!... Hip!... Hip!... — gritaram os apontadores que tinham sustentado as cotações mais altas pelos Estados Unidos da América.

O major Donellan levantou-se a seu turno.

O seu comprido pescoço girava mecanicamente no ângulo formado pelos ombros, e os lábios alongavam-se-lhe em bico.

Fulminava com o olhar o impassível representante da companhia americana, sem, contudo, conseguir resposta — mesmo troca de olhares. Aquele diabo do William Forster não se mexia.

— Cento e quarenta — ofereceu o major Donellan.

— Cento e sessenta — disse Forster.

— Cento e oitenta — gritou o major.

— Cento e noventa — murmurou Forster.

— Cento e noventa e cinco *cents*! — bramiu o delegado da Grã-Bretanha.

E, dizendo isto, cruzou os braços, parecendo dirigir um desafio aos trinta e oito Estados da Confederação.

Ter-se-ia neste momento ouvido andar uma formiga, nadar um peixinho, voar uma borboleta, rastejar um verme, mover-se um micróbio. Todos os corações batiam. Todas as atenções estavam suspensas da boca do major Donellan.

A sua cabeça, tão imóvel de habitual, já não se mexia. Quanto a Dean Toodrink, coçava o *occiput* a ponto de arrancar o couro cabeludo.

Andrew R. Gilmour deixou passar alguns instantes, que pareceram «longos como séculos». O consignatário de bacalhau continuava a ler o jornal e a rabiscar algarismos, que nada tinham, evidentemente, com o negócio de que se tratava.

Estaria ele também com o seu crédito esgotado? Renunciaria a apresentar um

último lanço? Porventura a soma de cento e noventa e cinco *cents* por metro quadrado, ou setecentos e três mil e cinquenta dólares pela totalidade do domínio, parecer-lhe-ia ter atingido os últimos limites do absurdo?

— Cento e noventa e cinco *cents*! — repetiu o corretor de leilões. — Vai-se adjudicar...

E o seu martelo estava prestes a cair sobre a mesa.

— Cento e noventa e cinco *cents*! — repetiu o pregoeiro.

— Adjudique!... Adjudique!

Esta intimação foi feita por muitos espectadores impacientes, como censura às hesitações de Andrew R. Gilmour.

— Uma... duas... — gritou ele.

Todos os olhares estavam voltados para o representante da North Polar Practical Association.

Pois bem! Esse homem extraordinário preparava-se neste momento para se assoar, demoradamente, a um grande lenço de seda de quadrados, que comprimia com força o orifício das suas fossas nasais.

Os olhares de J. T. Maston estavam, todavia, fitos nele, e os olhos de Mrs. Evangelina Scorbitt seguiam a mesma direção.

Poderia conhecer-se pela palidez quanto era violenta a comoção que procuravam dominar. Porque hesitava William S. Forster em cobrir o lanço do major Donellan?

William S. Forster assoou-se segunda, depois terceira vez, com o ruído de uma verdadeira girândola. Entre as duas últimas fungadelas, tinha, porém, murmurado com uma voz doce e modesta:

— Duzentos *cents*!

Um longo estremecimento percorreu o auditório. Depois, os *hips* americanos soaram a ponto de estremecer os vidros.

O major Donellan, acabrunhado, esmagado, achatado, havia caído perto de Dean Toodrink, não menos desorientado do que ele.

Este preço por milha quadrada dava a enorme soma de oitocentos e catorze

mil dólares[9], e era visível que o crédito britânico não consentia excedê-la.

— Duzentos *cents*! — repetiu Andrew R. Gilmour.

— Duzentos *cents*! — vociferou Flint.

— Uma... duas! — repetiu ainda outra vez o corretor. — Ninguém dá mais?

O major Donellan, por um movimento involuntário, levantou-se de novo e olhou para os outros delegados. Estes só nele confiavam para impedir que a propriedade no Pólo Norte escapasse às potências europeias. Este esforço, porém, foi o último. O major abriu a boca, tornou a fechá-la e, na sua pessoa, a Inglaterra caiu desfalecida sobre o banco.

— Adjudicado! — gritou Andrew R. Gilmour, batendo sobre a mesa com a extremidade do martelo de marfim.

— Hip!... Hip!... Hip!... pelos Estados Unidos! — berraram os partidários da potência vitoriosa.

Num instante, a notícia da aquisição espalhou-se pelos bairros de Baltimore, em seguida, pelos fios telegráficos, pela superfície de toda a Confederação; finalmente, pelos fios submarinos, fez erupção no Velho Mundo.

Era a North Polar Practical Association que, por intermédio do seu testa de ferro, William S. Forster, se tornava proprietária do domínio ártico compreendido pelo paralelo 84°.

No dia seguinte, quando William S. Forster foi apresentar a declaração de procurador, o nome que deu foi o de Impey Barbicane, em que se encarnava a dita companhia sob a firma social: Barbicane and Co.

Capítulo 4

Em que reaparecem antigos conhecidos dos nossos jovens leitores

Barbicane and Co!... O presidente de um clube de artilheiros! Em boa verdade, o que vinham os artilheiros fazer numa operação desta natureza?... Vamos vê-lo.

Será, porventura, necessário apresentar oficialmente Impey Barbicane, presidente do Gun-Club de Baltimore, o capitão Nicholl, J. T. Maston, Tom Hunter, o das pernas de pau, o buliçoso Bilsby, o coronel Bloomsberry e os outros seus colegas? Não! Se estas excêntricas personagens têm os seus vinte anos a mais, desde a época em que a atenção do mundo inteiro foi por eles atraída, ficaram os mesmos, sempre tão incompletos fisicamente como bulhentos, audaciosos, entusiastas, quando se tratava de alguma aventura extraordinária. O tempo não teve ação sobre esta legião de artilheiros reformados. Respeitou-os como respeita os canhões fora de serviço que guarnecem os museus dos antigos arsenais.

Se o Gun-Club contava mil oitocentos e trinta e três membros, na ocasião da sua fundação — trata-se das pessoas e não dos membros, tais como braços ou pernas, que a maior parte não possuíam —, se trinta mil quinhentos e setenta e cinco correspondentes se orgulhavam com o laço que os prendia ao dito clube, estes números não tinham diminuído; pelo contrário. Graças à tentativa inverosímil que havia feito para estabelecer comunicação direta entre a Terra e a lua[10], a sua celebridade tinha aumentado em enorme proporção.

Não esqueceu ninguém o eco que teve esta memorável experiência, em que em poucas linhas convém resumir.

Anos depois da Guerra da Separação, alguns dos sócios do Gun-Club, cansados da ociosidade, propuseram-se enviar um projétil à lua, por meio de

uma columbíada monstro. Um canhão, de novecentos pés de comprimento e de nove de alma, solenemente fundido em City-Moon, no solo da península floridiana, foi carregado com quatrocentas mil libras de algodão-pólvora. Um projétil cilindrocónico de alumínio, lançado por este canhão, dirigiu-se para o astro da noite sob a pressão de seis milhões de litros de gases. Depois de haver feito a volta do astro, por causa de um desvio na trajetória o projétil tornou a cair na Terra, mergulhando no Pacífico, por 27° 7’ de latitude norte e 41° 37’ de longitude oeste. Foi nestas paragens que a «Susquehanna», fragata da marinha federal, o pescou à superfície do oceano, com grande proveito dos seus ocupantes.

Ocupantes, de facto! Dois sócios do Gun-Club, o presidente Impey Barbicane e o capitão Nicholl, acompanhados por um francês, muito conhecido pelas suas audácias de quebra-costas, tinham tomado lugar naquele vagão-projétil. Os três haviam voltado sãos e salvos; se os dois americanos, porém, continuavam sempre prontos para arriscar-se em nova aventura, o francês Miguel Ardan estava ausente. De regresso à Europa, segundo parece, havia feito fortuna — o que não deixou de surpreender muita gente — e, presentemente, possuía as suas couves, comia-as e até as digeria, se devemos acreditar nos repórteres mais bem informados.

Depois deste prodigioso feito, Impey Barbicane e Nicholl tinham gozado a celebridade em relativo repouso. Sempre impacientes por grandes empreendimentos, fantasiavam outra operação deste género. O dinheiro não lhes faltava. Do último negócio restavam-lhes ainda perto de duzentos mil dólares, dos cinco milhões e meio que lhes havia rendido a subscrição pública aberta no Novo e no Antigo Mundo. Além disso, exibindo-se apenas pelos Estados Unidos no seu projétil de alumínio, como fenómeno numa gaiola, tinham ainda realizado excelentes receitas e colhido tanta glória quanto pode comportar a mais exigente ambição humana.

Impey Barbicane e o capitão Nicholl poderiam, pois, viver sossegados se os não minasse o aborrecimento. E foi, sem dúvida, para saírem da inação que

acabavam de comprar o lote das regiões árticas.

Não esqueçamos, porém, que se esta aquisição pudera ser realizada pelo preço de pouco mais de oitocentos mil dólares, fora devido a que Mrs. Evangelina Scorbitt havia contribuído para o negócio com a soma que faltava. Graças a esta generosa mulher, a Europa havia sido vencida pela América.

Eis ao que era devida esta generosidade. Depois da volta à lua, se o presidente Barbicane e o capitão Nicholl gozavam de rara celebridade, outro homem existia que partilhava boa parte dela. Trata-se, como é fácil adivinhar, de J. T. Maston, o fogoso secretário do Gun-Club. Não era, porventura, a este hábil calculador que se deviam as fórmulas matemáticas que haviam permitido tentar a grande experiência acima citada? Se ele não acompanhara os seus dois colegas na extraordinária viagem não fora por qualquer espécie de receio, mas porque o digno artilheiro, além de maneta do braço direito, tinha um crânio de guta-percha, em resultado de um desses acidentes muito vulgares na guerra. E, sinceramente, mostrar-se assim aos Selenitas era dar-lhes fraca ideia dos habitantes da Terra, de que a lua, no fim de contas, não passa de ser humilde satélite.

Com profundo desgosto, J. T. Maston foi, pois, obrigado a resignar-se e a não partir. Apesar disso, não ficara ocioso. Após ter mandado proceder à construção de um imenso telescópio, que foi levantado no píncaro de Long’s Peak, um dos mais elevados cumes das Montanhas Rochosas, transportara-se para ali em pessoa. Depois, desde que o projétil se deixou ver, desenhando no céu majestosa trajetória, não abandonou jamais o seu posto de observação.

Ali, diante da ocular do gigantesco instrumento, deu-se ao encargo de seguir os seus amigos, cujo veículo aéreo fitava através do espaço.

Deviam ser julgados eternamente perdidos para a Terra os audaciosos viajantes. Efetivamente, não poderia temer-se que o projétil, mantido em nova órbita pela atração lunar, fosse obrigado a gravitar, para sempre, em volta do astro da noite como um subsatélite? Não aconteceu, porém, assim! Um desvio, que podemos chamar providencial, modificou a direção do projétil, que, depois

de haver dado a volta à lua sem lhe tocar, em queda progressivamente acelerada tornou a voltar para o nosso esferoide, com a velocidade que atingia cinquenta e sete mil e seiscentas léguas por hora, no momento em que mergulhou nos abismos do mar.

As massas líquidas do Pacífico haviam, felizmente, amortecido a queda, de que fora testemunha a fragata americana «Susquehanna». A notícia foi imediatamente transmitida a J. T. Maston. O secretário do Gun-Club deixou a toda a pressa o observatório de Long's Peak, a fim de proceder à salvação. Nas paragens em que mergulhara o projétil fizeram-se sondagens e o dedicado J. T. Maston não hesitou em vestir o escafandro para descobrir os seus amigos.

Na verdade, não teria sido necessário dar-se a tão grande trabalho. O projétil de alumínio, deslocando uma quantidade de água de peso superior ao seu próprio peso, subira à superfície do Pacífico, depois de ter dado um soberbo mergulho. E foi nestas condições que o presidente Barbicane, o capitão Nicholl e Miguel Ardan haviam sido encontrados na superfície do oceano: jogavam o dominó na sua prisão flutuante.

Voltando, agora, a J. T. Maston, é necessário dizer que a parte que tomara nestas extraordinárias aventuras c havia posto muito em evidência.

J. T. Maston não era, certamente, belo com o seu crânio postiço e o seu antebraço direito terminado por um gancho metálico. Não era novo, também, pois já contava cinquenta e oito anos, feitos e refeitos, na época em que esta história começa. Mas a originalidade do seu caráter, a vivacidade da sua inteligência, o fogo que animava o seu olhar, a energia que manifestava em todas as coisas, tinham feito dele um tipo ideal aos olhos de Mrs. Evangelina Scorbitt. Enfim, o seu cérebro, cuidadosamente defendido por uma calota de guta-percha, estava intacto e passava ainda, com justos títulos, por pertencer a um dos mais notáveis calculadores do seu tempo.

Ora, Mrs. Evangelina Scorbitt — apesar de o menor cálculo lhe provocar dores de cabeça — nutria simpatia pelos matemáticos. Considerava-os como seres de espécie particular e superior. Pensai, pois! Cabeças em que os *xx* se

movem como nozes num saco, cérebros que se divertem com os sinais algébricos, mãos que jogam com os integrais triplos, como um equilibrista com copos e garrafas, inteligências que compreendem alguma coisa de fórmulas deste género:

$$\int\int\int \varphi\,(x\ y\ z)\ dx\ dy\ dz.$$

Sim! Estes sábios pareciam-lhe dignos da maior admiração e próprios para que uma mulher se sentisse atraída por eles proporcionalmente às massas e na razão inversa do quadrado das distâncias. Ora, precisamente, J. T. Maston era assaz corpulento para exercer sobre ela atração irresistível; enquanto à distância, seria absolutamente nula se pudessem vir a ser um do outro.

Isto, devemos confessá-lo, não deixava de inquietar o secretário do Gun-Club, que não havia, jamais, procurado a felicidade em uniões tão estreitas. De resto, Mrs. Evangelina Scorbitt não estava já na primeira mocidade — nem mesmo na segunda —com os seus quarenta e cinco anos, cabelos empastados sobre as fontes, como um estofo tinto e retinto, boca excessivamente guarnecida de dentes muito compridos, dos quais não perdera um só, corpo sem perfil, andar sem graça.

Em resumo, a aparência de uma solteirona, ainda que tivesse sido casada alguns anos apenas, é certo. Era, porém, excelente pessoa, a quem não faltariam os gozos terrestres se pudesse fazer-se anunciar nos salões de Baltimore com o nome de Mrs. J. T. Maston.

A fortuna desta viúva era considerável. Não que ela fosse rica como os Gould, os Mackay, os Vanderbilt, os Gordon Bennett, cuja fortuna excede mil milhões e que poderiam dar esmola a um Rothschild. Não que ela possuísse trezentos milhões como Mrs. Moses Carper, duzentos milhões como Mrs. Stewart, oitenta milhões como Mrs. Crocker, três viúvas de se lhe tirar o chapéu;

nem que fosse rica como Mrs. Hammersley, Mrs. Helly Green, Mrs. Maffitt, Mrs. Marshall, Mrs. Para Stevens, Mrs. Mintury e algumas outras! Todavia, teria tido direito de tomar lugar nesse memorável festim do Fifth-Avenue Hotel, em Nova Iorque, em que se não admitiam senão convivas cinco vezes milionários. Na realidade, Mrs. Evangelina Scorbitt dispunha de quatro milhões de dólares, ou seja, vinte milhões de francos, que herdara de John P. Scorbitt, enriquecido pelo duplo comércio de artigos de modas e de porcos salgados. Pois bem! A generosa viúva dar-se-ia por feliz em utilizar esta fortuna em proveito de J. T. Maston, ao qual daria, ainda, um tesouro de ternura mais inesgotável.

E, esperando isto, Mrs. Evangelina Scorbitt, a pedido de J. T. Maston, havia de bom grado concedido em aplicar algumas centenas de mil dólares ao negócio da North Polar Practical Association, sem mesmo saber do que se tratava. Na verdade, envolvendo J. T. Maston, estava segura de que a obra não podia deixar de ser grandiosa, sublime, sobre-humana. O passado do secretário do Gun-Club era garantia do futuro.

Depois da adjudicação, quando a declaração do procurador lhe indicou que o conselho de administração da nova sociedade ia ter por presidente o do Gun-Club, sob a firma Barbicane and Co., imagine-se se ela devia ter ou não inteira confiança! Do momento em que J. T. Maston fazia parte do «and Co.» não devia regozijar-se por ser a mais forte acionista?

Por esta forma, Mrs. Evangelina Scorbitt achava-se proprietária — pela mais forte soma — dessa parte das regiões árticas circunscritas pelo 84.º paralelo. Nada melhor!

Mas que faria delas? Ou, antes, como pretendia a sociedade tirar qualquer proveito daquele domínio inacessível?

Era sempre esta a questão, e se, no ponto de vista dos interesses pecuniários, importava muito seriamente a Mrs. Evangelina Scorbitt, no ponto de vista de curiosidade geral prendia o mundo inteiro.

Esta excelente senhora tinha tentado — aliás muito discretamente — sondar a este respeito J. T. Maston, antes de pôr fundos à disposição do promotor do

negócio; este, porém, havia-se invariavelmente conservado na maior reserva.

Mrs. Evangelina Scorbitt havia de saber bem depressa do que se tratava; mas não antes de chegada a hora de pasmar o Universo, fazendo-lhe conhecer o fim da sociedade!

Sem dúvida, na sua opinião, tratava-se de uma empresa, que, como disse João Jacques, «não teve jamais exemplo e não terá imitadores»; de uma obra destinada a deixar na sombra a tentativa, realizada pelos sócios do Gun-Club, para estabelecer direta comunicação com o satélite terrestre.

Se ela insistia, J. T. Maston, pondo o gancho sobre os lábios meio cerrados, limitava-se a dizer-lhe:

— Querida Mrs. Scorbitt, tende confiança!

Ora, se Mrs. Evangelina Scorbitt tinha tido confiança «antes», que imensa satisfação não experimentou ela «depois», quando o fogoso secretário lhe atribuiu o triunfo dos Estados Unidos da América e a derrota da Europa Setentrional.

— Mas, enfim, não poderei eu saber agora...? — perguntou ela, sorrindo ao eminente calculador.

— Sabê-lo-á bem depressa! — asseverou J. T. Maston, que vigorosamente apertou e sacudiu à americana a mão da sua coassociada.

Esta sacudidela teve por efeito imediato acalmar as impaciências de Mrs. Evangelina Scorbitt.

Alguns dias depois, o Antigo e o Novo Mundo não foram menos sacudidos — sem falar da sacudidela que os esperava no futuro — quando foi conhecido o projeto, absolutamente insensato, para cuja realização a North Polar Practical Association ia apelar para subscrição pública.

Efetivamente, se a sociedade havia adquirido parte das regiões circumpolares fora com o fim de explorar as hulheiras do Pólo Norte!

Capítulo 5

Em primeiro lugar, pode-se admitir que existam hulheiras próximo do Pólo Norte?

Foi esta a primeira pergunta que se formulou no espírito das pessoas dotadas de alguma lógica.

— Porque existirão jazigos de hulha nas proximidades do pólo? — diziam uns.

— Porque não existirão? — responderam outros.

Como é sabido, as camadas de carvão estão espalhadas em muitos pontos da superfície do Globo. Abundam em diferentes países da Europa. Quanto às duas Américas, possuem-nas consideráveis e, talvez, os Estados Unidos sejam os mais ricamente providos delas. Não faltam, todavia, nem à África, nem à Ásia, nem à Oceânia.

À medida que se aperfeiçoa o reconhecimento da crusta do Globo, descobrem-se estes jazigos em todas as camadas geológicas, a antracite nos terrenos mais antigos, a hulha nos terrenos carboníferos superiores, a estípite nos terrenos secundários, a lignite nos terrenos terciários. O combustível mineral não faltará, pois, num espaço de tempo que se conta por centenas de anos.

A extração do carvão, todavia, de que a Inglaterra produz só por si cento e sessenta milhões de toneladas, eleva-se anualmente a quatrocentos milhões de toneladas em todo o mundo. Ora, este consumo não parece dever cessar de aumentar com as crescentes necessidades da indústria. Se a eletricidade se substituir ao vapor, como força motriz, haverá sempre despesa igual de hulha para a produção desta força. O estômago industrial alimenta-se exclusivamente de carvão: não come outra coisa. A indústria é um animal «carbonívoro»; é indispensável alimentá-lo.

E depois o carvão não é apenas um combustível, é também a substância

telúrica de que a ciência tira, atualmente, mais produtos e subprodutos para usos diversos. Com as transformações, por ele sofridas nos cadinhos do laboratório, pode-se tingir, adoçar, aromatizar, evaporar, purificar, aquecer, iluminar e ornar, produzindo o diamante. O carvão é tão útil como o ferro e até mais útil.

Felizmente, quanto a este último metal, não é para temer que possa ser jamais esgotado; é a própria composição do globo terrestre.

Na realidade, a Terra deve ser considerada como uma grande massa de ferro, mais ou menos carbonizado, no estado de fluidez ígnea, coberta de silicatos líquidos, espécie de escórias revestidas pelas rochas sólidas e pela água.

Os outros metais, assim como a água e a pedra, entram em proporção muito reduzida na composição do nosso esferoide.

Se a produção do ferro, porém, está assegurada até à consumação dos séculos, à do carvão de pedra não acontece o mesmo. Bem longe disso. As pessoas sensatas, que se preocupam com o futuro, mesmo quando ele se conta por muitos centos de anos, devem, pois, procurar minas de carvão por toda a parte em que a previdente natureza as formou nas épocas geológicas.

— Perfeitamente! — responderam os contraditores.

Ora, nos Estados Unidos, como por toda a parte, encontram-se indivíduos que, por inveja, ou por ódio, gostam de contradizer.

— Perfeitamente! — disseram os mesmos contraditores. — Mas porque haverá carvão no Pólo Norte?

— Porquê? — redarguiram os partidários do presidente Barbicane. — Porque, muito provavelmente, na época das formações geológicas, o volume do sol era tal, segundo a teoria de M. Blandet, que a diferença de temperatura entre o equador e os pólos não era apreciável. Nesse tempo, imensas florestas cobriam as regiões setentrionais do Globo, bem antes da aparição do homem, quando o nosso planeta estava sujeito à ação permanente do calor e da humidade.

Era isto o que os jornais, as revistas, os arquivos, partidários da sociedade, desenvolviam em mil artigos variados, já sob a forma espirituosa, já sob a forma científica. Ora, estas florestas, acamadas no tempo das enormes convulsões que

abalaram o Globo antes de ele tomar a sua forma definitiva, devem, certamente, transformar-se em hulheiras, sob a ação do tempo, da água e do calor central. Nada há, por isso, mais admissível do que a hipótese segundo a qual a região polar é rica em jazigos de hulha.

De resto, existem factos — factos indiscutíveis. Os espíritos positivos, que não querem fiar-se em meras probabilidades, não podiam pô-los em dúvida; eram tais que autorizavam a procura das diferentes variedades de carvão na superfície das regiões boreais.

Deste assunto ocupavam-se, exatamente, o major Donellan e o seu secretário, alguns dias depois, reunidos em sombrio recanto do botequim dos *Two Friends.*

— Eh! — dizia Dean Toodrink — porventura este Barbicane (que Berry um dia enforque) terá razão?

— É provável — admitiu o major Donellan —, direi mesmo que a deve ter.

— Mas nesse caso haverá fortunas para ganhar na exploração das regiões polares?

— Certamente! — asseverou o major. — Se a América do Norte possui vastos jazigos do combustível mineral, se frequentemente se descobrem novos jazigos, não é ponto de dúvida que muitos e importantes há ainda para descobrir, Sr. Toodrink. Ora, por identidade de constituição e de aspeto, as terras árticas parecem ser anexos do continente americano. Muito particularmente, a Gronelândia é o prolongamento do Novo Mundo; é certo que a Gronelândia se prende à América...

— Como a cabeça de um cavalo, de que tem a forma, se liga ao corpo do animal — concluiu o secretário do major Donellan.

— Acrescentarei — continuou este — que, durante as suas expedições no território gronelandês, o professor Nordenskiold determinou formações rudimentares, constituídas por grés e xistos com intercalações de lignite, que encerravam grande quantidade de plantas fósseis. Só no distrito de Disko, o dinamarquês Stoenstrup descobriu setenta e um jazigos, em que abundavam

moldes vegetais, indiscutíveis vestígios dessa poderosa vegetação que outrora se agrupava, com extraordinária intensidade, em volta do eixo polar.

— Mais acima, porém?... — objetou Dean Toodrink.

— Mais acima, ou mais longe, na direção do norte — replicou o major — a presença da hulha afirmou-se materialmente; parece que basta alguém abaixar-se para a colher. Portanto, se o carvão está tão profundamente espalhado na superfície desta região, não devemos concluir que os seus filões mergulham nas profundezas da crusta terrestre?

Tinha razão o major Donellan. Como ele conhecia a fundo a questão das formações geológicas no pólo ártico, era, por isso, o mais irritável de todos os ingleses nas presentes circunstâncias. Certamente teria falado por longo tempo sobre este assunto se não tivesse percebido que os frequentadores do botequim procuravam escutá-lo. Dean Toodrink e ele julgaram prudente conservar-se em reserva, depois do que o sobredito Toodrink fez esta última observação:

— Não vos surpreende uma coisa, major Donellan?

— Qual?

— É que este negócio, no qual devíamos esperar ver figurar engenheiros, ou, ao menos, navegadores, visto que se trata do pólo e das suas hulheiras, é dirigido por artilheiros!

— Exato — concordou o major —, é para surpreender!

Contudo, todas as manhãs os jornais voltavam à carga a propósito destes jazigos...

— Jazigos? E quais? — perguntava a *Pall Mall Gazette*, em artigos furibundos, inspirados pelo alto comércio inglês, que declamava contra os argumentos da North Polar Practical Association.

— Quais? — responderam os redatores do *Daily News*, de Charleston, partidários decididos do presidente Barbicane. — Mas, em primeiro lugar, os que foram reconhecidos pelo capitão Nares, em 1875-76, nos limites do 82.º grau de latitude, ao mesmo tempo que os estratos, que indicavam a existência de uma flora miocena, rica em ulmeiros, faias, briónias, aveleiras e coníferas.

— E, em 1881-1884 — acrescentou o cronista científico do *New-York Witness* —, durante a expedição do tenente Greely à baía de Lady Franklin, não foi descoberta, pelos nossos compatriotas, uma camada de carvão, a pequena distância do forte Conger, na angra Watercourse? E o Dr. Pavy não pôde sustentar, com razão, que estas regiões não são desprovidas de depósitos carboníferos, provavelmente destinados pela previdente natureza a combater um dia o frio destas ermas paragens?

Compreende-se bem que, citando-se factos tão comprovativos, sob a autoridade dos ousados descobridores americanos, os adversários do presidente Barbicane não sabiam bem o que responder. Por isso os partidários do «porque haverá jazigos de carvão?» começavam a abater bandeiras diante dos partidários do «porque não haverá?». Certamente existiam e, provavelmente, muito consideráveis! No solo circumpolar abundam as massas do precioso combustível, precisamente escondidas nas entranhas destas regiões, em que a vegetação foi, noutros tempos, luxuriante.

Se o terreno lhes fugia, porém, na questão das hulheiras, cuja existência no seio das regiões árticas não era duvidosa, os detratores tiravam desforra examinando a questão sob outro aspeto.

— Seja! — disse um dia o major Donellan numa discussão oral, que provocou na própria sala do Gun-Club, e durante a qual interpelou o presidente Barbicane de homem para homem. — Seja! Admito-o, afirmo-o até. Existem hulheiras no domínio adquirido pela vossa sociedade; mas ide explorá-las!...

— É o que faremos — asseverou tranquilamente Impey Barbicane.

— Ultrapassai, pois, o 84.º paralelo, além do qual não passou ainda explorador algum!

— Passá-lo-emos!

— Atingi, pois, o próprio pólo!

— Atingi-lo-emos!

Ouvindo o presidente do Gun-Club responder com tanto sangue-frio, com tanta convicção, perante esta opinião tão franca e claramente afirmada, os mais

obstinados declaravam-se hesitantes. Sentiam-se na presença de um homem que nada havia perdido das suas qualidades de outrora, sereno, frio, de caráter eminentemente sério e concentrado, exato como um cronómetro, arrojado, mas introduzindo ideias práticas até nas empresas mais temerárias.

Se o major Donellan teria forte desejo de estrangular o seu adversário! Poderiam acreditar neste ponto aqueles que se aproximaram deste estimável, mas tempestuoso *gentleman*! Bah! mas era sólido o presidente Barbicane, moral e fisicamente «tinha grande tirante de água», para empregar a metáfora de Napoleão, e, portanto, era capaz de resistir contra vento e maré. Sabiam-no de mais os seus inimigos, os seus rivais e os seus invejosos!

Como ninguém pode evitar, todavia, que os maus gracejadores se expandam em gracejos de mau gosto, sob esta forma foi que a irritação se desencadeou contra a nova sociedade. Atribuíram-se ao presidente do Gun-Club os projetos mais extravagantes. A caricatura apoderou-se do assunto; principalmente na Europa, e mais particularmente no Reino Unido, não podiam tragar os insucessos daquela batalha, em que os dólares haviam vencido as libras esterlinas.

Ah! Este ianque afirmava que atingiria o Pólo Norte! Ah! Punha o pé, ele, onde não o pusera ainda nenhum ser humano! Ah! Cravaria o pavilhão dos Estados Unidos no único ponto do globo terrestre eternamente imóvel, enquanto os outros giram no movimento diurno!

Foi então o momento de os caricaturistas se expandirem livremente.

Nos mostradores dos principais livreiros e dos quiosques das grandes cidades da Europa, assim como nas da Confederação — este país livre por excelência —, apareceram esboços e desenhos mostrando o presidente Barbicane em busca dos meios mais extravagantes para atingir o pólo.

Aqui, o audacioso americano, ajudado por todos os sócios do Gun-Club, escavava um túnel submarino, através das massas de gelo, desde as primeiras montanhas de gelo até ao 90.º grau de latitude setentrional, a fim de desembocar mesmo no extremo do eixo terrestre.

Ali, Impey Barbicane, acompanhado por J. T. Maston — muito parecido — e pelo capitão Nicholl, descia em balão sobre aquele lugar tão desejado e, depois de uma tentativa aterradora, através de mil perigos, os três conquistavam um pedaço de carvão... pesando meia libra. Era tudo quanto continham os famosos jazigos das regiões circumpolares!

Em um número do *Punch*, jornal inglês, caricaturavam também J. T. Maston, não menos alvejado do que o seu chefe pelos caricaturistas. Depois de haver sido preso, em virtude da atração do pólo magnético, o secretário do Gun-Club ficara irresistivelmente fixado ao solo pelo seu gancho de metal.

Digamos, a este respeito, que o célebre calculador era de temperamento muito vivo para encarar pelo lado gracioso esta brincadeira, que o atacava na sua conformação pessoal. Indignou-se em extremo com ela, e Mrs. Evangelina Scorbitt, facilmente se acreditará, não foi a última a partilhar desta justa indignação.

Um outro esboço, na *Lanterna Mágica,* de Bruxelas, representava Impey Barbicane e os membros do conselho administrativo da sociedade operando no meio das chamas, como outras tantas salamandras incombustíveis. Não haviam eles tido a ideia, para fundirem os gelos do oceano Paleocrístico, de espalhar na sua superfície um mar de álcool e depois de o inflamar — o que transformava a bacia polar numa imensa taça de *punch*?! E, fazendo trocadilhos sobre a palavra *punch,* o desenhador belga não havia levado a irreverência até ao ponto de representar o presidente do Gun-Club sob a figura de ridículo bobo?[11]

De todos estes gracejos, porém, o que teve maior sucesso foi o publicado pelo jornal francês *Charivari,* sob a assinatura do desenhador Stop. No estômago de uma baleia, confortavelmente mobilado e estofado, Impey Barbicane e J. T. Maston, à mesa, jogavam o xadrez esperando a chegada a bom porto. Novos Jonas, o presidente e o seu secretário não haviam hesitado em se fazer tragar por um enorme mamífero marinho; era por este novo processo de locomoção, depois de ter passado por baixo dos gelos, que contavam atingir o inacessível pólo do

Globo.

No fundo, o fleumático diretor da nova sociedade inquietava-se pouco com esta intemperança de pena e de lápis. Deixava dizer, contar, parodiar e caricaturar. Nem por isso abdicava de prosseguir a sua obra.

Logo depois da decisão tomada em conselho, a sociedade, definitivamente senhora de explorar o domínio polar, cuja concessão lhe tinha sido feita pelo Governo Federal, havia apelado para subscrição pública pela soma de quinze milhões de dólares. As ações, emitidas a cem dólares, deviam ser liberadas por uma só vez. Pois bem! Era tal o crédito de Barbicane and Co. que os subscritores afluíram; mas, é preciso dizê-lo, pertenciam na quase totalidade aos trinta e oito Estados da Confederação.

— Tanto melhor! — exclamaram os partidários da North Polar Practical Association. — A obra será ainda mais americana.

Em resumo, o crédito, que mereciam Barbicane and Co., era tão sólido, os especuladores acreditavam com tanta tenacidade na realização das suas promessas industriais, admitiam tão imperturbavelmente a existência de hulheiras no pólo ártico e na sua possível exploração que o capital da nova sociedade foi coberto três vezes.

As subscrições tiveram, pois, de ser reduzidas a um terço e, na data de 16 de dezembro, o capital social estava definitivamente constituído por uma existência de quinze milhões de dólares. Era aproximadamente três vezes mais do que a soma subscrita em favor do Gun-Club, por ocasião da grande experiência do projétil arremessado da Terra à lua.

Capítulo 6

No qual é interrompida uma conversa telefónica entre Mrs. Scorbitt e J. T. Maston

O presidente Barbicane não somente havia afirmado que alcançaria o fim — e presentemente o capital de que dispunha permitia-lhe atingi-lo sem encontrar dificuldade alguma —, mas, sem dúvida, não teria tido a audácia de apelar para os capitais se não estivesse certo de sucesso.

O Pólo Norte ia finalmente ser conquistado pelo audacioso génio do homem!

Era negócio averiguado que o presidente Barbicane e o seu conselho de administração tinham ao alcance meios para bom êxito, em assunto em que tantos outros haviam naufragado. Fariam, pois, o que não tinham podido realizar nem os Franklin, nem os Kane, nem os De Long, nem os Nares, nem os Greely. Ultrapassariam o 84.º paralelo; tomariam posse do vasto território adquirido pelo último lanço; acrescentariam ao pavilhão americano a trigésima nona estrela, correspondente ao trigésimo nono Estado anexado à Confederação americana.

— Quimeras! — não cessavam de repetir os delegados europeus e os seus partidários do Antigo Mundo.

Todavia, o caso era verdadeiro e esse meio prático, lógico, indiscutível, de conquistar o Pólo Norte — meio de uma simplicidade infantil — fora sugerido por J. T. Maston. Neste cérebro, em que as ideias se preparavam em substância cerebral sempre em ebulição, nascera o projeto desta grande obra geográfica e o processo de a levar a bom fim.

Não será nunca demasiado repeti-lo, o secretário do Gun-Club era um notável calculador — diríamos «emérito» se esta palavra não tivesse significação diametralmente oposta à que lhe dá o vulgo. Era para ele um passatempo resolver os mais complicados problemas das ciências matemáticas. Ria-se das dificuldades, tanto na ciência das grandezas, que é a álgebra, como na ciência

dos números, que é a aritmética. Era preciso vê-lo manejar os símbolos, os sinais convencionais que constituem a notação algébrica, já quando — letras do alfabeto — representem quantidades ou grandezas, já quando — linhas agrupadas ou cruzadas — indicam as relações que podem estabelecer-se entre as quantidades e as operações a que estas são submetidas.

Ah! Os coeficientes, os expoentes, os radicais, os índices e outras disposições adotadas nesta língua! Como todos estes sinais volteavam sob a sua pena, ou antes, sob o bocado de giz que se agitava no extremo do seu gancho de ferro, porque preferia trabalhar na pedra! E ali, sobre a superfície de dez metros quadrados — não eram indispensáveis menos a J. T. Maston — entregava-se ao ardor do seu temperamento de matemático. Não eram letras pequenas que empregava nos seus cálculos, não!, mas letras fantásticas, gigantescas, traçadas com fogosa mão. Os seus 2 e os seus 3 arredondavam-se como uma enfiada de pombas de papel; os seus 7 desenhavam-se como forcas, a que não faltava senão o enforcado; os seus 8 recurvavam-se como grandes óculos; os seus 6 e os seus 9 prolongavam-se em intermináveis caudas!

E as letras com que estabelecia as fórmulas, as primeiras do alfabeto, *a, b, c,* que lhe serviam para representar quantidades conhecidas, ou dadas, e as últimas, *x, y, z,* que lhe serviam para as quantidades desconhecidas, ou para determinar, como eram lançadas com traço cheio, sem finos! E mais particularmente os seus *z,* que se contorciam em ziguezagues fulgurantes! E que elegância tinham as suas letras gregas, os π, os λ, os ω, etc., de que se sentiriam vaidosos um Arquimedes ou um Euclides!

Quanto aos sinais, traçados com giz puro e sem mancha, eram simplesmente maravilhosos. Os seus + mostravam bem que este sinal indica a adição de duas quantidades. Os seus –, se eram mais humildes, faziam ainda assim boa figura. Os seus x levantavam-se como cruzes de Santo André. Quanto aos seus =, os dois traços, rigorosamente iguais, indicavam, efetivamente, que J. T. Maston pertencia a um país em que a igualdade não é fórmula vã, ao menos entre cidadãos de raça branca. A mesma grandiosa feitura tinham os seus <, os seus >;

os seus <> traçados com dimensões enormes. Quanto ao sinal √, que indica a raiz de um número, ou de uma quantidade, era o seu triunfo; quando o completava com o traço horizontal sob esta forma, √‾‾, parecia que este traço indicador, ultrapassando o limite da pedra, ameaçava submeter o mundo inteiro às suas equações furibundas.

E não acrediteis que a inteligência matemática de J. T. Maston era limitada pelos horizontes da álgebra elementar. Não! Nem o cálculo diferencial, nem o integral, nem o das variações lhe eram estranhos; com mão segura traçava este sinal de integração, esta letra, medonha na sua simplicidade, soma de uma infinidade de elementos infinitamente pequenos: ∫

O mesmo acontecia com o sinal Σ,que representa a soma do número infinito de elementos finitos, com o sinal ∞ , pelo qual os matemáticos designam o infinito, e em todos os símbolos misteriosos, que emprega esta língua incompreensível para o comum dos mortais.

Eis o que era J. T. Maston! Eis porque os seus colegas podiam ter inteira confiança quando se encarregava de resolver os mais abracadabrantes cálculos, propostos pelos seus cérebros audaciosos! Eis o que havia resolvido o Gun-Club a confiar-lhe o problema do projétil para arremessar da Terra à lua! Enfim, eis porque Mrs. Evangelina Scorbitt, ébria de glória, sentia por ele uma admiração que confinava com o amor.

Além disso, no assunto em discussão — isto é, na resolução do problema da conquista do Pólo Norte — J. T. Maston não teria de elevar-se nas regiões sublimes da análise. Para garantir aos novos concessionários a exploração do domínio ártico, o secretário do Gun-Club achar-se-ia apenas em face da resolução de um problema de mecânica — problema complicado, sem dúvida, que exigiria fórmulas engenhosas, novas talvez, mas de que brilhantemente se desempenharia.

Sim! Podiam fiar-se em J. T. Maston, ainda que o menor erro pudesse acarretar a perda de milhões. Desde a idade em que o seu cérebro se havia

excitado nas primeiras noções da aritmética, nunca havia cometido um erro — mesmo de uma milésima de mícron[12], quando os seus cálculos tinham por objetivo a medida de um comprimento. Se errasse na vigésima decimal, não haveria hesitado em fazer saltar o crânio de guta-percha.

Era necessário insistir nessa aptidão tão notável de J. T. Maston, o que está feito. Trata-se, agora, de o mostrar em exercício, e para isto é indispensável voltar algumas semanas atrás.

Foi um mês antes da publicação do documento dirigido aos habitantes dos dois mundos que J. T. Maston se encarregou de pôr em algarismos os elementos do projeto de que tinha sugerido aos seus colegas as maravilhosas consequências.

Havia bastantes anos que J. T. Maston morava em Franklin-street, n.º 179, uma das ruas mais tranquilas de Baltimore, longe do bairro dos negócios, dos quais não entendia nada, longe do sussurro da multidão, que lhe repugnava.

Ocupava uma modesta habitação, conhecida pelo nome de Balistic-Cottage, tendo por única fortuna a sua aposentação de oficial de artilharia e o ordenado que recebia como secretário do Gun-Club. Vivia só, servido pelo seu preto Fire-Fire — Fogo-Fogo —, digna alcunha do criado de um artilheiro. Este preto não era um criado, era um servente, o primeiro servente: servia o seu amo como se servisse a sua peça.

J. T. Maston era celibatário por convicção, pensando que o celibato é, ainda, a única situação aceitável neste mundo sublunar. Conhecia o provérbio eslavo: «Uma mulher puxa mais com um só cabelo do que quatro bois à charrua!» — e desconfiava.

Todavia, se ocupava solitariamente Balistic-Cottage, era porque assim o queria.

Já sabem os leitores que bastaria apenas fazer um gesto para transformar a sua solidão em solidão de dois, e a mediocridade da sua fortuna nas riquezas de um milionário. Não podia duvidar de que Mrs. Evangelina Scorbitt seria feliz

de... Mas até ao presente, ao menos,

J. T. Maston não seria feliz de... Parecia certo que estes dois entes feitos tão bem um para o outro — era pelo menos esta a opinião da terna viúva — não chegariam nunca a realizar esta transformação.

O *cottage* era muito simples. Um rés do chão, com varanda, e andar superior. Sala e casa de jantar pequenas, em baixo, cozinha e despensa em construção anexa avançando sobre o jardinzinho. Em cima, quarto de dormir, para o lado da rua, gabinete de trabalho sobre o jardim, onde não chegavam os tumultos exteriores. *Buen retiro* do sábio e do homem sensato, entre cujas paredes se haviam resolvido tantos cálculos que teriam causado inveja a Newton, Laplace e Cauchy.

Que diferença do palácio de Mrs. Evangelina Scorbitt, edificado no rico bairro de New-Park, com a sua fachada de varandas, revestidas pelas fantasias escultóricas da arquitetura anglo-saxónica — ao mesmo tempo gótica e Renascença —, com as suas salas ricamente mobiladas, com o seu grandioso salão, com as suas galerias de quadros — nas quais os mestres franceses tinham o primeiro lugar —, com a sua escadaria de dupla revolução, com a sua numerosa criadagem, com as suas cavalariças, cocheiras, jardim com canteiros de relva e grandes árvores, fontes com repuxos, e a torre, que dominava o edifício, no cimo da qual tremulava a bandeira azul e oiro dos Scorbitts!

Três milhas, sim! Três grandes milhas, pelo menos, separavam o palácio de New-Park de Balistic-Cottage; mas um fio telefónico especial ligava as duas habitações e, em seguida ao — Alô! Alô! — pedindo a comunicação entre o *cottage* e o palácio, travava-se a conversação. Se os cavaqueadores não podiam ver-se, podiam ouvir-se. O que não causará espanto a alguém é que Mrs. Evangelina Scorbitt chamava mais repetidas vezes J. T. Maston em frente da sua placa vibrante do que este chamava Mrs. Evangelina diante da sua. Então o calculador, interrompendo o trabalho, não sem algum enfado, recebia um amigável «bom dia», a que respondia com uma resmungadela, de que a corrente elétrica, devemos acreditá-lo, adoçava as intonações pouco amáveis, e voltava

aos seus problemas.

Foi no dia 3 de outubro, depois de última e longa conferência, que J. T. Maston se despediu dos colegas para se entregar à sua tarefa. Era dos trabalhos mais importantes aquele de que se tinha encarregado, pois que se tratava de calcular os processos mecânicos que dariam acesso ao pólo ártico e permitiriam explorar os jazigos escondidos sob os gelos.

J. T. Maston avaliara em oito dias o tempo necessário para acabar a misteriosa tarefa, verdadeiramente complexa e delicada, porque exigia a resolução de equações diversas, que se referiam à mecânica, à geometria analítica de três dimensões, à geometria polar e à trigonometria.

Para fugir a todas as causas da distração ficou assente que o secretário do Gun-Club, isolado no seu *cottage,* não seria visitado nem importunado por ninguém. Era um grande desgosto para Mrs. Evangelina Scorbitt, mas tinha de resignar-se. Por isso, ao mesmo tempo que o presidente Barbicane, o capitão Nicholl, os seus colegas, o buliçoso Bilsby, o coronel Bloomsberry e Tom Hunter, o das pernas de pau, tinha ela vindo, de tarde, visitar J. T. Maston.

— Sereis bem sucedido, caro Maston! — disse no momento em que iam separar-se.

— E sobretudo não erreis! — ajuntou, sorrindo, o presidente Barbicane.

— Errar... ele!... — exclamou Mrs. Evangelina Scorbitt.

— Tanto como Deus errou combinando as leis da mecânica celeste! — respondeu modestamente o secretário do Gun-Club.

Em seguida, depois de apertos de mão de uns e de alguns suspiros de outros, desejos de bom êxito e recomendações de não se cansar com trabalho excessivo, cada um se despediu do calculador. A porta de Balistic-Cottage fechou-se e Fire-Fire recebeu ordem de não a abrir a ninguém — ainda que fosse o presidente dos Estados Unidos da América.

Durante os dois primeiros dias de reclusão, J. T. Maston refletiu só, sem pegar no giz, sobre o problema que lhe havia sido proposto. Releu certas obras relativas aos elementos: Terra, sua massa, densidade, volume, forma,

movimentos de rotação sobre o eixo e de translação, descrevendo a órbita — elementos que deviam formar a base dos seus cálculos.

Eis os primeiros destes dados, que é conveniente pôr sob os olhos do leitor:

Forma da Terra: um elipsoide de revolução, cujo raio máximo é de 6377398 metros, ou 1594 léguas de 4 quilómetros, em números redondos — e o mínimo de 6 356080 metros, ou 1589 léguas.

O que dá a diferença entre os dois raios, por causa do achatamento do nosso esferoide nos pólos, de 21318 metros, 5 léguas aproximadamente.

Circunferência da Terra no equador: 40000 quilómetros, ou seja 10000 léguas de 4 quilómetros.

Superfície da Terra — avaliação aproximada: 510 milhões de quilómetros quadrados.

Volume da Terra: cerca de 1000 biliões de quilómetros cúbicos, isto é, de cubos tendo cada um 1000 metros de comprimento, de largura e de altura.

Densidade da Terra: aproximadamente cinco vezes a da água, isto é, pouco superior à densidade do *spath,* quase a do iodo — seja 5480 quilogramas para peso médio do metro cúbico da Terra, supondo-a pesada em porções trazidas sucessivamente à sua superfície. É este o número que deduziu Cavendish por meio da balança inventada e construída por Mitchell, ou, mais rigorosamente, 5670 quilogramas, depois das retificações de Baily, M. M. Wilsing, Cornu, Baille, etc., que repetiram estas medições.

Duração de translação da Terra em volta do sol: 365 dias e um quarto, constituindo o ano solar, ou, mais exatamente, 365 dias, 6 horas, 9 minutos, 10 segundos e 37 centésimos, o que dá ao nosso esferoide — por segundo — a velocidade de 30400 metros, ou 7 léguas e 6 décimos.

Caminho percorrido, em virtude da rotação da Terra sobre o eixo, pelos pontos da superfície situados no equador: 463 metros por segundo, ou 417 léguas por hora.

Eis agora quais foram as unidades de comprimento, de força, de tempo e de ângulo que J. T. Maston admitiu para os seus cálculos: o metro, o quilograma, o

segundo e o ângulo no centro, que interceta numa circunferência qualquer um arco igual ao raio.

Foi a 5 de Outubro, pelas cinco horas da tarde — convém precisar quando se trata de obra tão memorável —, que J. T. Maston, após maduras reflexões, se entregou ao trabalho escrito. Primeiro que tudo atacou o problema pela base, isto é, pelo número que representa a circunferência da Terra em qualquer círculo máximo, seja no equador.

A pedra ali estava, num ângulo do gabinete, sobre o cavalete de carvalho polido, bem iluminada por uma das janelas que se abriam sobre o jardim. Pequenos lápis de giz viam-se enfileirados sobre a estreita prateleira que guarnecia a base do quadro. A esponja achava-se ao alcance da mão esquerda do calculador. Quanto à mão direita, ou melhor, ao gancho postiço, era reservada para traçar figuras, fórmulas e algarismos.

Começando, J. T. Maston descreveu, com traço singularmente circular, uma circunferência, que representava c esferoide terrestre.

No equador a curvatura do Globo foi marcada por traço cheio, representando a parte anterior da curva, depois por traço ponteado, indicando a parte posterior — de modo que ficasse bem visível a projeção da figura esférica. Quanto ao eixo, saliente nos dois pólos, definiu-o uma linha perpendicular ao plano do equador, marcada com as letras N. e S.

Depois, no ângulo direito do quadro, foi escrito este número, que representa em metros a circunferência da Terra: 40000000.

Feito isto, J. T. Maston pôs-se em posição de começar a série dos seus cálculos.

Estava tão preocupado que não observara o estado da atmosfera, que se havia sensivelmente modificado sobre a tarde. Nuvens lívidas, espécie de flocos esbranquiçados, acumulados sobre fundo pardo e baço, passavam pesadamente por cima da cidade.

Trovões longínquos repercutiam-se nas cavidades sonoras da Terra e do espaço. Um ou dois relâmpagos haviam já sulcado a atmosfera, em que a tensão

elétrica atingira o mais elevado grau.

J. T. Maston, cada vez mais absorvido, nada via nem ouvia.

Repentinamente, uma campainha elétrica perturbou com o toque precipitado o silêncio do gabinete.

— Bom! — exclamou J. T. Maston. — Quando não é pela porta que entram os importunos, é pelo telefone!... Bela invenção para quem pretende estar sossegado! Vou ter a precaução de interromper a corrente enquanto durar o meu trabalho!

E dirigiu-se para a placa.

— Que me querem? — perguntou.

— Estar em comunicação por alguns instantes — respondeu uma voz feminina.

— Quem me fala?

— Não me reconhecestes, caro Sr. Maston? Sou eu... Mrs. Scorbitt!

— Mrs. Scorbitt!... Não me deixará ela um minuto de sossego!

Estas palavras — pouco agradáveis para a amável viúva — foram, todavia, prudentemente murmuradas a distância para não impressionar a placa do aparelho.

Depois, J. T. Maston, compreendendo que não podia deixar de responder, ao menos, com uma frase delicada, replicou:

— Ah! sois vós, Mrs. Scorbitt?

— Eu, caro Sr. Maston!

— O que me quer, Mrs. Scorbitt?

— Prevenir-vos de que uma forte trovoada não tardará a rebentar sobre a cidade!

— Pois bem, não posso evitá-la...

— Não, mas venho perguntar-vos se tivestes o cuidado de fechar as janelas...

Mrs. Scorbitt tinha apenas acabado a frase quando um formidável trovão ribombou pelo espaço. Dir-se-ia que um imenso pedaço de seda se rasgara num comprimento infinito. O raio caíra nas proximidades de Balistic-Cottage e o

fluido, conduzido pelo fio do telefone, invadira o gabinete do calculador com uma brutalidade perfeitamente elétrica.

J. T. Maston, curvado sobre a placa do aparelho, recebeu a mais bela bofetada que jamais foi dada em face de sábio. Depois, a faísca, correndo pelo gancho de ferro, derrubou-o como a um simples boneco de cartão.

Ao mesmo tempo, o quadro, impelido por J. T. Maston, foi arremessado para um canto do quarto. Depois, o raio, saindo pelo buraco invisível de um vidro, seguiu um cano de água e sumiu-se no solo.

Atordoado — ser-se-ia por menos —, J. T. Maston levantou-se, apalpou diferentes pontos do corpo e certificou-se de que não estava ferido. Feito isto, não tendo perdido o sangue-frio do antigo artilheiro, apontador da columbíada, pôs tudo em ordem no gabinete, levantou o cavalete, colocou sobre ele o quadro, apanhou os pedaços de giz espalhados pelo tapete e recomeçou o trabalho tão bruscamente interrompido.

Então notou que, por causa da queda do quadro, a inscrição que fizera à direita e representava em metros a circunferência terrestre no equador, havia sido parcialmente apagada.

Começa, pois, a avivá-la quando a campainha se ouviu novamente com toque febril.

— Outra vez! — exclamou J. T. Maston.

E foi colocar-se em frente do aparelho.

— Quem está lá? — perguntou.

— Mrs. Scorbitt.

— O que me quer, Mrs. Scorbitt?

— Por acaso este horrível trovão não descarregou sobre Balistic-Cottage?

— Tenho todas as razões para o acreditar!

— Ah! grande Deus... O raio...

— Sossegue, Mrs. Scorbitt!

— Não vos aconteceu mal, caro Sr. Maston?

— Nenhum.

— Estais bem certo de não haver sido impressionado?

— Não estou impressionado senão pela vossa amizade por mim — entendeu dever responder com galantaria J. T. Maston.

— Boa noite, caro Maston.

— Boa noite, cara Mrs. Scorbitt.

E voltando para o seu lugar acrescentou:

— Que vá para o diabo esta excelente senhora! Se me não tivesse chamado, tão intempestivamente, pelo telefone, não teria eu corrido o risco de ser fulminado.

Desta vez estava tudo acabado. J. T. Maston não devia tornar a ser perturbado no curso da sua tarefa. Além disso, para melhor assegurar o sossego necessário aos seus trabalhos, interrompendo a comunicação elétrica, tornara o aparelho completamente afónico.

Retomando por base o número que acabava de escrever, deduziu várias fórmulas e finalmente a definitiva, que escreveu no quadro à esquerda, depois de haver apagado todos os algarismos de que a havia deduzido.

Então começou uma interminável série de sinais algébricos...

***

Oito dias depois, a 11 de outubro, este magnífico problema de mecânica estava resolvido; o secretário do Gun-Club levava triunfantemente aos seus colegas a solução, que estes esperavam com bem natural impaciência.

O meio prático de chegar ao Pólo Norte para explorar as minas de carvão estava matematicamente estabelecido. Fundou-se, portanto, uma sociedade com o título de North Polar Practical Association, a que o Governo de Washington fazia concessão do domínio ártico, no caso que a adjudicação dele o tomasse proprietário. Tendo a adjudicação sido feita em proveito dos Estados Unidos da América, sabe-se como a nova sociedade apelou para o concurso dos capitalistas dos dois mundos.

Capítulo 7

No qual o presidente Barbicane não diz mais do que lhe convém dizer

A 22 de dezembro os subscritores de Barbicane and Co. foram convocados para assembleia geral. É escusado dizer que as salas do Gun-Club, no palácio Union Square, foram escolhidas para ponto de reunião. Na verdade, o Square poderia somente comportar a multidão interessada dos acionistas; mas que meio havia de fazer um *meeting* ao ar livre, nesta época e numa praça de Baltimore quando a coluna mercurial desce dez graus centígrados abaixo do zero do gelo em fusão?!

Em regra, a vasta sala principal do Gun-Club — não esqueceu porventura ainda — era ornada por engenhos de todas as espécies, pertencentes à nobre profissão dos seus sócios.

Parecia um museu de artilharia. Os próprios móveis, bancos e mesas, cadeiras e sofás, lembravam, pela forma extravagante, esses engenhos mortíferos que haviam enviado para melhor mundo tantos bravos cujo secreto desejo era o de morrerem de velhice.

Pois bem! Nesse dia fora necessário arrecadar esta acumulação. Não era uma reunião guerreira, mas uma assembleia industrial e pacífica a que ia ser presidida por Impey Barbicane.

Havia-se, pois, dado largo espaço aos numerosos subscritores, vindos de todos os pontos dos Estados Unidos. Na sala principal, como nas que para ela se abriam, apertavam-se, esmagavam-se, asfixiavam-se os subscritores, sem atender à interminável cauda, cujos redemoinhos se prolongavam até ao meio do Union Square.

É bem de ver que os sócios do Gun-Club — primeiros subscritores das ações da nova sociedade — ocupavam lugares próximos da mesa presidencial. Entre

eles distinguiam-se, mais triunfantes do que nunca, o coronel Bloomsberry, Tom Hunter, o das pernas de pau, e o seu colega, o buliçoso Bilsby. Uma confortável cadeira havia sido, muito delicadamente, reservada para Mrs. Evangelina, que, aliás, teria direito, na qualidade da mais importante proprietária do imóvel ártico, de se sentar ao lado do presidente Barbicane.

Além disso, grande número de senhoras, pertencentes a todas as classes da cidade, matizavam com os seus chapéus de ramos variados, de extravagantes plumas, de fitas multicores, a bulhenta multidão que se apertava sob a cúpula envidraçada da sala.

Em suma, na sua grande maioria os acionistas presentes podiam ser considerados não só como partidários, mas ainda como amigos pessoais dos membros do conselho de administração.

Façamos, todavia, a seguinte observação: os delegados europeus, sueco, dinamarquês, inglês, holandês e russo, ocupavam lugares especiais e assistiam a esta reunião, porque cada um deles subscrevera com o número de ações que dava direito a um voto deliberativo. Depois de haverem estado tão intimamente unidos para adquirir, não o estavam menos, atualmente, para mofar dos compradores. Pode imaginar-se facilmente que intensa curiosidade os fazia esperar a comunicação que ia ser feita pelo presidente Barbicane.

Essa comunicação — não havia dúvida sobre este ponto — lançaria luz sobre os processos imaginados para chegar ao pólo ártico. Não havia nisto uma dificuldade ainda maior do que em explorar as minas de carvão? Se houvesse ensejo para fazer alguma objeção, Eric Baldenak, Boris Karkof, Jacques Jansen e Jan Harald não se acanhariam de pedir a palavra. Pela sua parte, o major Donellan, soprado por Dean Toodrink, estava bem decidido a impelir o seu rival até aos últimos entrincheiramentos.

Eram oito horas da noite. A sala principal, as outras salas e os pátios do Gun-Club resplandeciam de luz derramada pelos lustres Edison. Desde a abertura das portas, assaltadas pelo público, incessantes murmúrios se produziam na assembleia. Tudo caiu em silêncio, porém, quando o porteiro anunciou a entrada

do conselho de administração.

Sobre um estrado atapetado, diante de uma mesa com pano escuro, bem iluminada, tomaram lugar o presidente Barbicane, o secretário J. T. Maston e o seu colega o capitão Nicholl. Um tríplice hurra, interrompido por murmúrios e por *hips*, soou na sala e estendeu-se até às ruas adjacentes.

J. T. Maston e o capitão Nicholl haviam-se sentado, solenemente, na plenitude da sua celebridade.

Então o presidente Barbicane, que ficara de pé, meteu a mão esquerda na algibeira, a direita no colete, e tomou a palavra nestes termos:

— Subscritores e subscritoras: O conselho de administração da North Polar Practical Association reuniu-vos nas salas do Gun-Club, a fim de vos fazer importante comunicação. Como o haveis sabido pelas discussões dos jornais, o fim da nossa nova sociedade é a exploração das minas de carvão do pólo ártico, cuja concessão nos foi feita pelo Governo Federal. Este domínio, adquirido em hasta pública, constitui o capital dos seus proprietários para o negócio de que se trata. Os fundos, postos à sua disposição pela subscrição fechada a 11 de dezembro último, vão permitir-lhes organizar esta empresa, cujo rendimento produzirá taxa de juro desconhecida, até hoje, em quaisquer outras operações comerciais ou industriais.

Neste ponto os primeiros murmúrios de aprovação interromperam por instantes o orador.

— Não ignorais — continuou ele —, como fomos levados a admitir a existência de ricos jazigos de hulha, e talvez igualmente de marfim fóssil, nas regiões circumpolares. Os documentos, publicados pela imprensa do mundo inteiro, não podem deixar dúvida alguma sobre a existência destas camadas carboníferas. Ora a hulha tornou-se a origem de toda a indústria moderna. Não falando no carvão e no coque, utilizados no aquecimento, e do seu emprego na produção do vapor e da eletricidade, será preciso citar-vos os seus derivados? As cores de garança, urzela, anil, fucsina e carmim; os perfumes da baunilha, amêndoa amarga, rainha-dos-prados, cravo-da-índia, *winter-green*, anis, cânfora,

timol e heliotropina; os picratos, o ácido salicílico, o naftol, o fenol, a antipirina, a benzina, a naftalina, o ácido pirogálico, o hidroquinone, o tanino, a sacarina, o alcatrão, o asfalto, o breu, os óleos de unturas, os vernizes, o prussiato amarelo de potássio, os amargos, etc., etc., etc.?

Depois desta enumeração, o orador respirou, como um andarilho estafado, que se detém para tomar fôlego.

Depois continuando, graças a longa aspiração de ar:

— É pois certo — prosseguiu ele — que a hulha, esta substância entre todas preciosa, se esgotará muito brevemente em consequência de consumo extraordinário. Antes de quinhentos anos, as minas de carvão, até hoje em exploração, estarão exaustas...

— Trezentos! — emendou um dos assistentes.

— Duzentos! — corrigiu outro.

— Digamos num período mais ou menos afastado — continuou o presidente Barbicane —, e ponhamo-nos em condições de descobrir novos lugares de produção, como se a hulha devesse faltar antes do fim do século XIX.

Aqui interrompeu-se, para permitir aos auditores o prepararem os ouvidos, e depois continuou nestes termos:

— Por estas razões, subscritores e subscritoras, levantai-vos, segui-me e partamos para o pólo!...

E, de facto, todo o público se moveu, prestes a preparar as malas, como se o presidente Barbicane houvesse mostrado um navio a partir para as regiões árticas.

Uma observação feita pelo major Donellan, com voz acre e clara, deteve rapidamente este primeiro movimento— tão entusiástico quanto inconsiderado.

— Antes de desamarrar — interrompeu ele —, ponho a questão de saber como se pode atingir o pólo! Tendes a pretensão de para ali partir por mar?

— Nem por mar, nem por terra, nem pelo ar — replicou docemente o presidente Barbicane.

A assembleia serenou, presa de um sentimento de curiosidade bem

compreensível.

— Vós não deixais de conhecer, sem dúvida — prosseguiu o orador —, as tentativas que têm sido feitas para chegar a este ponto inacessível do esferoide terrestre. É, contudo, conveniente que vo-las recorde sumariamente. Será isto prestar justa homenagem aos exploradores que sobreviveram e aos que sucumbiram nestas sobre-humanas expedições.

Aprovação unânime, que percorreu o auditório, qualquer que fosse a nacionalidade.

— Em 1845 — continuou Barbicane —, o inglês John Franklin, em terceira viagem com o «Erebus» e o «Terror», cujo objetivo é o de se elevar até ao pólo, avança nas paragens setentrionais e dele não se ouve mais falar. Em 1854, o americano Kane e o seu tenente Morton lançaram-se em busca de Sir John Franklin e, se voltaram da expedição, o seu navio «Advance» não voltou. Em 1859, o inglês Mac Clintock descobre um documento do qual consta não existir um só sobrevivente da expedição do «Erebus» e do «Terror». Em 1860, o americano Hayes deixa Boston no *schooner* «United States», passa o 81.º paralelo e volta em 1862, sem poder ir mais longe, apesar dos heroicos esforços dos seus companheiros. Em 1869, os capitães Koldervey e Hegeman, ambos alemães, partem de Bremerhaven, no «Hansa» e no «Germania». O «Hansa», esmagado pelos gelos, vai a pique um pouco além do 71.º grau de latitude e a tripulação deve o salvamento aos escaleres, que lhe permitem ganhar o litoral da Gronelândia. Quanto à «Germania», mais feliz, volta ao porto de Bremerhaven, mas sem ter podido ultrapassar o 77.º paralelo. Em 1871, o capitão Hall embarca em Nova Iorque no *steamer* «Polaris». Quatro meses depois, durante a penosa hibernação, este corajoso marinheiro sucumbe à fadiga. Um ano mais tarde, o «Polaris», arrastado pelos icebergues, sem ter atingido o 82.º grau de latitude, é esmagado pelas massas de gelo em movimento. Dezoito homens da tripulação, desembarcados sob as ordens do tenente Tyson, não conseguem alcançar o continente, senão confiando-se, sobre uma jangada de gelo, às correntes do mar Ártico. Jamais foram encontrados os treze homens perdidos com o «Polaris».

Em 1845, o inglês Nares deixa Portsmouth com o «Alerte» e o «Decouverte». É nesta expedição memorável, em que as tripulações estabeleceram quartéis de inverno entre o 82.º e o 83.º paralelos, que o capitão Markhan, avançando na direção do norte, para a quatrocentas milhas[13] somente do pólo ártico, de que ninguém se havia tanto como ele aproximado. Em 1879, o nosso grande cidadão Gordon Bennett...

Neste ponto três hurras, a toda a voz, aclamaram o nome do *grande cidadão*, diretor do *New-York Herald.*

— ...arma a «Jeannette», que confia ao comandante De Long, descendente de uma família de origem francesa. A «Jeannette» parte de S. Francisco com trinta e três homens, passa o estreito de Béringue, é presa pelos gelos nas alturas da ilha Herald, vai a pique nas alturas da ilha Bennett, pouco mais ou menos no 77.º paralelo. Os seus tripulantes não têm senão um recurso: dirigem-se para o sul nos escaleres que salvaram ou sobre os *ice-fields*. Dizima-os a miséria. De Long morre em outubro. Muitos dos seus companheiros caem como ele e doze somente voltam desta expedição. Em 1881, enfim, o americano Greely deixa o porto Saint-Jean, da Terra Nova, no *steamer* «Proteus», a fim de estabelecer uma estação na baía de Lady Franklin, na Terra de Grant, um pouco mais acima do 82.º grau. Nestas paragens existe o forte Conger. Dali os arrojados hibernadores partem para o este e para o norte da baía. O tenente Lockwood e o seu companheiro Brainard, em maio de 1882, atingem o 83.º grau e 35 minutos, excedendo o capitão Markhan em algumas milhas. É o ponto extremo até hoje explorado! É a *Última Tule* da cartografia circumpolar!

Aqui explodiram novos hurras, matizados dos *hips* regulamentares, em honra dos descobridores americanos.

— Mas — continuou o presidente Barbicane — a expedição devia acabar mal. O «Proteus» afunda-se. E ali ficam vinte e quatro colonos árticos condenados a espantosa miséria. O Dr. Pavy, um francês, e muitos outros, são feridos mortalmente. Greely, socorrido pelo «Thetis» em 1883, não traz consigo

senão seis dos seus companheiros. E um dos heróis da descoberta, o tenente Lockwood, sucumbe a seu turno, juntando mais um nome ao doloroso martirológico destas regiões!

Desta vez um silêncio respeitoso acolheu as palavras do presidente Barbicane, de quem a assembleia partilhava a legítima emoção.

Depois, continuou com voz vibrante:

— Assim, pois, apesar de tanta dedicação e coragem, o 84.º paralelo não pôde ser nunca ultrapassado. E mesmo pode-se afirmar que o não será jamais pelos meios que têm sido empregados até hoje, isto é, por navios, para alcançar as primeiras massas de gelo, ou por trenós, para atravessar os campos de neve. Não é permitido ao homem afrontar semelhantes perigos, suportar tal abaixamento de temperatura. É, pois, por outras vias que é preciso tentar a conquista do pólo!

Sentia-se, no frémito do auditório, que estava ali o ponto interessante da comunicação, o segredo procurado e cobiçado por todos.

— E como vos haveis de sair dessa dificuldade?... — perguntou o delegado da Inglaterra.

— Antes de dez minutos o sabereis, major Donellan — respondeu o presidente Barbicane[14] —, e acrescento, dirigindo-me a todos os nossos acionistas: tende confiança em nós, pois que os promotores do negócio são os mesmos homens que, metendo-se num projétil cilindrocónico...

— Cilindrocónico! — exclamou Dean Toodrink.

— ...ousaram aventurar-se até à lua...

— E vê-se bem que voltaram dela! — ajuntou o secretário do major Donellan, cujas observações inconvenientes provocaram violentos protestos.

Mas o presidente Barbicane, encolhendo os ombros, continuou com voz firme:

— Sim, antes de dez minutos, subscritores e subscritoras, sabereis o que haveis de pensar.

Um murmúrio, formado de Oh!, de Eh, e de Ah!, acolheu esta resposta.

Na verdade, parecia que o orador acabava de dizer ao público: «Antes de dez minutos estaremos no pólo.»

Barbicane prosseguiu nestes termos:

— Em primeiro lugar, será um continente que forma a calota ártica da Terra? Não será antes um mar, e o comandante Nares teve razão de lhe chamar «mar Paleocrístico», isto é, dos antigos gelos? A esta pergunta responderei: não supomos que seja um mar.

— Não é bastante! — exclamou Eric Baldenak. — Não se trata de *não supor,* trata-se de estar certo...

— Pois bem! Nós o estamos, responderei ao meu ardente interruptor. Sim! É terreno sólido, e não bacia líquida, o que a North Polar Practical Association adquiriu, e pertence agora aos Estados Unidos, sem que potência europeia alguma possa jamais disputar-lho!

Murmúrio nos bancos dos delegados do Velho Mundo.

— Bah!... Um buraco cheio de água... uma tina que não sois capazes de vazar—exclamou de novo Dean Toodrink. E teve a aprovação ruidosa dos seus colegas.

— Não, senhor — replicou com vivacidade o presidente Barbicane. — É um continente, um planalto que se eleva (talvez como o deserto de Gobi na Ásia Central) a três ou quatro quilómetros acima do nível do mar. Pode isto ser fácil e logicamente deduzido das observações feitas sobre os terrenos limítrofes, dos quais o domínio polar é apenas o prolongamento. Assim, durante as suas explorações, Nordenskiold, Peary e Maiagaard verificaram que a Gronelândia vai gradualmente subindo na direção do norte. A cento e sessenta quilómetros para o interior, partindo da ilha Disko, a sua altitude é já de dois mil e trezentos metros. Ora, levando em conta estas observações e diferentes produtos, animais ou vegetais, achados em invólucros de gelo secular, tais como carcaças de mastodontes, dentes de marfim, troncos de coníferas, pode-se afirmar que este continente foi algum dia terra fértil, habitada com certeza por animais e, talvez,

por homens. Espessas florestas das épocas pré-históricas foram nele soterradas e formaram os jazigos de hulha de que nós saberemos organizar a exploração! Sim! É um continente que se estende em volta do pólo, virgem de qualquer vestígio do homem, sobre o qual iremos implantar a bandeira dos Estados Unidos da América!

Trovão de aplausos!

Quando os últimos sussurros se foram apagando nas perspetivas longínquas de Union Square, ouviu-se esganiçar a voz falhada do major Donellan. Dizia:

— Eis já sete minutos passados dos dez que deveriam bastar-nos para atingir o pólo!...

— Lá estaremos em três minutos — volveu friamente o presidente Barbicane.

Continuou:

— Mas se é um continente o que forma o nosso novo imóvel, e se este novo continente é muito elevado, como temos motivo para acreditar, não deixa, por isso, de estar obstruído por gelos eternos, coberto de icebergues, de *ice-fields*, e em condições de difícil exploração...

— Impossível! — objetou Jan Harald, sublinhando esta afirmação com um grande gesto.

— Impossível, admito-o — respondeu Impey Barbicane. — E é para vencer esta impossibilidade que temos, portanto, dirigido os nossos esforços. Não só não teremos necessidade de navios ou de trenós para ir ao pólo, mas, graças aos nossos processos, a fusão dos gelos, antigos ou modernos, operar-se-á como por encanto, e sem que isto nos custe um dólar do nosso capital, um minuto de trabalho!

Neste ponto fez-se silêncio absoluto. Era chegado o momento *chicológico*, segundo a elegante expressão que Dean Toodrink murmurou ao ouvido de Jacques Jansen.

— Senhores — prosseguiu o presidente do Gun-Club —, Arquimedes só pedia um pouco de apoio para levantar o mundo. Pois bem! Este ponto de apoio

achámo-lo nós! Uma alavanca devia bastar ao grande geómetra de Siracusa; essa alavanca possuímo-la nós! Achamo-nos, pois, em condições de deslocar o pólo...

— Deslocar o pólo!... — exclamou Eric Baldenak.

— Trazê-lo para a América!... — bradou Jan Harald.

Indubitavelmente, o presidente Barbicane não queria ainda precisar, pois continuou dizendo:

— Quanto a esse ponto de apoio...

— Não o digais!... Não o digais!... — gritou um dos assistentes com voz formidável.

— Quanto a essa alavanca...

— Guardai o segredo! Guardai-o! — exclamou a maioria dos espectadores.

— Guardá-lo-emos — acedeu o presidente Barbicane.

Se os delegados europeus ficaram despeitados com esta resposta, pode imaginar-se. Apesar das suas reclamações, porém, o orador não quis nada explicar dos seus processos. Contentou-se em acrescentar:

— Pelo que diz respeito aos resultados do trabalho mecânico (trabalho sem precedente nos anais industriais) que vamos empreender e levar a bom êxito, graças ao concurso dos vossos capitais, vou dar-vos dele imediato conhecimento.

— Escutai!... Escutai!...

Se escutaram!

— Em primeiro lugar — continuou o presidente Barbicane —, a primitiva ideia da nossa obra cabe a um dos nossos maiores sábios, dedicados e ilustres colegas. É dele, também, a glória de ter feito os cálculos que permitem passar esta ideia da teoria à prática; porque se a exploração das minas árticas é apenas uma brincadeira, deslocar o pólo era problema que só a mecânica superior poderia resolver. Eis porque nos dirigimos ao digno secretário J. T. Maston!

— Hurra!... Hip!... Hip!... Hip!... por J. T. Maston — bradou todo o auditório, eletrizado pela presença desta eminente e extraordinária personagem.

Ah! como Mrs. Evangelina Scorbitt se sentiu sensibilizada com as exclamações que se elevaram em volta do célebre calculador, e a que ponto o seu

coração foi por elas agitado!

Ele, modestamente, contentou-se em baixar docemente a cabeça para a direita, depois para a esquerda, e em saudar com o extremo do seu gancho a entusiástica assembleia.

— Já, caros subscritores, por ocasião do grande *meeting* que festejou a chegada à América do francês Miguel Ardan, alguns meses antes da partida para a lua...

Este ianque falava tão simplesmente desta viagem, como se tivesse ido de Baltimore a Nova Iorque!

— ...J. T. Maston havia exclamado: «Inventemos máquinas, achemos um ponto de apoio e levantemos o eixo da Terra!» Pois bem, vós todos que me escutais, ficai-o sabendo!... As máquinas estão inventadas, o ponto de apoio foi encontrado, e é ao levantamento do eixo da Terra que vamos aplicar os nossos esforços!

Neste ponto houve alguns minutos de assombro, que em França se traduziria por esta expressão popular, mas justa: *Esta é dura!*...

— O quê!... Pois tendes a pretensão de levantar o eixo da Terra? — bradou o major Donellan, com ar de incredulidade.

— Sim, senhor — respondeu o presidente Barbicane — ou antes, temos meios de criar um novo eixo, sobre os qual se efetuará de ora avante a rotação diurna...

— Modificar a rotação diurna!... — repetiu o coronel Karkof, cujos olhos faiscavam.

— Exatamente, e sem alterar a sua duração! — elucidou o presidente Barbicane. — Esta operação trará o pólo atual pouco mais ou menos sobre o 67.º paralelo, e, nestas condições, a Terra comportar-se-á como o planeta Júpiter, cujo eixo é quase perpendicular ao plano da sua órbita. Ora esta deslocação de vinte e três graus e oito minutos bastará para que o nosso imóvel polar receba uma quantidade de calor suficiente para derreter os gelos acumulados há milhares de séculos!

O auditório estava anelante.

Ninguém pensava naquela ocasião solene em interromper o orador — nem mesmo em aplaudi-lo. Todos foram subjugados por esta ideia ao mesmo tempo tão engenhosa e tão simples: modificar o eixo em volta do qual se move o esferoide terrestre.

Quanto aos delegados europeus, estavam simplesmente atordoados, achatados, aniquilados: ficaram mudos, no último grau de espanto.

Os aplausos, porém, rebentaram freneticamente quando o presidente Barbicane terminou o discurso com esta conclusão, sublime na sua simplicidade:

— Será, portanto, o próprio sol que se encarregará de fundir os icebergues e as montanhas de gelo e de tornar fácil o acesso do Pólo Norte!

— Assim — perguntou o major Donellan —, não podendo o homem ir ao pólo, será este que virá ter com o homem?...

— É como dizeis — replicou o presidente Barbicane.

Capítulo 8

Como em Júpiter? — disse o presidente do Gun-Club

Sim! Como em Júpiter.

Por ocasião da memorável reunião do *meeting* em honra de Miguel Ardan — muito a propósito recordado pelo orador — se J. T. Maston tinha fogosamente exclamado «Levantemos o eixo terrestre!» foi porque o audacioso e fantasioso francês, um dos heróis da *Viagem da Terra à lua*, o companheiro do presidente Barbicane e do capitão Nicholl, havia entoado um hino ditirâmbico em honra do mais importante planeta do mundo solar. No seu soberbo panegírico não havia deixado de celebrar as suas vantagens especiais, que vamos sumariamente relacionar.

Assim, pois, resolvido o problema pelo calculador do Gun-Club, um novo eixo de rotação ia substituir o antigo eixo, sobre que gira a Terra «desde que o mundo é mundo» segundo o adágio popular. Além disso, este novo eixo ficaria perpendicular ao plano da órbita. Nestas condições, a situação climatérica do antigo pólo seria exatamente a mesma que atualmente tem na primavera Trondjhem, na Noruega. A sua couraça paleocrística fundir-se-ia, pois, naturalmente, sob os raios do sol. Ao mesmo tempo, os climas no nosso esferoide distribuir-se-iam como na superfície de Júpiter.

Efetivamente, a inclinação do eixo deste planeta, ou, noutros termos, o ângulo que o seu eixo de rotação faz com o plano da eclíptica é de 88° 13’. Um grau e quarenta e sete minutos mais e este eixo seria absolutamente perpendicular ao plano da órbita que Júpiter descreve em volta do sol.

Além disso — é muito importante especificar — o esforço que a Sociedade Barbicane and Co. ia tentar para modificar as condições atuais da Terra não devia tender, propriamente falando, para levantar o eixo. Mecanicamente, força

alguma, por mais considerável que seja, poderia produzir tal resultado. A Terra não é como franga no espeto, não gira em volta de eixo material que se possa agarrar com a mão e deslocar à vontade. Mas, em suma, a criação do novo eixo era possível — dir-se-ia mesmo fácil de obter — do momento em que o ponto de apoio, sonhado por Arquimedes, e a alavanca, imaginada por J. T. Maston, estavam à disposição destes audaciosos engenheiros.

Como eles pareciam, contudo, decididos a conservar o segredo do seu invento até ulterior resolução, era necessário cada um limitar-se a estudar consequências.

Foi o que fizeram, em primeiro lugar, os jornais e as revistas, lembrando aos sábios e ensinando aos ignorantes o que provinha para Júpiter da aproximada perpendicularidade do eixo sobre o plano da sua órbita.

Júpiter, que faz parte do mundo solar, como Mercúrio, Vénus, a Terra, Marte, Saturno, Úrano e Neptuno, circula a cerca de duzentos milhões de léguas do foco comum, sendo o seu volume aproximadamente mil e quatrocentas vezes o da Terra.

Ora, se existe vida *joviana*, isto é, se há habitantes em Júpiter, eis quais são as vantagens certas que lhes oferece o dito planeta — vantagens tão fantasiosamente postas em relevo por ocasião do memorável *meeting* que precedeu a viagem à lua.

Em primeiro lugar, durante a revolução de Júpiter, que dura apenas nove horas e trinta e cinco minutos, os dias são constantemente iguais às noites em qualquer latitude — quatro horas e quarenta e sete minutos para o dia e quatro horas e quarenta e sete minutos para a noite.

— Eis aqui — observaram os partidários da existência dos Jovianos — o que convém a pessoas de hábitos regulares. Ficarão encantadas de se sujeitar a esta regularidade.

Pois bem! Era o que se produziria sobre a Terra se o presidente Barbicane completasse a sua obra; mas, como o movimento de rotação sobre o novo eixo terrestre não seria nem aumentado nem diminuído, como vinte e quatro horas

separariam sempre dois meios dias consecutivos, as noites e os dias ficariam exatamente de doze horas em qualquer ponto do nosso esferoide. Os crepúsculos e as auroras alongariam os dias em tempo sempre igual. Viver-se-ia em equinócio perpétuo, tal como se produz, a 21 de março e a 21 de setembro, em todas as latitudes do Globo, quando o astro radiante descreve a sua curva aparente no plano do equador.

— Mas o fenómeno climatérico mais curioso e não o menos interessante — acrescentaram com razão os entusiastas — seria a ausência de estações.

É, com efeito, em virtude da inclinação do eixo da Terra sobre o plano da órbita que se produzem essas variações anuais conhecidas com o nome de primavera, verão, outono e inverno. Ora, os Jovianos não conhecem estas estações, portanto os Terrestrianos não as conhecerão igualmente. Desde que o novo eixo seja perpendicular à eclíptica, não existirão zonas glaciais nem zonas tórridas; toda a Terra gozará de uma zona temperada.

Eis porquê:

Que é a zona tórrida? É a parte da superfície do Globo compreendida entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio. Todos os pontos desta zona gozam da propriedade de ver, duas vezes por ano, o sol no zénite, ao passo que para os pontos dos trópicos não se produz este fenómeno senão uma vez anualmente.

Que é a zona temperada? É a parte que compreende as regiões situadas entre os trópicos e os círculos polares, entre 23° 28’ e 66° 72’ de latitude, para os quais o sol não se eleva jamais ao zénite, mas aparece todos os dias acima do horizonte.

Que é a zona glacial? É aquela parte das regiões circumpolares que o sol deixa completamente durante certo lapso de tempo, que para o próprio pólo pode ir até seis meses.

Compreende-se bem que das diversas alturas, que o sol pode atingir acima do horizonte, provém o calor excessivo para a zona tórrida — um calor moderado, mas variável conforme o afastamento dos trópicos, para a zona temperada — um frio excessivo para a zona glacial, desde os círculos polares até

aos pólos.

Pois bem, em resultado da perpendicularidade do novo eixo, as coisas deixariam de se passar por esta forma à superfície da Terra. O sol manter-se-ia imutavelmente no plano do equador. Todo o ano, durante doze horas, faria a sua imperturbável carreira, subindo até uma distância do zénite igual à latitude do lugar, por consequência tanto mais alto quanto o ponto fosse mais vizinho do equador. Deste modo, para os países situados a vinte graus de latitude, elevar-se-ia cada dia até setenta graus acima do horizonte — para os países situados, a quarenta e nove graus, até quarenta e um — para os países sobre o 67.º paralelo, até vinte e três graus. Os dias conservariam, portanto, regularidade perfeita, medidos pelo sol, que nasceria e se poria de doze em doze horas no mesmo ponto do horizonte.

— Vede as vantagens! — repetiam os amigos do presidente Barbicane. — Cada qual, segundo o seu temperamento, poderá escolher o clima invariável que melhor convenha às suas constipações e aos seus reumatismos, sobre um globo onde não mais serão conhecidas as variações de calor, atualmente tão lamentáveis!

Em resumo, Barbicane and Co., titãs modernos, iam modificar o estado de coisas existentes desde a época em que o esferoide terrestre, inclinado sobre a órbita, se concentrou para tornar-se a Terra tal como hoje existe!

Na verdade, o observador perderia com isto algumas das constelações, ou estrelas, que está habituado a ver na extensão do céu. O poeta não mais teria compridas noites de inverno nem longos dias de verão para emoldurar nas suas rimas modernas «com o apoio da consoante!». Mas, em compensação, que proveito para a generalidade das criaturas!

— Demais — repetiam os jornais dedicados ao presidente Barbicane — como as produções do solo terrestre serão reguladas, o agrónomo poderá aplicar a cada espécie vegetal a temperatura que lhe parecer favorável!

— Bom — replicaram as folhas inimigas —, então não haverá sempre chuvas, granizos, tempestades, trombas, temporais, todos os meteoros que por

vezes comprometem tão gravemente o futuro das colheitas e a fortuna dos agricultores?

— Sem dúvida — prosseguia o coro dos amigos —, mas estes desastres serão, provavelmente, mais raros, em consequência da regularidade climatérica que impedirá as perturbações da atmosfera! Sim! A humanidade lucrará grandemente com este novo estado de coisas! Sim! Será a verdadeira transformação do globo terrestre! Sim! Barbicane and Co. farão um grande serviço às gerações, presentes e futuras, destruindo, com a desigualdade dos dias e das noites, a desagradável diversidade das estações! Sim! Como dizia Miguel Ardan, o nosso esferoide, em cuja superfície faz sempre demasiado frio ou excessivo calor, deixará de ser o planeta das constipações, das corizas e das pneumonias! Não haverá constipados senão os que assim o quiserem, pois que lhes será sempre lícito habitar um país conveniente aos seus brônquios!

No número de 27 de dezembro, o *Sun*, de Nova Iorque, terminou o mais eloquente dos artigos, exclamando:

> Honra ao presidente Barbicane e a seus colegas! Não somente estes audaciosos anexaram, por assim dizer, uma nova província ao continente americano, e portanto aumentaram o campo já tão vasto da Confederação, mas tornaram a Terra mais higienicamente habitável; e também mais produtiva, porque se poderá semear logo que se houver colhido, e porque, germinando a semente sem demora, não haverá tempo perdido no inverno. Não somente as riquezas em hulha aumentarão, como a exploração de novos jazigos, que assegurarão o consumo desta indispensável substância durante longos anos talvez; mas as condições climatéricas do nosso globo transformar-se-ão em própria vantagem! Barbicane e seus colegas modificaram, para maior bem de seus semelhantes, a obra do Criador! Glória a estes homens, que tomarão o primeiro lugar entre os benfeitores da humanidade!

Capítulo 9

No qual se vê aparecer um «deus ex machina» de origem francesa

Tais deviam ser, pois, os benefícios devidos à modificação feita pelo presidente Barbicane no eixo de rotação da Terra. É sabido, além disso, que esta modificação devia afetar por modo insensível o movimento de translação do nosso esferoide em volta do sol.

A Terra continuaria a descrever a sua órbita imutável através do espaço e as condições do ano solar não seriam alteradas.

Quando as consequências da mudança do eixo da Terra foram conhecidas pelo mundo, tiveram extraordinário eco. No primeiro momento fez-se entusiástico acolhimento a este problema de alta mecânica. A perspetiva de haver estações de igualdade constante e segundo a latitude, *à vontade dos consumidores*, era extremamente sedutora.

«Embalavam-se» com a ideia de que todos os mortais poderiam gozar dessa primavera eterna que o cantor do Telémaco atribuiu à ilha de Calipso e que poderiam mesmo escolher entre uma primavera fresca e uma primavera tépida.

Quanto à posição do novo eixo, em volta do qual se efetuaria a rotação diurna, era segredo que o presidente Barbicane, o capitão Nicholl e J. T. Maston pareciam não querer confiar ao público. Descobri-lo-iam antes, ou não o tornariam conhecido senão depois da sua experiência? Foi isto quanto bastou para que a opinião pública começasse a inquietar-se um pouco.

Uma observação ocorreu naturalmente ao espírito e foi seriamente comentada nos jornais.

Por que esforço mecânico se produziria esta mudança, que exigia, evidentemente, o emprego de enorme força?

O *Forum*, revista importante de Nova Iorque, fez justamente notar o

seguinte:

> Se a Terra não girasse sobre o eixo, talvez bastasse um choque, relativamente fraco, para lhe dar movimento de rotação em volta de um eixo arbitrariamente escolhido; mas como ela pode ser comparada a enorme giroscópio, movendo-se com grandíssima rapidez, uma lei natural exige que semelhante aparelho tenha a propensão de girar constantemente em volta do mesmo eixo.
>
> Léon Foucault demonstrou materialmente este princípio com experiências célebres.
>
> Será, pois, muito difícil, para não dizer impossível, desviar o atual eixo.

Nada mais exato. Assim, depois de se haver perguntado qual seria o esforço empregado pelos engenheiros da North Polar Practical Association, não era menos interessante saber se este esforço seria sucessiva ou bruscamente produzido.

E, neste último caso, não sobrevinha temerosas catástrofes à superfície do Globo no momento em que se realizasse a mudança do eixo, graças ao processo de Barbicane and Co.?

Em tudo isto havia o suficiente para preocupar o ânimo dos sábios e dos ignorantes dos dois mundos.

Afinal, um choque é um choque e não é jamais agradável levar uma pancada ou mesmo sofrer a repercussão dela. Parecia, na realidade, que os promotores do negócio não se haviam preocupado com as desordens que a sua obra podia provocar no nosso infeliz globo, atendendo apenas às próprias vantagens. Muito habilmente, portanto, os delegados europeus, mais do que nunca irritados com a derrota e resolvidos a tirar partido das circunstâncias, começaram a mover a opinião pública contra o presidente do Gun-Club.

A França, como devemos estar lembrados, não tendo feito valer qualquer

pretensão sobre as regiões circumpolares, não figurava entre as potências que haviam tomado parte na adjudicação; contudo, se oficialmente se desligara do assunto, um francês, como já se disse, teve a ideia de se transportar para Baltimore, a fim de vigiar por conta própria e divertimento particular as diversas fases desta gigantesca empresa.

Era um engenheiro do corpo de Minas, tendo, quando muito, trinta e cinco anos. Havendo entrado com primeira classificação na Escola Politécnica e saído também primeiro classificado, convém apresentá-lo como matemático de primeira ordem, muito provavelmente superior a J. T. Maston, que, se era um calculador extraordinário, não passava de calculador — o que seria um Le Verriter em comparação de um Laplace e de um Newton.

Este engenheiro — que não estragava nada — era homem de espírito, fantasioso, original, como por vezes se encontram nas Pontes e raramente nas Minas. Possuía uma forma própria de dizer as coisas, essencialmente engraçada.

Quando conversava com os amigos íntimos, mesmo sobre a ciência, fazia-o com a simplicidade de um gaiato de Paris. Gostava das palavras dessa linguagem popular e das expressões a que a moda tão rapidamente tem dado direitos de cidade. Dir-se-ia que, nesses momentos de intimidade, o seu estilo se coadunava mal com as fórmulas académicas, com as quais se resignava apenas quando manejava a pena. Era, ao mesmo tempo, encarniçado trabalhador, podendo conservar-se dez horas à mesa de trabalho e escrevendo correntemente páginas de álgebra como se escrevesse uma carta. O seu melhor passatempo, depois de trabalhos de alta matemática durante um dia inteiro, consistia no *whist*, que jogava mediocremente, posto que lhe tivesse calculado todas as eventualidades. E quando «a mão pertencia à perna de pau» era um gosto ouvi-lo exclamar em latim macarrónico: *Cadaveri poussandum est*!

Esta singular personagem chamava-se Pierdeux (Alcide) e na sua mania de abreviar, comum aliás a todos os seus camaradas, assinava geralmente *A* Pierd, ou mesmo *A* Pi, sem jamais pôr o ponto no *i*. Era tão ardente nas suas discussões que o haviam alcunhado Alcide sulfúrico. Não somente era alto, mas até parecia

enorme. Os seus colegas afirmavam que a estatura dele abrangia a quinta milionésima parte do quarto do meridiano, seja, aproximadamente, dois metros, e não se enganavam muito.

Se possuía uma cabeça um pouco pequena para o seu forte busto e os seus largos ombros, como ele a mexia com animação, e que viveza brilhava, através da luneta, nos seus olhos azuis! Caracterizava-o uma dessas fisionomias que são alegres, sem deixarem de ser graves, a despeito de um crânio prematuramente desguarnecido de cabelos pelo abuso dos sinais algébricos sob a luz dos bicos de gás das salas de estudo. Com tudo isto, o melhor rapaz de que se havia conservado memória na escola e sem sombra de afetação. Bem que o seu caráter fosse assaz independente, submetera-se sempre às prescrições do código X, que faz lei entre os politécnicos em tudo que se refere a camaradagem e ao respeito pelo uniforme. Fora tão apreciado sob as árvores do pátio das «Acas», assim chamado porque não tem acácias, como nos *casers*, dormitórios, em que o arranjo do seu baú e a ordem em que tinha o seu *coffin* demonstravam um espírito absolutamente metódico.

Que a cabeça de Alcide Pierdeux parecesse um pouco pequena no alto de um grande corpo, seja! Em todo o caso, pode acreditar-se, estava cheia até às meninges. Antes de tudo era matemático como os seus camaradas o são ou foram; mas não professava as matemáticas senão para as aplicar às ciências experimentais, que a seu turno não tinham para ele outro encanto senão o de encontrarem emprego na indústria.

Era este, bem o reconhecia, o lado inferior da sua natureza.

Ninguém é perfeito!

Em suma, a sua especialidade consistia no estudo destas ciências, que, apesar dos imensos progressos, têm e terão sempre segredos para os seus adeptos.

Digamos de passagem que Alcide Pierdeux era celibatário.

Como de bom grado dizia, era ainda «igual a um», posto que o seu mais vivo desejo fosse o de se dobrar. Os seus amigos, por isso, haviam pensado em o casar com uma rapariga encantadora, alegre, espirituosa, uma provençal de

Martigues. Infelizmente, houvera um pai que respondera às primeiras propostas com a «martigalada» seguinte:

— Não, o vosso Alcide é muito sábio! Teria com a minha pobre pequena conversas incompreensíveis para ela!...

Como se todos os verdadeiros sábios não fossem simples e modestos!

Foi esta a razão por que o nosso engenheiro, muito despeitado, resolvera pôr entre si e a Provença uma certa extensão de mar. Pediu um ano de licença e obtendo-a não supôs poder aproveitá-la melhor do que em seguir de perto o negócio da North Polar Practical Association, que muito o interessava.

Eis porque, nesta época, se encontrava nos Estados Unidos.

Por isso, desde que Alcide Pierdeux estava em Baltimore, não deixara de o preocupar esta importante operação de Barbicane and Co. Que a Terra, por mudança de eixo, se tornasse joviana, pouco lhe importava! Mas por que meio se podia tornar, eis o que aguçava — não sem razão — a sua curiosidade de sábio.

Na sua linguagem pitoresca dizia ele:

— Evidentemente, o presidente Barbicane prepara-se para atiçar na nossa bola uma tapona de primeira categoria!... Como e em que sentido? Eis a questão. Suponho, sem dúvida, que vai dar-lhe «fino» como numa bola de bilhar, quando se lhe quer dar efeito lateral!... Se a apanhasse em «cheio», seria para fora da órbita e iriam para o diabo os anos atuais, que seriam completamente mudados. Não! esta boa gente não pensou se não em substituir por outro o eixo atual!... Dúvida alguma sobre este ponto!... Mas não vejo bem claro aonde irão tomar ponto de apoio e que impulso lhe comunicarão do exterior! Ah! se o movimento diurno não existisse, um piparote seria suficiente!... Ora existe o movimento diurno. Não se pode suprimir o movimento diurno. Eis onde está o *canisdentum*!

Queria dizer o «dente de cão» este espantoso Alcide Pierdeux!

— Em todo o caso — acrescentou ele —, qualquer que seja o processo que empreguem, será sempre uma derrocada geral!

No fim de contas, o nosso sábio tinha debalde dado tratos à imaginação, sem mesmo entrever qual fosse o processo imaginado por Barbicane e Maston. Coisa

tanto mais para lamentar quanto, se este processo lhe fosse conhecido, rapidamente teria deduzido as suas fórmulas mecânicas.

Eis o que fazia com que, na data de 29 de dezembro, Alcide Pierdeux, engenheiro do corpo nacional das Minas de França, medisse, com o compasso das suas pernas, largamente aberto, as ruas frequentadas de Baltimore.

Capítulo 10

Em que várias inquietações começam a pouco e pouco a manifestar-se

Um mês passara, todavia, desde que a assembleia geral se reunira nos salões do Gun-Club. Durante este lapso de tempo a opinião pública havia-se sensivelmente modificado. As vantagens da mudança do eixo da rotação, esquecidas! As desvantagens, essas começavam a ser vistas distintamente! Não era possível que deixasse de dar-se uma catástrofe, porque a mudança seria, segundo todas as probabilidades, produzida por um impulso violento! O que seria na realidade essa catástrofe, eis o que ninguém podia dizer! Quanto ao melhoramento dos climas, era ele para desejar? Em verdade, só os Esquimós, os Lapões, os Samoiedos e os Tchouktchis podiam lucrar, visto que nada tinham a perder.

Era bom, agora, ouvir os delegados europeus declamar contra a obra do presidente Barbicane! Para começar haviam dirigido relatórios aos seus Governos, gasto os fios submarinos pela incessante circulação de telegramas, pedindo e recebendo instruções! Ora estas instruções todos as conhecem! Sempre vazadas nas fórmulas da arte diplomática e com as suas divertidas reservas: «Mostrai muita energia, mas não comprometais o Governo! Procedei energicamente, mas não toqueis no *statu quo*!

Neste meio tempo, o major Donellan e os seus colegas não cessavam de protestar em nome dos países ameaçados— do Antigo Continente sobretudo.

— É, com efeito, evidente — ponderava o coronel Boris Karkof — que os engenheiros americanos tomaram todas as precauções para poupar, quanto possível, aos territórios dos Estados Unidos as consequências do choque!

— Mas conseguiriam eles o seu propósito? — objetou Jan Harald. — Quando se sacode uma oliveira, durante a colheita da azeitona, por acaso não

sofrem todos os ramos?

— E quando levais um soco no peito — interrompeu Jacques Jansen —, por acaso não é sacudido todo o vosso corpo?

— Eis, pois, o que significava a famosa cláusula do documento! — exclamou Dean Toodrink. — Eis porque preveniam certas modificações geográficas ou meteorológicas na superfície do Globo!

— Sim! — disse Eric Baldenak. — O que se pode temer, em primeiro lugar, é que a mudança do eixo expila os mares para fora dos seus leitos naturais.

— E se o nível oceânico baixar em diferentes pontos — lembrou Jacques Jansen —, não sucederá que certas populações se encontrarão em tais alturas que se torne impossível qualquer comunicação com os seus semelhantes?...

— Se até não ficarem imersas em camadas de tão fraca densidade — acrescentou Jan Harald — que o ar não seja suficiente para a respiração!

— Vede Londres na altitude do Monte Branco! — exclamou o major Donellan.

E, de pernas abertas e cabeça inclinada para trás, este *gentleman* olhava para o zénite, como se a capital do Reino Unido estivesse perdida nas nuvens.

Em suma, havia um perigo público, tanto mais para inquietar quanto já eram pressentidas as consequências da modificação do eixo terrestre.

Não se tratava, com efeito, de nada menos do que da mudança de vinte e três graus e vinte e oito minutos, mudança que devia produzir considerável deslocação dos mares, por causa do achatamento da Terra nos antigos pólos. Estaria, pois, a Terra ameaçada de desordens semelhantes às que se pensa ter recentemente observado na superfície do planeta Marte? Ali, continentes inteiros, entre outros a Lídia de Schiaparelli, foram submersos — o que é indicado pelo tom azul-escuro, substituindo o tom avermelhado! Ali, desapareceu o lago Moeris! Ali, seiscentos mil quilómetros quadrados sofreram modificações ao norte, ao passo que ao sul os oceanos abandonaram vastas regiões que outrora ocupavam! E se algumas almas caridosas se haviam inquietado com os «inundados de Marte» e tinham proposto abrir subscrições em

seu favor, que aconteceria quando fosse necessário cuidar dos inundados da Terra?

Os protestos começaram, pois, a levantar-se de todos os pontos e o Governo dos Estados Unidos tratou de se precaver.

No fim de tudo, seria melhor não tentar a experiência do que expor-se às catástrofes que seguramente acarretaria. O Criador fez bem as coisas. Não havia necessidade alguma de pôr mãos temerárias na sua obra.

Pois bem, acreditá-lo-ão? Havia gente superficial que gracejava com coisas tão graves!

— Que dizeis a estes ianques! — exclamavam. — Espetar a Terra noutro eixo! Ainda se, à força de girar, há milhões de séculos, sobre o atual, o tivesse gasto pelo atrito dos munhões, pode ser que fosse oportuno mudá-lo, como se substitui o eixo de uma roldana ou de uma roda. Não está ele, porém, em tão bom estado como nos primeiros dias da criação?

Que responder a isto?

No meio destas recriminações, o engenheiro Alcide Pierdeux procurava adivinhar quais seriam a natureza e a direção do choque imaginado por J. T. Maston, bem como o ponto exato do Globo em que atuaria. Uma vez senhor deste segredo, bem saberia ele determinar os pontos ameaçados do esferoide terrestre.

Disse-se anteriormente que os terrores do Antigo Continente não podiam ser partilhados pelo Novo — ao menos na região, definida pelo nome de América Setentrional, que mais especialmente pertence à Confederação americana. Era, com efeito, admissível que o presidente Barbicane, o capitão Nicholl e J. T. Maston, na sua qualidade de americanos, não tivessem pensado em precaver os Estados Unidos das emersões ou imersões que devia originar a mudança do eixo, em diversos pontos da Europa, da Ásia, da África e da Oceânia? Ou se é ianque, ou não; e eram-no os três, em alto grau — ianques «feitos de uma só peça», como havia dito Barbicane quando desenvolvera o projeto de viagem à lua.

Evidentemente, toda a região do Novo Continente, entre as terras árticas e o

golfo do México, nada devia ter que recear do choque em perspetiva.

É provável, mesmo, que a América lucrasse grande aumento de território. Com efeito, sobre os leitos abandonados pelos dois oceanos, que atualmente os cobrem, quem sabe se não encontrariam tantas províncias para anexar quantas estrelas o seu pavilhão ostenta já sobre as pregas do seu estofo?

Sim, sem dúvida! Mas — repetiam os espíritos timoratos, aqueles que nunca veem senão o lado perigoso das coisas — pode-se estar seguro de coisa alguma neste mundo? E se J. T. Maston se houvesse enganado nos seus cálculos? E se o presidente Barbicane cometesse um erro ao pô-los em prática? Isto pode acontecer aos mais hábeis artilheiros! Não metem sempre a bala e a granada no alvo.

Concebe-se bem que estes receios eram cuidadosamente alimentados pelos delegados das potências europeias. O secretário Dean Toodrink publicou numerosos artigos neste sentido e dos mais violentos no *Standard,* Jan Harald no jornal sueco *Aftenbladet,* e o coronel Boris Karkof no muito lido jornal russo *Novoié-Vrémia.* Na própria América as opiniões dividiram-se. Se os republicanos, que são liberais, ficaram partidários do presidente Barbicane, os democratas, que são conservadores, declararam-se contra ele.

Uma parte da imprensa americana, principalmente o *Journal de Boston*, a *Tribune* de Nova Iorque, etc., fez coro com a imprensa europeia. Ora nos Estados Unidos, depois da organização da *Association Press* e da *United Press,* o jornal tornou-se um formidável agente de informação, pois que o preço das notícias locais ou estrangeiras excede anualmente, e em muito, a cifra de vinte milhões de dólares.

Em vão outras folhas — e não das de menor expansão — quiseram replicar em favor da North Polar Practical Association. Em vão Mrs. Evangelina Scorbitt pagou, a dez dólares a linha, artigos de fundo, artigos de fantasia, repentes espirituosos, onde se reduziam a verdadeiras proporções estes perigos definidos como quiméricos!

Em vão procurava esta ardente viúva demonstrar que, se alguma hipótese

podia ser injustificável, era a de J. T. Maston poder cometer um erro de cálculo! Finalmente, a América, tomada de susto, a pouco e pouco pôs-se inteiramente de acordo com a Europa. De resto, nem o presidente Barbicane, nem o secretário do Gun-Club, nem mesmo os vogais do conselho de administração, se davam ao trabalho de responder. Deixavam falar e nada haviam mudado nos seus hábitos. Não parecia mesmo que estivessem absorvidos pelos preparativos imensos que tal operação exigiria. Preocupar-se-iam somente com a mudança da opinião pública, com a desaprovação geral, que se acentuava agora contra um projeto acolhido no princípio com tanto entusiasmo? Não o parecia também.

Bem depressa, apesar da dedicação de Mrs. Evangelina Scorbitt e quaisquer que fossem as somas consagradas à defesa, o presidente Barbicane, o capitão Nicholl e J. T. Maston passaram ao estado de seres perigosos para a segurança dos dois mundos. O Governo foi oficialmente intimado pelas potências europeias a intervir no negócio e interrogar os promotores. Deviam estes declarar abertamente os seus meios de ação e o processo pelo qual contavam substituir um novo eixo ao antigo — o que permitia deduzir as consequências sob o ponto de vista da segurança geral —, designar, enfim, quais as partes do Globo diretamente ameaçadas; numa palavra, explicar tudo que a impaciência pública ignorava e a prudência queria saber.

O Governo de Washington não se fez rogar. A emoção, que lavrara nos Estados do Norte, do Centro e do Sul da república, não lhe permitia hesitar. Uma comissão de sindicâncias, composta de maquinistas, engenheiros, matemáticos, hidrógrafos e geógrafos, em número de cinquenta, presidida pelo célebre John Prestice, foi criada, por decreto datado de 19 de fevereiro, com plenos poderes para receber explicações acerca da operação e, em caso de necessidade, para proibi-la.

Primeiro que tudo, o presidente Barbicane recebeu aviso para comparecer perante a comissão.

O presidente não compareceu.

Foram agentes procurá-lo na sua residência, 95, Cleveland-street, em

Baltimore.

O presidente não estava ali.

Onde estava ele?...

Ignora-se.

Quando partira?...

Havia cinco semanas, a 11 de janeiro, deixara a grande cidade da Marilândia e a mesma Marilândia em companhia do capitão Nicholl.

Onde teriam ido ambos?...

Ninguém pôde dizê-lo.

Evidentemente, os dois sócios do Gun-Club jornadeavam para essa região misteriosa em que, sob a sua direção, começariam os preparativos.

Mas que lugar seria esse?

Compreende-se que havia grande interesse em sabê-lo, se se queria quebrar no ovo o plano destes perigosos engenheiros, enquanto ainda era tempo.

A deceção produzida pela partida do presidente Barbicane e do capitão Nicholl foi enorme. Manifestou-se imediatamente um fluxo de cólera, que subiu, como maré de equinócio, contra os administradores da North Polar Practical Association.

Um homem, porém, devia saber aonde tinham ido o presidente Barbicane e o seu colega. Um homem podia perentoriamente responder ao gigantesco ponto de interrogação que se levantava na superfície do Globo.

Este homem era J. T. Maston.

Pelos cuidados de John Prestice, J. T. Maston foi citado perante a comissão.

J. T. Maston não apareceu.

Também ele teria deixado Baltimore? Teria ido reunir-se aos seus colegas, para os ajudar nesta obra, de que o mundo todo esperava os resultados com tão compreensível susto?

Não! J. T. Maston continuava a habitar Balistic-Cottage, em Franklin-street, n.º 179, trabalhando incessantemente e descansando já com outros cálculos, interrompidos apenas por alguns serões passados nas salas de Mrs. Evangelina

Scorbitt, no sumptuoso palácio de New-Park.

Foi-lhe enviado, pois, um agente pelo presidente da comissão de sindicância, com ordem de o trazer consigo.

O agente chegou ao Cottage, bateu à porta, entrou no vestíbulo, foi assaz mal recebido pelo preto Fire-Fire, ainda pior pelo dono da casa.

J. T. Maston, todavia, julgou dever aceitar o convite e, quando se achou na presença dos sindicantes, não dissimulou que o enfadavam excessivamente, interrompendo as suas ocupações habituais.

Foi-lhe feita a primeira pergunta:

— Sabia o secretário do Gun-Club onde se achavam atualmente o presidente Barbicane e o capitão Nicholl?

— Sei-o — respondeu J. T. Maston, com voz firme —, mas não me julgo autorizado a dizê-lo.

Segunda pergunta:

— Ocupavam-se os seus dois colegas com os preparativos necessários para a operação da mudança do eixo terrestre?

— Isso — volveu J. T. Maston — faz parte do segredo que sou obrigado a guardar; recuso-me, pois, a responder.

— Queria ele, pois, comunicar o seu trabalho à comissão, que julgaria se era possível deixar realizar os projetos da sociedade?

— Não certamente, não o comunicarei!... Mais depressa o aniquilarei!... É meu direito de cidadão livre da livre América não comunicar a alguém o resultado dos meus trabalhos!

— Mas se esse direito é vosso, Sr. Maston — objetou o presidente Prestice, com voz grave, como se respondesse em nome do mundo inteiro —, não será, talvez, também vosso dever falar em presença da emoção geral, a fim de pôr termo ao desvairamento das populações terrestres?

J. T. Maston não julgou ser esse o seu dever. Não tinha senão o de calar-se: calar-se-ia.

Apesar da insistência, das súplicas e das ameaças, os membros da comissão

nada puderam obter do homem do gancho de ferro. Jamais, não! Jamais se poderia ter acreditado que tão grande teima se alojasse sob um crânio de guta-percha!

J. T. Maston saiu, pois, como havia entrado. É inútil insistir se foi ou não felicitado por Mrs. Evangelina Scorbitt pela sua valente atitude.

Logo que foi conhecido o resultado da comparência de J. T. Maston perante os sindicantes, a indignação pública assumiu proporções verdadeiramente assustadoras para a segurança deste artilheiro reformado. A pressão foi rapidamente tal nos altos representantes do Governo Federal, tão violenta a intervenção pública, que o ministro de Estado, John S. Wrighton, teve de pedir autorização aos seus colegas para o proceder *manu militari.*

Uma tarde, 13 de março, estava J. T. Maston no gabinete de Balistic-Cottage — absorto nos seus algarismos — quando a campainha do telefone tocou febrilmente.

— Alô... Alô... — murmurou a placa, agitada por tremura que denunciava extrema inquietação.

— Quem me fala? — perguntou J. T. Maston.

— Mrs. Scorbitt.

— Que quer, Mrs. Scorbitt?

— Pôr-vos de prevenção! Acabo de ser informada de que esta tarde mesmo...

A frase não tinha ainda entrado nos ouvidos de J. T. Maston quando a porta do Balistic-Cottage foi bruscamente arrombada a ombros.

Na escada que conduzia ao gabinete ouviu-se extraordinário tumulto.

Uma voz protestava. Outras pretendiam reduzi-la ao silêncio. Em seguida, o ruído da queda de um corpo.

Era o negro Fire-Fire, que rolava de degrau em degrau, depois de ter em vão tentado defender contra os assaltantes o *home* de J. T. Maston.

Instantes depois a porta do gabinete voava em estilhaços e aparecia um *constable* seguido de uma esquadra de polícias.

Este *constable* tinha ordem de fazer uma visita domiciliária no *cottage* e de

se apoderar dos papéis de J. T. Maston e da sua pessoa.

O inflamável secretário lançou mão de um revólver e ameaçou a Polícia com sêxtupla descarga.

Num momento, graças ao número, foi desarmado e fez-se mão baixa sobre os papéis, cobertos de algarismos e de fórmulas, que enchiam a mesa.

De repente, porém, escapando-se com brusco salto, J. T. Maston conseguiu apoderar-se de uma carteira, que provavelmente continha o resumo dos seus cálculos.

Os agentes da Polícia arremessaram-se para lha arrancar — com a vida se preciso fosse; mas J. T. Maston pôde rapidamente abri-la, rasgar-lhe a última folha e engoli-la, mais rapidamente ainda, como simples pílula.

— Vinde tirá-la agora! — gritou-lhes em tom de Leónidas nas Termópilas.

Uma hora depois, J. T. Maston era encerrado na prisão de Baltimore.

E foi incontestavelmente o melhor que lhe podia acontecer, porque a população teria chegado contra a sua pessoa a excessos — lamentáveis para ele — que a Polícia não teria força para evitar.

Capítulo 11

O que se encontra e o que se não encontra já na carteira de J. T. Maston

A carteira, apreendida pelas diligências da Polícia de Baltimore, compunha-se de trinta páginas, zebradas de fórmulas, equações e números, que formavam o conjunto dos cálculos de J. T. Maston.

Era um trabalho de alta mecânica, que só por matemáticos podia ser apreciado.

Ali figurava até a equação das forças vivas que se encontrava precisamente no problema da *Terra à lua*, onde continha, além disso, as expressões relativas à atração lunar.

$$V^2 - V_0^2 = 2\,gr_0^2\left(\frac{1}{r} - \frac{1}{r_0}\right)$$

O vulgo, em suma, nada compreenderia desse trabalho. Pareceu, por isso, conveniente fazer-lhe conhecer os dados e os resultados, com que o mundo inteiro se inquietava tão vivamente havia algumas semanas.

Foi o que se deu à publicidade dos jornais, logo que os sábios da comissão de sindicância conheceram as fórmulas do célebre calculador... Foi o que todas as folhas, sem distinção de partido, levaram ao conhecimento do público.

Ao princípio, não houve discussão possível acerca do trabalho de J. T. Maston. Problema corretamente enunciado, diz-se em meio resolvido, e este fora-o admiravelmente; por outro lado, os cálculos tinham sido feitos com demasiado rigor para que a comissão de sindicância pensasse em pôr em prática a sua exatidão e as suas consequências. Se a operação fosse completamente

realizada, o eixo da Terra seria inevitavelmente modificado e as catástrofes previstas teriam lugar em toda a sua plenitude.

Nota, redigida pela comissão de sindicância de Baltimore, para ser comunicada aos jornais, revistas e arquivos dos dois mundos.

O efeito, que pretende conseguir o conselho de administração da North Polar Practical Association e tem por fim substituir por novo eixo de rotação o antigo, é obtido por meio de recuo de uma boca de fogo fixada em determinado ponto da Terra.

Se a alma dessa máquina estiver irresistivelmente ligada ao solo, não é duvidoso que comunicará o recuo à massa de todo o nosso planeta.

A máquina, adotada pelos engenheiros da sociedade, não é mais que um canhão monstro, cujo efeito seria nulo se atirasse verticalmente. Para produzir o efeito máximo é preciso apontá-lo horizontalmente para o norte ou para o sul; foi esta última direção que foi escolhida por Barbicane and Co. Nestas condições, o recuo produz na Terra um choque, para norte, comparável ao que sofre uma bola de bilhar apanhada muito fino.

Era, na verdade, exatamente o que tinha pressentido o perspicaz Alcide Pierdeux!

«Logo que se dê o tiro, o centro da Terra desloca-se segundo uma direção paralela à do choque, o que poderá mudar o plano da órbita e portanto a duração do ano; mas em quantidade tão pequena que a devemos considerar absolutamente desprezível. Ao mesmo tempo, a Terra toma um movimento de rotação em torno de um eixo situado no plano do equador, e a rotação far-se-ia indefinidamente sobre o novo eixo se o movimento diurno não existisse anteriormente ao choque.

«Ora esse movimento dá-se em torno da linha dos pólos; portanto, combinado com a rotação acessória produzida pelo recuo, dá origem a novo eixo, cujo pólo se afasta do antigo em quantidade *x*.

«Se, além disso, o tiro for dado no momento em que o ponto vernal — uma das suas interseções do equador e da eclíptica — estiver no nadir do lugar do tiro, e se o recuo for assaz forte para deslocar o antigo pólo de 23° 28’, o novo eixo terrestre torna-se perpendicular ao plano da órbita — como tem lugar aproximadamente para o planeta Júpiter.

«São conhecidas as consequências desse perpendicularismo, que o presidente Barbicane julgou dever indicar na sessão de 22 de dezembro.

«Sendo, porém, dado o volume da Terra e a quantidade de movimento que possui, pode conceber-se uma boca de fogo tal que o seu recuo seja capaz de produzir uma modificação no lugar do pólo atual, sobretudo do valor de 23° 28’?

«Sim, se se construir um canhão, ou uma série deles, com as dimensões exigidas pelas leis da mecânica, ou se, à falta dessas dimensões, os inventores estiverem de posse de um explosivo de força suficiente para imprimir ao projétil a velocidade necessária para tal deslocamento.

«Ora, tomando para tipo a peça de vinte e sete centímetros da marinha francesa (modelo 1875), que lança um projétil de cento e oitenta quilogramas com velocidade de quinhentos metros por segundo, dando a essa boca de fogo dimensões cem vezes maiores, isto é, um milhão de vezes em volume, lançaria ela um projétil de cento e oitenta mil toneladas. Se, além disso, a pólvora tivesse força suficiente para dar ao projétil uma velocidade cinco mil e seiscentas vezes mais forte do que a obtida com a antiga pólvora, conseguir-se-ia o resultado desejado. Com efeito, com velocidade de dois mil e oitocentos quilómetros por segundo[15] não é para recear que o choque do projétil, encontrando de novo a Terra, reponha as coisas no estado inicial.

«Pois, desgraçadamente para a segurança terrestre, por mais extraordinário que isto pareça, J. T. Maston e os seus colegas estão de posse desse explosivo de

uma potência quase infinita, e de que a pólvora, empregada em lançar o projétil da columbíada para a lua, não poderia dar ideia. Foi o capitão Nicholl quem o descobriu. Das substâncias que entram na sua composição apenas se acha incompleta notícia na carteira de J. T. Maston, que se limita a indicar esse explosivo debaixo do nome de «melimelonite».

«Tudo quanto se sabe é que ele é formado pela reação de um melimelo de substâncias orgânicas e de ácido azótico. Certo número de radicais monatómicos substituem-se ao mesmo número de átomos de hidrogénio, e obtém-se uma pólvora que, como o algodão-pólvora, é formada pela combinação, e não pela simples mistura, dos princípios comburentes e combustíveis.

«Em suma, seja qual for esse explosivo, com a força que tem, mais do que suficiente para lançar um projétil, pesando cento e oitenta mil toneladas, para além da atração terrestre, é evidente que o recuo, que há de imprimir a boca de fogo, produzirá os seguintes efeitos: mudança de eixo, deslocamento do pólo de 23° 28’, perpendicularismo do novo eixo sobre o plano da eclíptica. Daí, todas as catástrofes tão justamente temidas pelos habitantes da Terra.

«Uma probabilidade resta, entretanto, à humanidade de escapar às consequências da operação, que deve produzir modificações de tal ordem nas condições geográficas e climatológicas do globo terrestre.

«Será possível fabricar um canhão de dimensões tais que seja um milhão de vezes maior do que é a peça de vinte e sete centímetros? Sejam quais forem os progressos da indústria metalúrgica, que constrói pontes como as do Tay e de Forth, viadutos como o de Garabit e torres como a Eiffel, é porventura admissível que os engenheiros possam produzir essa máquina gigantesca, não falando no projétil de cento e oitenta mil toneladas, que deverá ser lançado no espaço?

«É lícito duvidar disto. É, evidentemente, esta uma das razões pelas quais a tentativa de Barbicane and Co. tem bastantes probabilidades de mau êxito. Fica, porém, ainda o campo aberto a grande número de eventualidades, particularmente inquietantes, visto parecer que a nova sociedade começou já os

trabalhos.

«É bom saber-se que os sobreditos Barbicane e Nicholl deixaram Baltimore e a América. Partiram há mais de dois meses. Aonde se dirigiram?... Certamente para o ponto desconhecido do Globo em que tudo deve estar disposto para começarem as suas operações.

«Qual é esse ponto? Ignora-se; portanto, é impossível seguir os audaciosos «malfeitores» (*sic*) que pretendem transformar o mundo a pretexto de explorarem, em seu proveito, novas hulheiras.

«Que este lugar evidentemente estava indicado na carteira de J. T. Maston, na última página, que resumia os seus trabalhos, é mais do que certo. Esta página, porém, foi rasgada pelos dentes do cúmplice de Barbicane, e este cúmplice, presentemente encarcerado na prisão de Baltimore, recusa-se absolutamente a falar.

«Tal é, pois, a situação. Se o presidente Barbicane consegue fabricar o canhão monstro e o respetivo projétil, numa palavra, se a operação se realiza nas condições acima mencionadas, modificará o antigo eixo e dentro de seis meses a Terra será exposta às consequências desta «imperdoável tentativa» (*sic*).

«Efetivamente foi escolhida determinada data para que o tiro produza o seu completo efeito, data em que o choque dado ao elipsoide terrestre atingirá a máxima intensidade.

«É a 22 de setembro, doze horas depois da passagem do sol no meridiano do lugar *x*.

«Conhecidas as seguintes circunstâncias: 1.º, que o tiro se dará com a peça cujas dimensões são de um milhão de vezes as da peça de vinte e sete; 2.º, que será carregada com um projétil de cento e oitenta mil toneladas; 3.º, que o projétil será animado de uma velocidade inicial de dois mil e oitocentos quilómetros; 4.º, que o tiro será disparado a 22 de setembro, doze horas depois da passagem do sol no meridiano do lugar; — poder-se-á destas condições deduzir qual é o lugar *x* em que a operação se há de realizar?

«Não, evidentemente!...» — responderam os comissários da sindicância.

«Efetivamente, no trabalho de J. T. Maston não há elementos para determinar o ponto *x*, nada indica quais sejam as regiões do Globo pelas quais passará o novo eixo, noutros termos, em que regiões serão situados os novos pólos da Terra. A 23° 28’ do antigo, seja! Mas em que meridiano, eis o que é absolutamente impossível determinar.

«Impossível, pois, é fixar quais serão os territórios abaixados ou elevados em consequência do desnivelamento dos oceanos, quais os continentes transformados em mares e os mares em continentes.

«Este desnivelamento, contudo, será muito considerável se atendermos aos cálculos de J. T. Maston. A superfície do mar, depois do choque, tomará a forma de um elipsoide de revolução em volta do novo eixo polar e o nível da camada líquida mudará em quase todos os pontos do Globo.

«Com efeito, a interseção dos níveis do antigo e do novo mar — duas superfícies de revolução iguais cujos eixos se encontram — compor-se-á de duas curvas planas, cujos planos passarão por uma perpendicular ao plano dos dois eixos e, respetivamente, pelas duas bissetrizes do ângulo dos eixos polares *(próprio texto tirado da carteira do calculador).*

«Segue-se daqui que o máximo do desnivelamento pode atingir uma elevação, ou uma depressão, de 8415 metros em relação ao nível primitivo, isto é, em certos pontos do Globo diversos territórios sofrerão levantamentos e depressões iguais a esta quantidade em relação ao novo nível. Este número diminuirá gradualmente até às linhas de demarcação que dividem o Globo em quatro segmentos, nas quais o desenvolvimento será nulo.

«Deve mesmo notar-se que o antigo pólo ficará submergido sob mais de 3000 metros de água, porque se acha a menor distância do centro da Terra, em consequência do achatamento do esferoide. Assim o domínio adquirido pela North Polar Practical Association deveria ficar coberto de água e portanto inexplorável.

«O caso, porém, foi previsto por Barbicane and Co., e os conhecimentos geográficos, deduzidos das últimas descobertas, permitem admitir a existência

no pólo ártico de um planalto cuja altitude é superior a 3000 metros.

«Quanto aos pontos do Globo em que o desnivelamento atingirá 8415 metros e, por conseguinte, aos territórios que sofrerão as desastrosas consequências deste facto, é necessário não ter a pretensão de determiná-los.

«Os mais engenhosos calculadores não o conseguiram. Há nesta equação um termo desconhecido que nenhuma fórmula pode determinar. É a situação exata do ponto *x* em que se dará o tiro e, por consequência, o choque. Ora este *x* é segredo dos promotores deste deplorável negócio.

«Resumindo, pois: os habitantes da Terra, qualquer que seja a latitude em que vivam, têm direto interesse em conhecer este segredo, porque são diretamente ameaçados pelas operações de Barbicane and Co.

«Ficam, portanto, avisados os habitantes da Europa, da África, da Ásia, da América, da Austrália e da Oceânia para vigiar todos os trabalhos de balística, tais como fundição de peças, fabrico de pólvora ou projécteis, que possam ser empreendidos nos seus territórios; para observar, igualmente, a presença de qualquer estrangeiro cuja chegada pareça suspeita, informando dela os membros da comissão de sindicância, em Baltimore, Marilândia, U.S.A.

«Permita o céu que esta revelação nos chegue antes de 22 de setembro do presente ano, dia que ameaça transformar a ordem estabelecida no sistema terrestre.»

Capítulo 12

Em que J. T. Maston continua heroicamente a guardar silêncio

Então, depois da peça para arremessar o projétil da Terra à lua, a peça empregada para modificar o eixo terrestre! A peça! Sempre a peça!

Mas não têm outra coisa na cabeça estes artilheiros do Gun-Club?! Estão, pois, atacados da mania do «canhonismo intensivo?!» Fazem do canhão a *ultima ratio* neste mundo?! Este brutal engenho é, pois, o soberano do Universo?! Do mesmo modo que o direito canónico regula a teologia, o rei canhão é o supremo regulador das leis industriais e cosmológicas?!

Sim, é preciso confessar que o canhão era a máquina que devia impor-se ao espírito do presidente Barbicane e dos seus colegas. Não é impunemente que se consagra toda a vida à balística. Depois da columbíada da Florida, deviam de chegar ao canhão monstro de... do ponto *x*! E não se ouvem eles já gritar com voz estridente:

— Apontar à lua!... Primeira peça... fogo!

— Mudar o eixo da Terra... Segunda peça... fogo!

Esperando esta ordem que o Universo deseja tanto dar-lhes:

— Para Charenton!... Terceira peça... fogo!

Na verdade, a operação justifica bem o título desta obra.

Não é com exatidão intitulada *Fora dos Eixos*, porque à operação seguir-se-ia, segundo a frase de Alcide Pierdeux, *uma derrocada geral?!*

Seja como for, a publicação da nota redigida pela comissão de sindicância produziu um efeito de que não pode dar-se ideia exata. É necessário convir que não era de molde para tranquilizar. Dos cálculos de J. T. Maston depreendia-se que o problema de mecânica tinha sido resolvido em todos os dados. A operação tentada pelo presidente Barbicane e pelo capitão Nicholl — era claríssimo — ia

introduzir uma modificação, das mais deploráveis, no movimento de rotação diurna. Um novo eixo substituiria o antigo... Sabe-se quais seriam as consequências desta substituição.

A obra de Barbicane and Co. foi, pois, definitivamente amaldiçoada e condenada à reprovação geral. Tanto no Velho como no Novo Continente os membros do conselho de administração da North Polar Practical Association só tiveram adversários. Se alguns partidários lhes ficaram entre os cérebros exaltados dos Estados Unidos, eram raros.

Sob o ponto de vista de segurança pessoal, o presidente Barbicane e o capitão Nicholl tinham, na verdade, procedido sensatamente deixando Baltimore e a América. Há razões para acreditar que lhes teria sucedido desgraça. Não é impunemente que se pode ameaçar em massa mil e quatrocentos milhões de habitantes, transtornar os seus hábitos pela mudança das condições de habitabilidade da Terra e inquietá-los na própria existência, provocando uma catástrofe universal.

Como tinham os dois colegas do Gun-Club desaparecido sem deixar rasto algum?

Como teriam partido o material e o pessoal necessários para semelhante operação, sem que alguém o pressentisse? Centenas de vagões, se fosse pelo caminho de ferro, centenas de navios, se fosse pelo mar, não teriam bastado para transportar os carregamentos de metal, de carvão e de melimelonite.

Era perfeitamente incompreensível que esta partida pudesse ter sido desconhecida. Contudo, assim fora. Depois de séria sindicância reconheceu-se, além disso, que encomenda alguma havia sido feita às fábricas metalúrgicas ou às de produtos químicos dos dois mundos. Que isto fosse inexplicável, seja! Sem dúvida teria um dia explicação.

Contudo, se o presidente Barbicane e o capitão Nicholl, misteriosamente desaparecidos, estavam ao abrigo de perigo imediato, o seu colega J. T. Maston, a propósito posto a ferros, podia recear tudo das represálias populares. Ora! Não se preocupava nada absolutamente com isso!

Que admirável teimoso era este calculador! De ferro como o seu antebraço. Coisa alguma o faria ceder.

Do fundo da cela que ocupava na prisão de Baltimore, o secretário do Gun-Club cada vez mais se absorvia na contemplação longínqua dos colegas que não pudera seguir. Evocava a visão do presidente Barbicane e do capitão Nicholl, preparando a sua gigantesca operação nesse ponto desconhecido do Globo, aonde ninguém os iria perturbar. Via-os fabricar o seu enorme canhão, combinar a melimelonite, fundir o projétil, que em breve o sol contaria no número dos seus pequenos planetas! Este novo astro teria o encantador nome de Scorbitt, testemunha de galantaria e de estima para com a rica capitalista de New-Park. J. T. Maston contava os dias, demasiadamente curtos, segundo os seus desejos, que o aproximavam da data fixada para o tiro.

Estava-se já em princípio de abril. Em dois meses e meio, o astro do dia, depois de ter parado no solstício sobre o trópico de Câncer, retrogradaria para o trópico de Capricórnio. Três meses depois, atravessaria a linha equatorial no equinócio de outono. Então acabariam estas estações que, desde milhares de séculos, se alternavam tão regular e «estupidamente» no curso de cada ano terrestre.

Pela última vez, no ano de 189..., o nosso esferoide seria subordinado a esta desigualdade dos dias e das noites. No futuro não haveria senão igual número de horas entre o nascer e o pôr do sol, em qualquer horizonte do Globo.

Na verdade, era isto uma obra magnífica, sobre-humana, divina! J. T. Maston esquecia o domínio ártico, a exploração das hulheiras do antigo pólo, para ver apenas as consequências cosmográficas da operação. O fim principal da nova sociedade desaparecia perante as transformações que a face do mundo ia sofrer.

Mas, como são as coisas! O mundo não queria mudar de face. Não continuava sempre jovem a que Deus lhe havia dado nas primeiras horas da criação?

Quanto a J. T. Maston, só e sem defesa no fundo da sua cela, não cessava de resistir incessantemente a todas as pressões que sobre ele tentavam exercer. Os

membros da comissão de sindicância iam visitá-lo diariamente, mas não podiam obter coisa alguma. Foi então que John Prestice teve ideia de utilizar uma influência que seria talvez mais bem sucedida do que a deles — a de Mrs. Evangelina Scorbitt. Não ignorava ninguém a dedicação de que era capaz esta respeitável viúva quando se tratava das responsabilidades de J. T. Maston, e que interesse dedicava ao célebre calculador.

Por deliberação dos comissários, portanto, Mrs. Evangelina Scorbitt foi autorizada a visitar o prisioneiro quando quisesse. Não era ela igualmente ameaçada, como os outros habitantes do Globo, pelo recuo do canhão monstro? Por acaso o seu palácio de New-Park seria mais poupado pela catástrofe final do que a choupana do mais humilde explorador dos bosques ou o *wigwam* do índio?

Não se tratava da sua existência como da do último dos Samoiedos, ou do mais obscuro insular do Pacífico? Eis o que o presidente da comissão lhe fez compreender, eis porque lhe foi pedido que usasse da sua influência sobre o espírito de J. T. Maston.

Se este se decidisse enfim a falar, se quisesse dizer em que região o presidente Barbicane e o capitão Nicholl — e certamente também o numeroso pessoal de que se deviam ter feito acompanhar — estavam ocupados nos preparativos, seria ainda tempo de ir em sua procura, de encontrar as suas pisadas, de pôr fim às pavorosas angústias e sustos da humanidade.

Mrs. Evangelina Scorbitt teve, pois, entrada na prisão. O que ela sobretudo desejava era tornar a ver J. T. Maston, arrancado pelas mãos da Polícia ao bem-estar do seu *cottage*.

Era, porém, conhecê-la bem mal, a enérgica Evangelina, supô-la escrava das fraquezas humanas! No dia 9 de abril, se ouvidos indiscretos se houvessem colado na porta da cela, a primeira vez que Mrs. Scorbitt nela penetrou, eis o que teriam escutado — não sem alguma surpresa:

— Enfim, caro Maston, torno a ver-vos!

— Vós, Mrs. Scorbitt?!

— Sim, meu amigo, depois de quatro semanas, quatro longas semanas de

separação...

— Exatamente vinte e oito dias, cinco horas e quarenta e cinco minutos — respondeu J. T. Maston, depois de ter consultado o relógio.

— Enfim, estamos juntos!...

— Mas como vos deixaram entrar até junto de mim, cara Mrs. Scorbitt?

— Com a condição de usar da influência, devida à afeição sem limites, sobre aquele que a motiva.

— O quê!... Evangelina! — exclamou J. T. Maston. — Tereis consentido em me dar tais conselhos?! Pudestes ter o pensamento de que atraiçoaria os meus colegas?

— Eu, caro Maston!... Tão mal me apreciais?! Pedir-vos eu que sacrifiqueis a honra à segurança?!... Eu!... Arrastar-vos a um ato que seria a desonra de uma vida consagrada inteiramente às mais elevadas especulações da mecânica transcendente?

— Felizmente, Mrs. Scorbitt! Encontro em vós a generosa acionista da nossa sociedade! Não!... Jamais duvidei do vosso grande coração!

— Obrigado, caro Maston.

— Quanto a mim, divulgar a nossa obra, revelar em que ponto do Globo se realizará o nosso prodigioso tiro, vender, por assim dizer, um segredo, que pôde, felizmente, conservar-se até agora no mais íntimo do meu espírito, permitir que estes bárbaros se lancem em perseguição dos nossos amigos e os interrompam em trabalhos que farão a nossa fortuna e a nossa glória?!... Antes morrer!

— Sublime Maston! — exclamou Mrs. Evangelina Scorbitt.

Na verdade, estes dois seres, tão estreitamente ligados pelo mesmo entusiasmo — e tão insensatos um como o outro, além disso —, eram feitos para se compreender.

— Não! Jamais eles saberão o nome do país que os meus cálculos determinaram e cuja celebridade vai ser imortal! — acrescentou J. T. Maston. — Que me matem, se assim o quiserem, mas não me arrancarão o meu segredo!

— E que me matem convosco! — bradou Mrs. Evangelina Scorbitt. — Serei

também muda...

— Felizmente, cara Evangelina, ignoram que vós possuís esse segredo!

— Acreditais, pois, caro Maston, que seria capaz de o divulgar, porque sou mulher? Trair-vos e aos vossos colegas!... Não! Meu amigo, não! Que estes Filisteus levantem contra vós a populaça das cidades e dos campos, que o mundo inteiro penetre pela porta desta cela para arrancar o vosso segredo, pois bem! Estarei aqui e teremos ao menos a consolação de morrer juntos!...

Ora, se jamais isto pode servir de consolação, J. T. Maston poderia sonhar outra mais doce do que morrer nos braços de Mrs. Evangelina Scorbitt?

Assim acabava a conversa sempre que a excelente senhora ia visitar o prisioneiro.

Quando os sindicantes a interrogavam sobre o resultado das entrevistas:

— Ainda nada! — dizia ela. — Com o tempo, talvez, obterei enfim...

Oh, astúcia de mulher!

«Com o tempo!», dizia ela. Este tempo, porém, passava a passos largos.

As semanas corriam como os dias, os dias como as horas, as horas como os minutos!

Estava-se já em maio. Mrs. Evangelina Scorbitt nada havia obtido de J. T. Maston, e no assunto em que esta mulher tão influente nada tinha conseguido, ninguém podia ter a esperança de alcançar bom êxito. Era, pois, necessário que o mundo se resignasse a sofrer o terrível choque, sem que houvesse a menor probabilidade de o impedir?

Pois bem, não! Em tais circunstâncias, a resignação é inaceitável! Por isso os delegados das potências europeias se tornaram mais importunos do que nunca. Houve luta de todos os momentos entre eles e os membros da comissão de sindicância, os quais foram diretamente atacados.

Até o fleumático Jacques Jansen, a despeito da sua placidez holandesa, esmagava os comissários com quotidianas recriminações. O coronel Boris Karkof teve mesmo um duelo com o secretário da sobredita comissão — duelo em que feriu ligeiramente o seu adversário. Quanto ao major Donellan, se não se

bateu nem com arma de fogo nem com arma branca — o que é contrário aos usos britânicos —, ao menos, ajudado pelo seu secretário Dean Toodrink, trocou algumas dúzias de socos, num boxe em regra, com William S. Forster, o fleumático consignatário de bacalhau, o testa de ferro da North Polar Practical Association, o qual, no fim de tudo, nada sabia do negócio.

O mundo inteiro, na verdade, conjurava-se para tornar os Americanos dos Estados Unidos responsáveis pelos atos de um dos seus mais gloriosos filhos, Impey Barbicane. Não se falava em nada menos do que em retirar os embaixadores e os ministros plenipotenciários acreditados junto deste imprudente Governo de Washington, e de lhe declarar a guerra.

Pobres Estados Unidos! O seu maior desejo era, sem dúvida, deitar a mão a Barbicane and Co. Debalde respondiam que as potências da Europa, da Ásia, da África e da Oceânia tinham carta branca para o prender onde se encontrasse; nem mesmo os ouviam. E até então fora impossível descobrir em que ponto o presidente e o seu colega se ocupavam em preparar a sua abominável operação.

Ao que as potências estrangeiras respondiam:

— Tendes J. T. Maston, seu cúmplice! Ora J. T. Maston sabe o que há a respeito de Barbicane! Fazei, pois, falar J. T. Maston!

Fazer falar J. T. Maston! Era o mesmo que arrancar uma palavra da boca de Harpócrates, deus do Silêncio, ou ao surdo-mudo chefe do Instituto de Nova Iorque.

Então, crescendo o desespero com a inquietação universal, alguns espíritos práticos recordaram que a tortura da Idade Média tinha suas vantagens; os borzeguins do mestre atormentador jurado, as tenazes no peito, o chumbo derretido, tão excelente para desprender as línguas mais rebeldes, o azeite a ferver, o cavalete, a polé, etc., porque não se empregariam estes meios, que a justiça de outros tempos não hesitava em empregar em circunstâncias infinitamente menos graves e para casos particulares que não interessavam senão muito indiretamente à humanidade?

Deve, porém, reconhecer-se que estes meios, justificados pelos costumes de

outro tempo, não podiam empregar-se no fim de um século de doçura e tolerância; de um século tão cheio de humanidade como este xix, caracterizado pela invenção da espingarda de repetição, das balas de sete milímetros e das trajetórias duma tensão inverosímil — de um século, enfim, que admite nas relações internacionais o emprego das granadas de melinite, de roborite, de belite, de panclastite, de meganite e de outras substâncias em ite, que nada são, na verdade, ao pé da melimelonite.

J. T. Maston não tinha, pois, que recear ser submetido a torturas ordinárias ou extraordinárias.

Tudo quanto se podia esperar era que, compreendendo enfim a sua responsabilidade, se decidiria, talvez, a falar, ou, se a isso se recusasse, que o acaso falasse por ele.

Capítulo 13

No fim do qual J. T. Maston dá uma resposta verdadeiramente épica

O tempo corria, contudo, e muito provavelmente também caminhavam os trabalhos que o presidente Barbicane e o capitão Nicholl executavam em condições tão surpreendentes — não se sabia onde.

Como acontecia, porém, que uma operação que exigia o estabelecimento de oficinas consideráveis, a construção de altos fornos, capazes de fundirem um canhão um milhão de vezes maior do que a peça de vinte e sete da Marinha, e um projétil do peso de cento e oitenta mil toneladas, que demandava o recrutamento de alguns milhares de operários, o seu transporte e acomodação, sim! Como acontecia que tal operação tinha podido subtrair-se, esconder-se, à atenção dos interessados? Em que ponto, do Antigo ou do Novo Continente, Barbicane and Co. se haviam secretamente instalado, que não tinham dado rebate às povoações vizinhas? Seria nalguma ilha abandonada do Pacífico ou do Índico? Mas já não há ilhas desertas nos nossos dias; os Ingleses tomaram tudo. A não ser que a nova sociedade tivesse descoberto uma expressamente. Quanto a julgar que fosse num ponto qualquer das regiões árticas ou antárticas que haviam estabelecido as suas oficinas, não! Teria sido anormal.

Não era exatamente porque se não podiam atingir essas altas latitudes que a North Polar Practical Association tentava deslocá-las?

Além disso, procurar o presidente Barbicane e o capitão Nicholl através de continentes e ilhas, mesmo quando não fosse senão nas partes relativamente abordáveis, seria tempo perdido. A carteira apreendida em casa do secretário do Gun-Club não designava que o tiro se devia efetuar pouco mais ou menos sobre o equador? Ora, aí encontram-se regiões habitáveis, se não habitadas, pelos homens civilizados.

Se, pois, era nas imediações da linha equinocial que os experimentadores se deviam ter estabelecido, não seria isto possível nem na América, em toda a extensão do Peru e do Brasil, nem nas ilhas de Sonda, Sumatra, Bornéu, nem nas ilhas do mar das Celebes, nem na Nova Guiné, onde semelhante operação não podia ser feita sem que as populações dela fossem informadas. Muito provavelmente, também não poderia ter-se conservado secreta em todo o centro da África, na região dos grandes lagos, atravessada pelo equador. Restavam, é verdade, as Maldivas, no mar das índias, as ilhas do Almirantado, Gilbert, Christmas, Galápagos, no Pacífico, e S. Pedro, no Atlântico.

Mas as informações colhidas nesses diversos locais não haviam dado resultado algum.

Ficava-se, portanto, reduzido a vagas conjeturas, pouco adequadas para acalmar as ânsias universais.

E o que pensava de tudo isto Alcide Pierdeux? Mais «sulfúrico» do que nunca, não cessava de meditar nas diversas consequências deste problema. Que o capitão Nicholl tivesse inventado um explosivo de tal modo poderoso, que houvesse encontrado essa melimelonite de expansão três ou quatro vezes maior do que a dos mais poderosos explosivos de guerra, e cinco mil e seiscentas vezes mais forte do que esta boa velha pólvora dos nossos antepassados, era já muito admirável, dizia ele, mas enfim não era impossível! Não se pode saber o que nos reserva o futuro neste género de progresso, que permitirá desfazer exércitos a qualquer distância. Em todo o caso, o levantamento do eixo terrestre, produzido pelo recuo de uma boca de fogo, não era igualmente para surpreender o engenhoso francês. Assim, dirigindo-se *in petto* ao promotor da empresa:

— É evidente, presidente Barbicane — dizia ele — que diariamente a Terra sofre a reação de todos os choques que se dão na sua superfície! É certo que quando centenas de mil homens se divertem a trocar reciprocamente milhares de projécteis, pesando alguns quilogramas, ou milhões de projécteis, pesando alguns gramas, e mesmo, simplesmente, quando ando ou salto, ou quando estendo o braço, ou quando um glóbulo sanguíneo se agita nas minhas veias,

tudo isto atua sobre a massa do nosso esferoide! A tua grande máquina, pois, é de natureza para produzir o abalo pedido. Mas, em nome de um integral! será ela suficiente para fazer balançar a Terra? Ah! é o que as equações deste animal de J. T. Maston *demonstrandent* perentoriamente, deve confessar-se!

Com efeito, Alcide Pierdeux não podia deixar de admirar os engenhosos cálculos do secretário do Gun-Club, comunicados pelos membros da comissão de sindicância aos sábios, que podiam compreendê-los. E Alcide Pierdeux, que lia a álgebra como se lê um jornal, achava na leitura um inexprimível encanto.

Mas se a derrocada se desse, que catástrofes acumuladas sobre a superfície do nosso esferoide! Quantos cataclismos, cidades arruinadas, montanhas abaladas, homens mortos aos milhões, massas líquidas projetadas fora dos seus leitos e provocando espantosos sinistros!

Seria como um terramoto de incomparável violência.

— Ainda se — resmungava Alcide Pierdeux — a sagrada pólvora do capitão Nicholl fosse menos forte, poder-se-ia esperar que o projétil viria de novo encontrar a Terra, ou adiante do ponto do tiro, ou mesmo atrás, depois de ter feito a volta do Globo! Então tudo seria reposto no seu lugar no fim de tempo relativamente curto... não sem ter, contudo, provocado alguns grandes desastres! Mas, graças à sua melimelonite, a bala descreverá meio ramo de hipérbole, e não mais virá pedir perdão à Terra de a ter desarranjado, repondo-a no seu lugar!

E Alcide Pierdeux gesticulava como um aparelho semafórico, em risco de quebrar tudo num raio de dois metros.

Depois continuava:

— Se ao menos o lugar do tiro fosse conhecido, determinar-se-ia rapidamente em que grandes círculos terrestres o desnivelamento será nulo e também os pontos em que atingirá o máximo! Poderiam prevenir-se os habitantes para se mudarem a tempo, antes que as casas ou as cidades lhes caíssem sobre a cabeça! Mas como sabê-lo?

Depois do que, pousando a mão sobre os raros pelos que lhe guarneciam o crânio:

— Ah! pensemos no caso — ajuntou ele —: as consequências do abalo podem ser mais complicadas do que se imagina! Porque não aproveitariam os vulcões o momento para se expandirem em erupções desordenadas, para vomitarem, como passageiro enjoado, as matérias deslocadas nas suas entranhas? Porque não se precipitará nas suas crateras parte dos oceanos sobrelevados? Diabos me levem! Podem sobreviver explosões que farão saltar a máquina telúrica. E este endiabrado Maston obstinado no seu mutismo! Vede-lo fazendo jogos malabares com o nosso globo, e procurando efeitos de finura sobre o bilhar do Universo!

Assim raciocinava Alcide Pierdeux. Imediatamente estas assustadoras hipóteses foram aceites e discutidas pelos jornais dos dois mundos.

Em comparação com o cataclismo que resultaria da operação de Barbicane and Co., o que eram essas trombas, esses corsos, esses dilúvios, que de longe em longe devastam alguma pequena parte da Terra? Tais catástrofes são apenas parciais! Desaparecem alguns milhares de pessoas, e os inumeráveis sobreviventes quase se não sentem perturbados no seu sossego! Por isso, à medida que se aproximava a data fatal, o susto assaltava os mais valentes. Os pregadores tinham belo ensejo para anunciar o fim do mundo. Parecia que se estava nesse período assustador do ano 1000, quando os vivos imaginaram que iam ser precipitados no império dos mortos.

Lembremo-nos do que se passou nessa época. Segundo uma passagem do Apocalipse, os povos foram levados a acreditar que o dia de juízo estava próximo. Esperavam os sinais de cólera preditos pela Escritura. O filho de perdição, o Anticristo, ia revelar-se.

«No último ano do século X, conta H. Martin, tudo se interrompeu, divertimentos, negócios, interesses, tudo, quase até os trabalhos do campo. Para que serve, dizia-se, pensar num futuro que não chegará? Pensemos na eternidade, que começa amanhã! Contentavam-se em prever as necessidades mais urgentes; legavam-se terras, castelos, aos mosteiros, para alcançar protetores nesse reino dos céus, onde se ia entrar. Muitas cartas de doação às

igrejas começam por estas palavras: *Aproximando-se o fim do mundo, e sendo a sua ruína iminente*... Quando chegou o termo fatal, as populações amontoaram-se incessantemente nas basílicas, nas capelas, nos edifícios consagrados a Deus, e esperaram, transidas de angústia, que as sete trombetas do juízo ressoassem do alto do céu.»

Como se sabe, o primeiro dia do ano 1000 acabou sem que as leis da natureza fossem de modo algum transtornadas. Mas desta vez não se tratava do abalo baseado em texto de uma obscuridade inteiramente bíblica. Tratava-se de uma modificação no equilíbrio da Terra, assentando em cálculos indiscutidos, indiscutíveis, de uma tentativa que os progressos das ciências balísticas e mecânicas tornavam absolutamente realizável. Desta vez não seria o mar que entregaria os mortos, seriam os vivos que engoliria aos milhões no fundo dos seus novos abismos.

Resultou disto que, a despeito das mudanças produzidas pela influência das ideias modernas, o susto não deixou de crescer a ponto tal, que numerosas práticas do ano 1000 se reproduziram com o terror.

Nunca se fizeram com tal pressa os preparativos de partida para o mundo melhor.

Nunca nos confessionários se despejaram quíries de pecados com tal abundância! Nunca tal quantidade de absolvições foi concedida aos moribundos, que se arrependiam *in extremis*! Pensou-se mesmo em pedir uma absolvição geral, que um breve do papa concederia a todos os homens de boa vontade — e também de belo e bom modo.

Nestas condições, a situação de J. T. Maston tornava-se cada dia mais crítica. Mrs. Evangelina Scorbitt tremia que ele fosse vítima da vindicta universal.

Talvez até lhe ocorresse o pensamento de o aconselhar a pronunciar a palavra que ele se obstinava em não pronunciar com teimosia sem exemplo.

Não se atreveu, porém, a isto, e fez bem: ter-se-ia exposto a recusa categórica.

Como é fácil de prever, na própria cidade de Baltimore, presentemente

tomada de susto, tornava-se difícil conter a massa popular, sobre-excitada pela maior parte dos jornais da Confederação e pelos telegramas, que chegavam «dos quatro ângulos da Terra», para empregar a linguagem apocalíptica que usava S. João Evangelista, no tempo de Domiciano. Certamente, se J. T. Maston tivesse vivido durante o reinado deste perseguidor, o seu caso seria rapidamente liquidado. Tê-lo-ia lançado às feras. E ele teria respondido:

— Já o estou!

Fosse como fosse, o inabalável J. T. Maston recusava-se a indicar a situação do lugar *x*, compreendendo bem que, se a revelasse, o presidente Barbicane e o capitão Nicholl ficariam impossibilitados de continuar a sua obra.

Era grande, no fim de contas, esta luta de um só homem contra o mundo inteiro. Isto elevava mais ainda J. T. Maston no espírito de Mrs. Evangelina Scorbitt e, igualmente, na opinião dos seus colegas do Gun-Club. Estes excelentes homens, deve dizer-se, teimosos como artilheiros reformados, simpatizavam, apesar de tudo, com os projetos de Barbicane and Co. O secretário do Gun-Club tinha chegado a tão grande celebridade que muitas pessoas lhe escreviam já, como aos criminosos de grande nota, para possuir algumas linhas escritas por essa mão que ia revolver o mundo I

Se isto era belo, tornava-se, porém, cada vez mais perigoso.

A populaça juntava-se de dia e de noite em volta da prisão de Baltimore com grandes gritos e grande tumulto. Os furiosos queriam linchar J. T. Maston, *hic et nunc*. A Polícia via aproximar-se o momento em que seria impotente para o defender.

Desejando dar satisfação às massas americanas, assim como às estrangeiras, o Governo de Washington decidiu, enfim, acusar J. T. Maston e chamá-lo aos tribunais.

Com jurados já cheios de terror, o *processo não seria demorado!*, como dizia Alcide Pierdeux, que, pela sua parte, se sentia tomado de simpatia para com esta tenaz natureza de calculador.

De tudo isto seguiu-se que, na manhã de 5 de setembro, o presidente da

comissão de sindicância se dirigiu em pessoa à cela do prisioneiro.

Mrs. Evangelina Scorbitt, pelas suas instâncias, tinha sido autorizada a acompanhá-lo.

Talvez que, nesta última tentativa, a influência desta amável senhora acabasse por triunfar?... Não se devia desprezar coisa alguma. Todos os meios que alcançassem a última palavra do enigma, seriam bons. Se nada se conseguisse, ver-se-ia.

«Ver-se-ia! Ah! que grande consolação! Quando, depois de ter enforcado J. T. Maston, a catástrofe se realizar com todo o seu horror!»

Próximo das onze horas, pois, J. T. Maston achava-se na presença de Mrs. Evangelina Scorbitt e de John Prestice, presidente da comissão de sindicância.

A entrada em matéria foi muito simples. Nesta conversação trocaram-se as seguintes perguntas e respostas, muito duras de uma parte, muito tranquilas da outra.

Quem poderia jamais ter acreditado que se apresentariam circunstâncias em que a serenidade estaria da parte de J. T. Maston?!

— Pela última vez, quereis responder?... — perguntou John Prestice.

— Acerca de quê?... — observou ironicamente o secretário do Gun-Club.

— Do sítio para onde se transportou o vosso colega Barbicane.

— Já vo-lo disse cem vezes.

— Repeti-o mais uma.

— Está no lugar em que se efetuará o tiro.

— E onde é que o tiro terá lugar?

— No sítio em que está o meu colega Barbicane.

— Tomai cuidado, J. T. Maston!

— Com quê?

— Com as consequências da vossa recusa em responder, as quais darão em resultado...

— Impedir-vos precisamente de saber o que deveis ignorar.

— O que temos direito a conhecer!

— Não é essa a minha opinião.

— Vamos chamar-vos aos tribunais!

— Chamai.

— E o júri condenar-vos-á!

— Isso é com ele.

— E a sentença será executada imediatamente.

— Pois seja.

— Caro Maston!... — atreveu-se a intervir Mrs. Evangelina Scorbitt, cujo coração se perturbou com estas ameaças.

— Ah!... Mistress — disse J. T. Maston.

Evangelina abaixou a cabeça e calou-se.

— E quereis saber que sentença será essa? — continuou o presidente John Prestice.

— Se fazeis favor — prosseguiu J. T. Maston.

— Sereis condenado a pena capital... como mereceis!

— Deveras?

— E sereis enforcado, tão certo como dois e dois serem quatro.

— Então tenho ainda probabilidades em meu favor — respondeu fleumaticamente J. T. Maston. — Se fôsseis um pouco matemático, não diríeis *tão certo como dois e dois serem quatro*! Que prova temos de que todos os matemáticos não foram tolos até ao presente, afirmando que a soma de dois números é igual à das suas partes, por outra, que dois e dois fazem exatamente quatro?...

— Senhor!... — exclamou o presidente, absolutamente embasbacado.

— Ah! — continuou J. T. Maston — se dissésseis *tão certo como um e um serem dois,* muito bem! Isto é absolutamente evidente, porque não é um teorema, é uma definição!

Depois desta lição de aritmética o presidente da comissão retirou-se, ao passo que Mrs. Evangelina Scorbitt não tinha chama bastante no olhar para admirar o extraordinário calculador dos seus sonhos!

Capítulo 14

Muito curto, mas no qual o *X* toma um valor geográfico

Com muita felicidade para J. T. Maston, o Governo Federal recebeu um telegrama, enviado pelo cônsul americano, estabelecido então em Zanzibar, cujo texto era o seguinte:

A John S. Wrighton, ministro de Estado.
Washington, U.S.A.

Zanzibar, 13 de setembro,
cinco horas da manhã, hora do lugar.

Grandes trabalhos executados no Wamasai, ao sul da cordilheira do Quilimanjaro. Há oito meses presidente Barbicane e capitão Nicholl, estabelecidos com numeroso pessoal negro, sob a autoridade do sultão Bâli-Bâli. Isto levado ao conhecimento do Governo pelo seu dedicado

Richard W. Trust, cônsul.

Eis como foi conhecido o segredo de J. T. Maston. Eis porque o secretário do Gun-Club, continuando preso, não foi enforcado.

Mais tarde, porém, quem sabe se ele não sentiria o tardio desgosto de não ter morrido em toda a plenitude da sua glória!

Capítulo 15

Contendo alguns pormenores de verdadeiro interesse para os habitantes do esferoide terrestre

Deste modo, o Governo de Washington sabia presentemente em que lugar trabalhavam Barbicane and Co. Não se podia duvidar da autenticidade deste telegrama. O cônsul de Zanzibar era um agente muito seguro para que a sua informação pudesse ser recebida com reserva.

Foi ela confirmada, igualmente, por subsequentes telegramas. Era, pois, no centro da região do Quilimanjaro, no Wamasai africano, a uma centena de léguas a oeste do litoral, um pouco abaixo da linha equatorial, que os engenheiros da North Polar Practical Association estavam prestes a acabar os seus gigantescos trabalhos.

Como haviam eles podido instalar-se secretamente neste país longínquo, na falda da célebre montanha, descoberta em 1849 pelos Drs. Rebviani e Krapf, e mais tarde explorada pelos viajantes Otto Ehlers e Abbot?

Como tinham eles conseguido estabelecer aí as suas oficinas, criar uma fundição e reunir pessoal suficiente? Por que meio tinham obtido pôr-se em comunicação com as perigosas tribos do país e com os seus soberanos, não menos astuciosos do que cruéis? Eis o que se ignorava e não se saberia talvez nunca, porque faltavam apenas alguns dias para 22 de setembro.

Por isso, logo que J. T. Maston soube, por Mrs. Evangelina Scorbitt, que o mistério de Quilimanjaro fora descoberto por um telegrama de Zanzibar:

— Pchutt! — disse ele, traçando no espaço, com o seu gancho de ferro, um mirífico ziguezague. — Não se viaja ainda nem pelo telégrafo, nem pelo telefone, e daqui a seis dias... patarapatambumbum!... estará o negócio na algibeira!...

Quem tivesse ouvido o secretário do Gun-Club lançar esta onomatopeia

retumbante, que estalou como um tiro da columbíada, ficaria verdadeiramente maravilhado com o resto da energia vital que conservam às vezes estes velhos artilheiros.

Evidentemente, J. T. Maston tinha razão. Faltava o tempo necessário para se poderem mandar agentes ao Wamasai, incumbidos de prender o presidente Barbicane. Supondo que estes agentes, partindo da Argélia ou do Egito, mesmo de Adém, de Massouah, de Madagáscar ou de Zanzibar, pudessem transportar-se rapidamente para a costa, era necessário contar com as dificuldades inerentes ao país, com as demoras ocasionadas pelos obstáculos de uma jornada através dessa região montanhosa, e talvez também com a resistência de um pessoal protegido, sem dúvida, pela vontade interessada de um sultão tão autoritário como negro.

Era necessário, pois, renunciar a qualquer esperança de impedir a operação, prendendo o operador.

Se isto era, porém, impossível, nada mais fácil agora do que deduzir-lhe as rigorosas consequências, visto conhecer-se a situação exata do ponto do tiro. Pura questão de cálculo, muito complicado, evidentemente, mas não superior às capacidades dos algebristas em particular e dos matemáticos em geral.

Como o telegrama do cônsul de Zanzibar havia sido diretamente dirigido ao ministro de Estado em Washington, o Governo Federal ocultou-o. Queria em primeiro lugar — ao tempo da publicação — poder indicar quais os resultados da deslocação do eixo, no ponto de vista do desnivelamento dos mares. Os habitantes do Globo saberiam na mesma ocasião que sorte lhes estava reservada, conforme o segmento que ocupassem no esferoide terrestre.

E imagine-se se esperavam, com impaciência, saber o que deviam fazer nesta eventualidade!

Em 14 de setembro, o telegrama foi mandado para o *bureau* das longitudes de Washington, com ordem de se deduzirem as consequências finais, sob o ponto de vista balístico e geográfico.

Daí a dois dias estava a situação claramente definida. O trabalho foi logo, pelo telégrafo submarino, comunicado às potências do Novo e do Antigo

Continente. Depois de ter sido reproduzido em milhares de jornais, foi apregoado nas grandes cidades, sob os títulos do maior efeito, por todos os vendedores dos dois mundos.

— Que vai acontecer?

Era a pergunta que se fazia em todas as línguas e em todos os pontos do Globo.

Eis a resposta garantida pelo *bureau* das longitudes:

AVISO URGENTE

A experiência, tentada pelo presidente Barbicane e pelo capitão Nicholl, é esta: produzir um recuo, em 22 de setembro, à meia-noite do lugar, por meio de um canhão um milhão de vezes maior do que a peça de vinte e sete centímetros, lançando um projétil de cento e oitenta mil toneladas, com explosivo que produz a velocidade inicial de dois mil e oitocentos quilómetros.

Ora, se este tiro for dado um pouco abaixo da linha equinocial, aproximadamente sobre o 34.º grau de longitude a este do meridiano de Paris, na base da cordilheira de Quilimanjaro, e se for dirigido para o sul, eis quais serão os seus efeitos mecânicos na superfície do globo terrestre:

Instantaneamente, em resultado do choque combinado com o movimento diurno, formar-se-á um novo eixo e, como o antigo se deslocará de 23° 28’, segundo os resultados obtidos por J. T. Maston, este novo eixo será perpendicular ao plano da eclíptica.

E por que pontos sairá o novo eixo? Sendo conhecido o local do tiro, era fácil determiná-lo; foi o que se fez.

Ao norte, a extremidade do novo eixo ficará situada entre a Gronelândia e a terra de Grinnel, exatamente sobre a parte do mar de Baffin que corta atualmente o círculo polar ártico. Ao sul, ficará

situada no limite do círculo antártico, alguns graus a este da terra Adélia.

Nestas condições, um novo meridiano zero, partindo do novo Pólo Norte, passará sensivelmente por Dublim, na Irlanda, Paris, na França, Palermo, na Sicília, golfo da Grande Sirte, sobre a costa da Tripolitana, Obéid, no Darfur, cordilheira de Quilimanjaro, Madagáscar, ilha Kerguélen, no Pacífico Meridional, novo pólo antártico, antípodas de Paris, ilhas de Cook e da Sociedade, na Oceânia, ilhas Quadra e Vancouver, no litoral da Colômbia inglesa, territórios da Nova Bretanha, através da América do Norte, e península de Melville, nas regiões circumpolares do Norte.

Em resultado da criação deste novo eixo de rotação, emergindo do mar de Baffin ao norte e da terra Adélia ao sul, formar-se-á um novo equador, sobre o qual o sol traçará, sem jamais se afastar, a sua curva diurna. Esta linha equicional atravessará o Quilimanjaro, no Wamasai, o oceano Índico, Goa e Chicacola, um pouco abaixo de Calcutá, na índia, Mangala, no reino de Sião, Kesho, no Tonquim, Hong-Kong, na China, ilha Rasa, ilhas Marshall, Gaspar-Rico, Walker, no Pacífico, as Cordilheiras, na República Argentina, Rio de Janeiro, no Brasil, ilhas da Trindade e de Santa Helena, no Atlântico, S. Paulo de Luanda, no Congo, e atingirá, enfim, os territórios do Wamasai, nas costas de Quilimanjaro.

Sendo este novo equador assim determinado pela criação do novo eixo, possível foi tratar a questão dos desnivelamentos dos mares, tão grave para a segurança dos habitantes da Terra.

Antes, porém, de mais, convém observar que os diretores da North Polar Practical Association se preocuparam com atenuar, quanto possível, as consequências deste facto; com efeito, se o tiro se desse para o norte, os resultados seriam desastrosos para as partes do Globo mais civilizadas. Pelo contrário, atirando para o sul, essas

consequências far-se-ão apenas sentir nas regiões menos povoadas e mais selvagens — pelo menos no que diz respeito aos territórios submergidos.

Eis agora como se distribuirão as águas impelidas para fora do seu leito, em virtude do achatamento do esferoide nos antigos pólos.

O Globo será dividido por dois grandes círculos, intercetando-se em ângulo reto no Quilimanjaro e nos seus antípodas no oceano equinocial. Daqui resultará a formação de quatro segmentos: dois no hemisfério norte e dois no hemisfério sul, separados por linhas nas quais o desnivelamento será nulo.

1.º Hemisfério setentrional:

O primeiro segmento, a oeste de Quilimanjaro, compreenderá a África, desde o Congo até ao Egito; a Europa, desde a Turquia até à Gronelândia; a América, desde a Colômbia inglesa até ao Peru, e o Brasil, na altura de S. Salvador — enfim todo o oceano Atlântico setentrional e a maior parte do Atlântico equinocial.

O segundo segmento, a este de Quilimanjaro, compreenderá a maior parte da Europa, desde o mar Negro até à Suécia, a Rússia da Europa e a asiática, a Arábia, a índia quase totalmente, a Pérsia, o Balochistão, o Afeganistão, o Turquestão, o Celeste Império, a Mongólia, o Japão, a Coreia, o mar Negro, o Cáspio, a parte superior do Pacífico e os territórios da Alasca, na América do Norte — e também a região polar, deploravelmente concedida à sociedade americana North Polar Practical Association.

2.º Hemisfério meridional:

O terceiro segmento, a este de Quilimanjaro, compreenderá Madagáscar, as ilhas Marion, as Kerguélen, Maurícias, Reunião e todas as ilhas do mar das índias, o oceano Antártico, até ao novo pólo, a península de Malaca, Java, Sumatra, Bornéu, as ilhas de Sonda, as Filipinas, a Austrália, a Nova Zelândia, a Nova Guiné, a Nova

Caledónia, toda a região meridional do Pacífico e os seus numerosos arquipélagos, até ao 160.º meridiano atual aproximadamente.

O quarto segmento, a oeste de Quilimanjaro, compreenderá a parte sul da África, desde o Congo e o canal de Moçambique até ao cabo da Boa Esperança, o oceano Atlântico meridional até ao 80.º paralelo, todo o Sul da América, desde Pernambuco e Lima, a Bolívia, o Brasil, o Uruguai, a República Argentina, a Patagónia, Terra de Fogo, as ilhas Maloínas, a de Sanduíche, a de Shetland e a parte sul do Pacífico a este do 160.º grau de longitude.

Tais serão os quatro segmentos do Globo, separados por linhas de desnivelamento nulo.

Trata-se, agora, de indicar os efeitos produzidos pela mudança dos mares na superfície destes quatro segmentos.

Sobre cada um deles há um ponto central, em que este efeito será máximo, ou porque os mares nele se precipitem ou porque dele se retirem.

Está estabelecido com exatidão absoluta, pelos cálculos de J. T. Maston, que esse máximo atingirá 8415 metros em cada um daqueles pontos, a partir dos quais o desnivelamento irá diminuindo até às linhas neutras, que formam os limites dos segmentos.

É, pois, nestes pontos que as consequências serão mais graves, no ponto de vista de segurança geral, em virtude da operação tentada pelo presidente Barbicane.

Os dois efeitos devem ser considerados em cada uma das suas consequências.

Nos dois segmentos, situados em oposição um ao outro no hemisfério norte e no hemisfério sul, os mares retirar-se-ão para invadir os outros dois segmentos, igualmente opostos um a outro em cada hemisfério.

No primeiro segmento: o oceano Atlântico desaparecerá quase

inteiramente e ficando o ponto máximo do abaixamento aproximadamente nas alturas das Bermudas, o fundo aparecerá se a profundidade do mar é, neste ponto, inferior a 8415 metros. Entre a América e a Europa descobrir-se-ão, portanto, vastos territórios, que os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e a Espanha e Portugal poderão anexar-se no *pro rata* da sua extensão geográfica, se estas potências o julgarem conveniente. É necessário, porém, observar que, por efeito do abaixamento das águas, a camada de ar descerá na mesma proporção. Assim, o litoral da Europa e o da América serão levados a tal altura, que as cidades situadas mesmo a vinte e a trinta graus dos pontos máximos não terão ao seu dispor senão a quantidade de ar que atualmente existe na atmosfera à altura de uma légua. Tais serão, para não enumerar senão as principais, Nova Iorque, Filadélfia, Charleston, Panamá, Lisboa, Madrid, Paris, Londres, Edimburgo, Dublim, etc. Unicamente o Cairo, Constantinopla, Danzigue, Estocolmo, por um lado, e as cidades do litoral oeste americano, pelo outro, guardarão a sua posição normal em relação ao nível geral. Nas Bermudas faltará o ar, como aos aeronautas que puderam elevar-se a 8000 metros de altura, como falta nos píncaros mais elevados das montanhas do Tibete; portanto, impossibilidade absoluta de ali viver.

O mesmo efeito no segmento oposto, que compreende o oceano Índico, a Austrália e a quarta parte do oceano Pacífico, o qual se lançará em parte sobre as paragens meridionais da Austrália. Aqui o máximo de desnivelamento terá lugar nas costas da Terra de Nuyts, e as cidades de Adelaide e de Melburne verão o nível oceânico descer perto de oito quilómetros abaixo delas. Que a camada de ar, em que ficarão mergulhadas, será muito pura, não é para duvidar; mas não será suficientemente densa para satisfazer às necessidades da respiração.

Tais são, em geral, as modificações que experimentarão as regiões

do Globo nos dois segmentos em que se efetuará o levantamento em relação aos mares mais ou menos esvaziados. Aparecerão, sem dúvida, novas ilhas, formadas pelos cimos das montanhas submarinas, nos lugares que a massa líquida não abandonar totalmente.

Mas se a diminuição de espessura das camadas do ar deixa de ter inconvenientes para as regiões dos continentes, elevadas nas altas zonas da atmosfera, o que será para as que a irrupção dos mares deve cobrir? Pode-se respirar ainda sob uma pressão atmosférica; pelo contrário, debaixo de alguns metros de água não se pode absolutamente respirar e é exatamente o caso que se dará nos dois outros segmentos.

No segmento a nordeste de Quilimanjaro, o ponto máximo será em Yakutsk, em plena Sibéria. Desde esta cidade submergida sob 8415 metros de água — menos a sua altitude atual — a camada líquida, sempre diminuindo, estender-se-á até às linhas neutras, cobrindo a maior parte da Rússia asiática e da índia, a China, o Japão e a Alasca americana para além do estreito de Béringue. Talvez os montes Urales surjam como ilhotas sobre a parte oriental da Europa. Quanto a S. Petersburgo, Moscovo, de um lado, Calcutá, Banguecoque, Saigão, Pequim, Hong-Kong, Yeddo, do outro, desaparecerão estas cidades sob uma camada de água de espessura variável, mas muito suficiente para afogar os Russos, os Hindus, os Siameses, os Cochinchineses, os Chineses e os Japoneses, se não tiverem tempo de emigrar antes da catástrofe.

No segmento ao sudoeste de Quilimanjaro, os desastres serão menos consideráveis, porque este segmento está em grande parte coberto pelo Atlântico e pelo Pacífico, cujo nível se elevará 8415 metros no arquipélago das Maloínas. Não deixarão, contudo, de desaparecer vastos territórios sob este dilúvio artificial, entre outros o ângulo da África Meridional, desde a Guiné inferior e o Quilimanjaro

até ao cabo da Boa Esperança e o triângulo da América, formado pela Peru, o Brasil central, Chile, República Argentina até à Terra de Fogo e ao cabo Horn. Os Patagões, por maior que seja a sua estatura, não escaparão ao mergulho, não tendo mesmo o recurso de se refugiar nesta parte das Cordilheiras, cujos píncaros mais elevados não emergirão nesta parte do Globo.

Tal deve ser o resultado — abaixamento ou elevação em relação à nova superfície dos mares — produzido pelo desnivelamento das águas na superfície do esferoide terrestre. Tais são as eventualidades, das quais os interessados terão de precaver-se, se o presidente Barbicane não for detido a tempo na sua criminosa tentativa!

Capítulo 16

Em que o coro dos descontentes vai crescendo e «rinforzando»

Segundo o aviso urgente, tinha-se de atender aos perigos da situação, frustrá-los, ou pelo menos evitá-los, fugindo para as linhas neutras, onde o perigo seria nulo.

Os povos ameaçados dividiam-se em duas categorias: os asfixiados e os inundados.

O efeito desta comunicação deu lugar a apreciações muito diversas, que todas se transformaram em protestos dos mais violentos.

Da parte dos asfixiados estavam: Americanos dos Estados Unidos, Europeus da França, da Inglaterra e da Espanha, etc.

Ora, a perspetiva da anexação dos territórios do fundo oceânico não era suficiente. Assim Paris, transportada para uma distância do novo pólo, quase igual à que a separa atualmente do antigo, não ganharia na troca. Gozaria de primavera perpétua, é verdade, mas perderia sensivelmente na sua camada de ar. Ora, isto não causaria satisfação aos Parisienses, que têm por hábito consumir oxigénio à discrição, à falta de ozone... e ainda!

Da parte dos inundados, estavam os habitantes da América do Sul, depois os Australianos, os Canadianos, os Hindus, os Zelandeses. Pois bem! A Grã-Bretanha não sofreria que Barbicane and Co. a privasse das suas colónias mais ricas, onde o elemento saxónico tende a substituir visivelmente o elemento indígena. Evidentemente o golfo do México vazar-se-ia para formar um vasto reino das Antilhas, de que os Mexicanos e os Ianques poderiam reivindicar a posse, em virtude da doutrina de Monroe. Evidentemente, também, a bacia das ilhas de Sonda, das Filipinas, das Celebes, posta a seco, deixaria imensos territórios que os Ingleses e os Espanhóis poderiam pretender. Inútil

compensação! Não compensaria isto as perdas causadas pela terrível inundação.

Ah! se não tivessem de desaparecer sob os novos mares senão os Samoiedos, os Lapónios da Sibéria, os Foguianos, os Patagões, os Tártaros mesmo, os Chineses, os Japoneses, ou alguns argentinos, talvez os Estados civilizados aceitassem o sacrifício...

Muitas potências, porém, tinham quinhão na catástrofe para deixar de protestar.

No que mais especialmente diz respeito à Europa, ainda que a parte central ficasse quase intacta, seria elevada a oeste, e rebaixada a este, isto é, meio asfixiada de um lado e meio afogada do outro. Eis o que era inaceitável. Depois, o Mediterrâneo desaparecia quase todo, o que não tolerariam os Espanhóis, nem os Gregos, nem os Turcos, nem os Egípcios, aos quais a situação marginal dá indiscutíveis direitos sobre este mar. E depois para que serviria o canal de Suez, que era poupado pela sua posição na linha neutra? Como se utilizariam os admiráveis trabalhos de M. de Lesseps, quando não houvesse Mediterrâneo de um lado do istmo e muito pouco mar Vermelho do outro — a não o prolongar centenas de léguas?...

Enfim, nunca, nunca a Inglaterra consentiria em ver Gibraltar, Malta e Chipre transformarem-se em cumes de montanhas, perdidas nas nuvens, às quais os seus navios de guerra não poderiam jamais acostar! Não! Não se satisfaria com o acréscimo de território que lhe seria concedido na antiga bacia do Atlântico! E, contudo, o major Donellan tinha já pensado em regressar à Europa, para fazer valer os direitos do seu país sobre estes novos territórios, no caso de que a empresa Barbicane and Co. tivesse bom êxito.

O caso foi que os protestos chegaram de toda a parte, até dos Estados situados nas linhas em que o desnivelamento seria nulo, porque esses mesmos eram mais ou menos interessados noutros pontos. Estes protestos foram talvez ainda mais violentos, quando a chegada do telegrama de Zanzibar, que indicava o lugar do tiro, permitiu redigir o aviso, pouco tranquilizador, acima referido.

Numa palavra, o presidente Barbicane, o capitão Nicholl e J. T. Maston

foram postos fora da humanidade.

Que prosperidade, todavia, para os jornais de todas as cores! Que pedidos de exemplares! Que tiragens suplementares! Foi porventura a primeira vez em que se viram unidos no mesmo protesto jornais geralmente em desacordo sobre qualquer outra questão: o *Novisti,* o *Novaié-Vrémia,* o *Messager de Kronstadt,* a *Gazeta de Moscovo,* o *Rouskoié-Dièlo,* o *Gradjanine,* o *Jornal de Carlscrona, o Handelsbad,* o *Vaderland,* a *Fremdenblatt,* a *Neue Badische Landeszeitung,* a *Gazeta de Magdebourg,* a *Neue Freie-Presse, o Berlmer Tagblatt,* o *Extrablatt,* o *Post, o Volhsbladtt,* o *Boersencourier,* a *Gazeta da Sibéria,* a *Gazette de la Croix,* a *Gazette de Voss,* o *Reichsanzeiger,* a *Germania,* a *Época,* o *Correo,* o *Imparcial,* a *Correspondencia,* a *Iberia,* o *Temps,* o *Figaro, o Intransigeant,* o *Gaulois,* o *Univers,* a *Justice,* a *République Française,* a *Autorité,* a *Presse,* o *Matin, o XIX^e Siècle,* a *Liberté,* a *Illustration, o Monde Illustré,* a *Revue des Deux-Mondes,* o *Cosmos,* a *Revue Bleue,* a *Nature,* a *Tribuna, o Osservatore Romano,* o *Esercito Romano, o Fanjulla, o Capitan Fracassa,* a *Riforma,* o *Pester Lloyd,* a *Ephymeris,* o *Acropolis,* o *Palingenesia,* o *Courrier de Cuba,* o *Pionnier d'Allahabad,* o *Srpska Nezavinost,* a *Indépendance Romaine,* o *Nord,* a *Indépendance Belge,* o *Sydney Morning Herald,* o *Edinburgh Review,* o *Manchester Guardian,* o *Scotsman,* o *Standard,* o *Times,* o *Truth,* o *Sun,* o *Central-News,* a *Prensa Argentina,* o *Romanul de Bucharest,* o *Courrier de San Francisco,* a *Commercial Gazette,* o *San Diego da California,* o *Manitoba,* o *Echo du Pacifique,* o *Scientifique Américain,* o *Courrier des Etats-Unis,* o *New-York Herald,* o *World de New-York,* o *Daily Chronicle,* o *Buenos Aires Herald,* o *Réveil du Maroc, o Hu-Pao, o Tching-Pao, o Courrier de Haïp-Phong, o Moniteur* da República de Counany.

Até o *Mac Lane Express,* jornal inglês dedicado a questões de economia política, fez entrever a fome, reinando nos territóros devastados. Não era apenas ameaçado o equilíbrio europeu — tratava-se bem disso, na verdade! —: era o equilíbrio universal! Julgue-se, pois, o efeito num mundo enraivecido, que o

excesso de nervosismo, que foi a sua característica no fim do século XIX, predispunha para todas as manias e para todas as epilepsias!

Foi uma bomba caindo num paiol!

Quanto a J. T. Maston, julgou-se chegada a sua última hora.

Com efeito, uma multidão delirante invadiu a sua prisão, na tarde de 17 de setembro, com intenção de o linchar, e, é preciso notar-se, os agentes policiais não lhe puseram obstáculo...

A cela de J. T. Maston, porém, estava vazia. Pesando a oiro este digno artilheiro, Mrs. Evangelina Scorbitt havia conseguido fazê-lo evadir. O carcereiro deixou-se seduzir tanto mais facilmente pelo aparato de uma fortuna quanto contava gozá-la até à última extremidade da velhice. Efetivamente, Baltimore, como Washington, Nova Iorque e outras cidades principais do litoral americano, estava na categoria das cidades elevadas, às quais ficaria, porém, bastante ar para o consumo quotidiano dos habitantes.

J. T. Maston tinha podido, pois, alcançar um misterioso esconderijo e evitar, por este modo, os furores da indignação pública. Assim a existência deste grande perturbador dos mundos foi salva pela dedicação de uma mulher amorosa. Enfim, não mais de quatro dias para esperar — quatro dias! — que os projetos de Barbicane and Co. fossem um facto consumado!

Como se vê, o aviso urgente fora atendido quanto o podia ser. Se, no princípio, houvera alguns céticos acerca das catástrofes preditas, já não existiam. Os Governos tinham-se apressado em prevenir os seus concidadãos — relativamente em pequeno número — que iam ser elevados para as zonas de ar rarificado; depois, aqueles, em número mais considerável, cujo território seria invadido pelos mares.

Em consequência destes avisos, transmitidos por telegramas através das cinco partes do mundo, começou uma tal emigração como jamais se viu outra igual — mesmo na época das emigrações arianas na direção de este para oeste. Foi um êxodo, compreendendo em parte os ramos das raças hotentotes, melanésias, negras, vermelhas, amarelas, pardas e brancas...

Infelizmente, faltava tempo. As horas estavam contadas.

Com alguns meses de antecipação, os Chineses poderiam ter abandonado a China, os Australianos a Austrália, os Patagões a Patagónia, os Siberianos as províncias siberianas, etc., etc.

Como o perigo, porém, estava localizado, agora que se conheciam os pontos do Globo quase indemnes, o terror foi menos geral. Algumas províncias, certos Estados mesmo, começaram a tranquilizar-se. Numa palavra, salvo nas regiões diretamente ameaçadas, não ficou mais do que a apreensão, bem natural, que sente qualquer ser humano quando espera um choque terrível.

Durante este tempo, Alcide Pierdeux repetia, gesticulando como um telégrafo dos tempos passados:

— Mas como diabo conseguiria o presidente Barbicane fabricar uma peça um milhão de vezes maior do que a de vinte e sete? Endiabrado Maston! Desejava bem encontrá-lo para o troçar a este respeito! Isto não me cheira a nada que seja sensato e razoável: é demasiadamente catapultoso!

Fosse como fosse, o mau êxito da operação era a única probabilidade que certas regiões do globo terrestre tinham ainda para escapar à catástrofe universal!

Capítulo 17

O que se fez em Quilimanjaro durante oito meses deste memorável ano

O reino do Wamasai fica situado na parte oriental da África Central, entre a costa de Zanzibar e a região dos grandes lagos, onde o Vitória-Nianza e o Tanganica formam outros tantos mares interiores. É conhecido em parte porque foi visitado pelo inglês Johnston, pelo conde Tékéli e pelo doutor alemão Meyer. Neste país montanhoso exerce soberania o sultão Bâli-Bâli, cujo povo se compõe de trinta a quarenta mil negros.

Três graus abaixo do equador levanta-se a cordilheira de Quilimanjaro, que projeta os seus mais altos cumes — entre outros o de Kiho — a uma altura de 5704 metros[16]. Este importante maciço domina, para o sul, norte e este, as vastas e férteis planícies do Wamasai, ligando-se com o lago Vitória-Nianza através das regiões de Moçambique.

Algumas léguas aquém das primeiras rampas de Quilimanjaro, eleva-se a povoação de Kisongo, residência habitual do sultão.

Esta capital não é, para dizer a verdade, senão uma grande aldeia habitada por uma população muito ativa, muito inteligente, que trabalha, tanto por si como pelos seus escravos, sob o jugo de ferro de Bâli-Bâli.

Este sultão passa, com justiça, por ser um dos mais notáveis soberanos dessas tribos da África Central, que se esforçam por escapar à influência, ou, para melhor dizer, à dominação inglesa.

Foi a Kisongo que o presidente Barbicane e o capitão Nicholl, acompanhados por dez contramestres dedicados à sua empresa, chegaram na primeira semana do mês de janeiro do ano que corria.

Deixando os Estados Unidos — facto unicamente conhecido de Mrs. Evangelina Scorbitt e de J. T. Maston — tinham embarcado em Nova Iorque

para o cabo da Boa Esperança, de onde um navio os transportou a Zanzibar, na ilha deste nome. Ali um barco, secretamente fretado, conduziu-os ao porto de Mombaça, no litoral africano, do outro lado do canal. Uma escolta, enviada pelo sultão, esperava-os neste porto e, depois de difícil viagem de uma centena de léguas através desta região atormentada, obstruída de florestas, cortada de rios, semeada de pântanos, alcançaram a residência real.

Previamente, depois de haver conhecido os cálculos de J. T. Maston, o presidente Barbicane tinha-se posto em comunicação com Bâli-Bâli por intermédio de um explorador sueco que acabava de passar alguns anos nesta parte da África. Sendo o sultão um dos seus mais exaltados partidários desde a célebre viagem do presidente Barbicane em volta da lua — viagem cuja fama chegara até estes longínquos reinos—, afeiçoara-se ao audacioso ianque. Sem dizer para que fim, Impey Barbicane obteve, facilmente, do soberano do Wamasai autorização para empreender trabalhos importantes na base meridional do Quilimanjaro. Mediante considerável soma, avaliada em trezentos mil dólares, Bâli-Bâli obrigou-se a fornecer-lhe todo o pessoal necessário. Autorizava-o, além disso, a fazer o que quisesse do Quilimanjaro. Podia dispor à sua vontade da enorme cordilheira: arrasá-la, se quisesse; levá-la, se pudesse. Em virtude de contratos muito sérios, em que o sultão tinha interesse próprio, a North Polar Practical Association tornava-se proprietária da montanha africana pelo mesmo processo com que o era do domínio ártico.

O acolhimento que o presidente Barbicane e o seu colega receberam em Kisongo foi dos mais simpáticos. Bâli-Bâli sentia uma admiração próxima da adoração por estes dois ilustres viajantes, que se haviam lançado através do espaço, a fim de atingir as regiões circunlunares. Nutria, além disso, extraordinária simpatia pelos autores dos misteriosos trabalhos que iam realizar-se no seu reino. Prometeu, portanto, aos americanos absoluto segredo — tanto pela sua parte como pela dos seus súbditos, cuja cooperação lhes fora assegurada. Nem um único negro, dos que trabalhassem nas oficinas, tinha direito de as abandonar um só dia, sob pena dos mais rigorosos suplícios.

Eis porque a operação ficou envolvida num mistério que os mais subtis agentes da Europa não puderam penetrar. Se este segredo tinha sido enfim descoberto fora porque o sultão havia afrouxado de severidade depois da conclusão dos trabalhos, e porque em toda a parte há traidores ou linguareiros — mesmo entre os pretos. Por esta razão foi que Richard W. Trust, o cônsul de Zanzibar, teve notícia do que se fazia em Quilimanjaro. Mas então, nesta data de 13 de setembro, era demasiadamente tarde para deter o presidente Barbicane no acabamento dos seus projetos.

Porque tinham Barbicane and Co. escolhido o Wamasai para teatro das suas operações? Em primeiro lugar, porque o país lhes convinha, dada a sua situação nesta região pouco conhecida na África e o afastamento dos territórios habitualmente visitados pelos viajantes. Depois, o maciço de Quilimanjaro oferecia-lhes todos os requisitos de solidez e de orientação necessárias para a obra. Além disso, à superfície do solo encontravam-se as matérias-primas de que tinham precisamente necessidade e em condições particularmente práticas de exploração.

Exatamente, alguns meses antes de deixar os Estados Unidos, o presidente Barbicane soubera do explorador sueco que, próximo da cordilheira de Quilimanjaro, o ferro e a hulha estavam abundantemente espalhados à flor do solo.

Não era preciso escavar minas nem procurar jazigos a alguns milhares de pés abaixo da superfície terrestre. Ferro e carvão, bastava abaixar-se alguém para os apanhar, e em quantidades certamente superiores ao consumo previsto pelos orçamentos. Além disto, existiam nas proximidades da montanha enormes jazigos de nitrato de soda e de pirite de ferro, necessários para o fabrico da melimelonite.

O presidente Barbicane e o capitão Nicholl não haviam, pois, levado consigo pessoal algum, a não ser dez contramestres, em quem tinham absoluta confiança. Deviam estes dirigir os dez mil pretos, postos à sua disposição por Bâli-Bâli, que tinham o encargo de fabricar o canhão monstro e o seu não menos monstruoso

projétil.

Duas semanas depois da chegada, ao Wamasai, do presidente Barbicane e do seu colega, três vastas oficinas estavam construídas na base meridional do Quilimanjaro, uma para a fundição do canhão, outra para a fundição do projétil e a terceira para o fabrico da melimelonite.

E, em primeiro lugar, como tinha o presidente Barbicane resolvido o problema de fundir uma peça de tão colossais dimensões? Vai ver-se e compreender-se-á, ao mesmo tempo, que a última probabilidade de salvação, tirada da dificuldade de construir um tal engenho, fugia aos habitantes dos dois mundos.

Com efeito, fundir uma peça um milhão de vezes mais do que a de vinte e sete, seria trabalho superior às forças humanas.

São já sérias as dificuldades para fabricar as peças de quarenta e dois centímetros, que lançam projécteis de setecentos e oitenta quilogramas com duzentos e setenta e quatro quilogramas de pólvora.

Barbicane e Nicholl, contudo, nem em tal haviam pensado. Não era uma peça, nem mesmo um morteiro, que pretendiam fundir, mas simplesmente rasgar uma galeria no maciço resistente de Quilimanjaro: um furo de mina, se quiserem.

Evidentemente esta mina, este enorme fornilho, podia substituir um canhão de metal, uma columbíada gigantesca, cujo fabrico teria sido tão dispendioso como difícil, e à qual era preciso dar uma espessura inverosímil para prevenir todas as probabilidades de explosão. Barbicane and Co. tinham sempre pensado em operar deste modo. Se a carteira de J. T. Maston mencionava uma peça, fora porque a peça de vinte e sete havia sido tomada para base dos seus cálculos.

Foi, portanto, em primeiro lugar escolhido o sito na altura de cem pés sobre a vertente meridional da cordilheira, na base da qual se desenrolam planícies até perder de vista. Coisa alguma poria obstáculo ao projétil, ao sair desta «alma» perfurada no maciço de Quilimanjaro.

Com extrema precisão, e não sem rude trabalho, foi aberta esta galeria.

Barbicane pôde facilmente construir perfuradores, que são máquinas relativamente simples, e pô-los em ação por meio de ar comprimido pelas elevadas quedas de água da montanha. Depois os buracos, feitos por uma floresta de perfuradores, foram carregados de melimelonite. E era preciso este violento explosivo para estalar a rocha, espécie de sienite extremamente dura, formada de feldspato ortósio e de anfíbolo horneblenda. Circunstância favorável, de resto, porque esta rocha teria de resistir à medonha pressão desenvolvida pela expansão dos gases. A altura e a espessura do Quilimanjaro bastavam, porém, para tranquilizar com respeito a fendas ou desabamentos exteriores.

Numa palavra, os milhares de operários, dirigidos pelos dez contramestres, sob a suprema direção do presidente Barbicane, trabalharam com tanto zelo e inteligência que a obra ficou terminada em menos de seis meses.

A galeria media vinte e sete metros de diâmetro por seiscentos metros de profundidade. Como era conveniente que o projétil escorregasse sobre a parede perfeitamente lisa, sem deixar perder porção alguma dos gases inflamados, o interior foi revestido com um cilindro de ferro fundido perfeitamente alisado.

Na realidade, este trabalho era mais importante do que o da célebre columbíada de Moon-City, que enviara à lua o projétil de alumínio. O que é, porém, impossível aos engenheiros do mundo moderno?

Enquanto a perfuração se realizava no flanco de Quilimanjaro, os operários não descansavam na segunda oficina. Ao mesmo tempo que se construía o revestimento metálico, ocupavam-se em fabricar o enorme projétil.

Só para este era necessário obter um volume de fundição cilindrocónico do peso de cento e oitenta milhões de quilogramas, isto é, cento e oitenta mil toneladas.

Compreende-se perfeitamente que nunca se havia pensado em fundir este projétil de uma só peça. Devia ser fabricado por massas de mil toneladas cada uma, que seriam içadas sucessivamente até ao orifício da galeria, e dispostas junto da câmara em que antes estaria colocada a carga de melimelonite.

Depois de rebitados uns aos outros, estes fragmentos formariam um todo

compacto, que escorregaria sobre as paredes do tubo interior.

Foi necessário, pois, reunir na segunda oficina cerca de quatrocentas mil toneladas de mineral, setenta mil toneladas de castina e quatrocentas mil toneladas de carvão de pedra, transformado primeiramente nos fornos em duzentas e oitenta mil toneladas de coque.

Como os jazigos existiam na vizinhança de Quilimanjaro, foi questão quase de transporte.

Quanto à construção dos altos fornos para obter a fundição do mineral, foi talvez a maior dificuldade.

No fim de um mês, todavia, dez altos fornos de trinta metros estavam prontos para funcionar e produzir cada um cento e oitenta toneladas por dia.

Na terceira oficina, criada para o fabrico da melimelonite, fez-se o trabalho facilmente e em tais condições de segredo que a composição deste explosivo não pôde ser definitivamente determinada.

Tudo havia caminhado segundo os desejos. Não se teria procedido com melhor êxito nas oficinas de fundição de Creusot, de Cail, de Indret, do Seyne, de Birkernhead, de Woolwich ou de Cockerill. Conta-se, apenas, um desastre por cada trezentos mil francos de trabalhos.

Como pode crer-se, o sultão estava encantado. Seguia as operações com infatigável assiduidade. E, facilmente se imagina, a presença de sua temida majestade era de molde para estimular o zelo dos seus fiéis súbditos.

Às vezes, quando Bâli-Bâli perguntava para que servia tanto trabalho:

— Trata-se de obra que deve mudar a face do mundo! — respondia o presidente Barbicane.

— Uma obra que assegurará ao sultão Bâli-Bâli — acrescentava o capitão Nicholl — glória inolvidável entre todos os reis da África Oriental!

É inútil insistir em que o sultão estremecia de orgulho como soberano do Wamasai.

Na data de 29 de agosto os trabalhos estavam inteiramente acabados. A galeria, perfurada com o desejado calibre, achava-se revestida por uma alma lisa

do comprimento de seiscentos metros. No fundo estavam amontoadas duas mil toneladas de melimelonite em comunicação com a caixa do fulminato. Seguia-se, depois, o projétil, do comprimento de cento e cinquenta metros. Subtraindo as extensões ocupadas pela pólvora e pelo projétil, ficavam ainda quatrocentos e noventa e dois metros, que o projétil devia percorrer até à boca, o que assegurava todo o efeito útil ao impulso produzido pela expansão dos gases.

Isto posto, levantava-se uma primeira questão — questão de pura balística: o projétil desviar-se-ia da trajetória que havia sido determinada pelos cálculos de J. T. Maston? Por forma alguma: os cálculos estavam exatos. Indicavam em que quantidade o projétil devia desviar-se para este do meridiano do Quilimanjaro, em virtude da rotação da Terra sobre o eixo, e qual a forma da curva hiperbólica, que descreveria em resultado da sua enorme velocidade inicial.

Segunda questão: será visível na sua trajetória? Não, porque, ao sair da galeria, mergulhado na sombra da Terra, não poderá ser visto e, além disso, por causa da sua pequena altura, terá velocidade angular muito considerável. Uma vez entrado na zona de luz, a pequenez do seu volume torná-lo-á impercetível ao óculo de maior alcance e, por maioria de razão, depois de escapar à atração terrestre, gravitará eternamente em roda do sol.

O presidente Barbicane e o capitão Nicholl, certamente, podiam orgulhar-se com a operação que haviam conduzido a termo!

Porque não estava ali J. T. Maston para admirar a boa execução dos trabalhos, digna da precisão dos cálculos que os inspiraram? E, sobretudo, porque estaria ele longe, quando esta formidável detonação acordasse os ecos até aos extremos horizontes da África?

Pensando nele, os seus dois colegas não podiam supor que o secretário do Gun-Club precisara fugir de Balistic-Cottage, depois de se ter evadido da prisão de Baltimore, e que estava reduzido a esconder-se para salvar a preciosa existência. Ignoravam a que alto grau se excitara a opinião pública contra os engenheiros da North Polar Practical Association. Não sabiam que os teriam assassinado, esquartejado, queimado a fogo lento, se tivesse sido possível

apoderarem-se das suas pessoas!

Na verdade, à hora a que fosse dado o tiro, era uma felicidade que pudessem apenas ser saudados pelos bravos de uma tribo da África Oriental.

— Enfim! — disse o capitão Nicholl ao presidente Barbicane, quando, na noite de 22 de setembro, ambos se ufanavam em frente da sua obra concluída.

— Sim!... Enfim! E também: uf! — exclamou Impey Barbicane, dando um suspiro de alívio.

— Se tivéssemos de recomeçar...

— Bah!... recomeçaríamos!

— Que felicidade — disse o capitão Nicholl — termos podido dispor desta adorável melimelonite!...

— Que bastaria para vos tornar ilustre, Nicholl!

— Sem dúvida, Barbicane — respondeu modestamente o capitão Nicholl. — Sabeis vós quantas galerias seria preciso abrir nos flancos do Quilimanjaro para obter o mesmo resultado se tivéssemos tido somente o algodão-pólvora, igual ao que impeliu o nosso projétil para a lua?

— Dizei, Nicholl.

— Cento e oitenta galerias, Barbicane!

— Pois bem! Tê-la-íamos escavado, capitão!

— E cento e oitenta projécteis de cento e oitenta mil toneladas!

—Tê-los-íamos fundido, Nicholl!

Ide lá tornar razoáveis homens desta têmpera! Quando artilheiros fizeram a volta da lua, de que não serão capazes?

***

Na mesma noite, apenas algumas horas antes do momento preciso indicado para o tiro, enquanto o presidente Barbicane e o capitão Nicholl se congratulavam por esta forma, Alcide Pierdeux, fechado no seu escritório de Baltimore, soltava o grito de pele-vermelha em delírio. Depois, levantando-se

bruscamente da mesa, onde se empilhavam folhas cobertas de fórmulas algébricas, exclamava:

— Maroto do Maston!... Ah! animal!... Como não descobri isto mais cedo!... Em nome de um cosseno!... Se soubesse onde ele está neste momento, iria convidá-lo para cear. Tomaríamos um copo de champanhe no instante exato em que troar a sua máquina de quebrar tudo!

E, depois de um destes uivos de selvagem com que acentuava as partidas do *whist:*

— Velho imbecil!... Seguramente, pensava no seu polvorinho quando calculou o canhão de Quilimanjaro!... Necessitava de muitos outros... era condição *sine qua non*… ou *sine canon*, como dizíamos na escola!

Capítulo 18

Em que as populações do Wamasai esperam que o presidente Barbicane grite «fogo»! ao capitão Nicholl

Estava-se na tarde de *22* de setembro — data memorável a que a opinião pública atribuía influência tão nefasta como a do 1.º de janeiro do ano 1000.

Doze horas depois da passagem do sol no meridiano do Quilimanjaro, isto é, à meia-noite, devia ser posto fogo à terrível máquina pela mão do capitão Nicholl.

Convém dizer neste ponto que o Quilimanjaro fica a trinta e cinco graus a este do meridiano de Paris, e Baltimore a sessenta e nove a oeste do mesmo meridiano, o que dá a diferença de cento e catorze graus, ou, entre os dois pontos, quatrocentos e cinquenta e seis minutos de tempo, isto é, sete horas e trinta e seis minutos. Portanto, no momento exato em que se desse o tiro, seriam cinco horas e vinte e quatro minutos depois do meio-dia na grande cidade da Marilândia.

O tempo estava magnífico. O sol acabava de ocultar-se nas planícies do Wamasai, em horizonte de extrema pureza. Não se podia desejar noite mais bela, mais calma e estrelada, para arremessar um projétil através do espaço. Nem uma só nuvem se misturaria aos vapores artificiais desenvolvidos pela inflamação da melimelonite.

Quem sabe? Talvez o presidente Barbicane e o capitão Nicholl lamentassem não poder tomar lugar no projétil! No primeiro segundo teriam percorrido dois mil e oitocentos quilómetros! Depois de haver penetrado os segredos do mundo selenita, teriam desvendado os mistérios do mundo solar, em condições bem mais interessantes do que o francês Heitor Servadac, levado pelo cometa *Galia*.[17]

O sultão Bâli-Bâli, as mais altas personagens da sua corte, isto é, o seu

Ministro das Finanças e o seu carrasco, e o pessoal negro, que havia contribuído para o grande trabalho, achavam-se reunidos para seguir as diversas fases do tiro. Por prudência, todavia, todos tomaram lugar a três quilómetros da galeria perfurada no Quilimanjaro, por forma que nada tivessem a recear da medonha repercussão das camadas do ar.

Em torno alguns milhares de indígenas, de Kisongo e das aldeias disseminadas ao sul da província, haviam-se apressado — por ordem do sultão Bâli-Bâli — a vir admirar o sublime espetáculo.

Um fio, ligando uma bateria elétrica com o detonador do fulminante colocado no fundo da galeria, estava pronto para estabelecer a corrente que faria explodir a escorva e provocar a inflamação da melimelonite.

Como prelúdio, um excelente banquete reunira à mesma mesa o sultão, os seus hóspedes americanos e os notáveis da capital — tudo a expensas de Bâli-Bâli, que fez as coisas tanto mais completas quanto as despesas lhe deviam ser reembolsadas pelo cofre da sociedade Barbicane and Co.

Eram onze horas quando o festim, começado às sete horas e meia, terminou por um *toast,* que o sultão levantou aos engenheiros da North Polar Practical Association e ao sucesso da empresa.

Ainda uma hora e a modificação das condições geográficas e climatológicas da Terra seria facto consumado!

O presidente Barbicane, o seu colega e os dez contramestres vieram, então, agrupar-se em volta da cabana, no interior da qual estava montada a bateria elétrica.

Barbicane, com o cronómetro na mão, contava os minutos — e nunca lhe pareceram tão longos — destes minutos que parecem não anos, mas séculos!

À meia-noite menos dez, o capitão Nicholl e ele aproximaram-se do aparelho que o fio punha em comunicação com a galeria do Quilimanjaro.

O sultão, a sua corte, a multidão dos indígenas formaram imenso círculo em volta deles.

Era necessário que o tiro fosse dado no momento exato indicado pelos

cálculos de J. T. Maston, isto é, no instante em que o sol cortasse a linha equinocial, que não abandonaria jamais na sua órbita aparente à volta do esferoide terrestre.

Meia-noite menos cinco! — Menos quatro! — Menos três! — Menos dois! — Menos um!...

O presidente Barbicane seguia o ponteiro do relógio, iluminado por uma lanterna, que um dos contramestres sustentava, enquanto o capitão Nicholl, com o dedo levantado sobre o botão do aparelho, estava prestes a fechar o círculo da corrente elétrica.

Só vinte segundos! — Só dez! — Só cinco! — Só um!...

Ninguém poderia notar o mais ligeiro tremor na mão deste impassível Nicholl. O seu colega e ele não estavam mais impressionados do que no momento em que esperaram, encerrados no projétil, que a columbíada os enviasse às regiões lunares!

— Fogo! — ordenou o presidente Barbicane.

E o indicador do capitão Nicholl carregou no botão.

Medonha detonação, que os ecos propagaram até aos últimos confins do horizonte do Wamasai!

Silvo agudíssimo de massa enorme, que atravessou as camadas de ar sob a pressão de biliões de biliões de litros de gases, desenvolvidos pela inflamação de duas mil toneladas de melimelonite. Dir-se-ia que passara sobre a superfície da Terra um desses meteoros em que se acumulam todas as violências da natureza. O efeito não seria mais terrível se todas as peças de artilharia do Globo se juntassem a todos os raios do céu para troar juntos!

Capítulo 19

Em que J. T. Maston tem saudades do tempo em que a multidão o queria linchar

As capitais dos dois mundos, as cidades de alguma importância, até as povoações mais modestas, esperavam atemorizadas. Graças aos jornais espalhados profusamente pela superfície do Globo, todos conheciam a hora precisa que correspondia à meia-noite de Quilimanjaro, situado a trinta e cinco graus a este, segundo a diferença das longitudes.

Para citar apenas as principais cidades — percorrendo o sol um grau em quatro minutos — eram estas as correspondências:

Em Paris 9h40m noite
Em S. Petersburgo 11h31m noite
Em Londres 9h30m noite
Em Roma 10h20m noite
Em Madrid 9h15m noite
Em Berlim 11h20m noite
Em Constantinopla 11h26m noite
Em Calcutá 3h04m manhã
Em Nanquim 5h05m manhã

Em Baltimore, como já se disse, doze horas depois da passagem do sol no meridiano de Quilimanjaro eram cinco horas e vinte e quatro minutos da tarde.

É inútil insistir sobre os sustos que se manifestaram neste instante.

A mais autorizada das penas modernas não conseguiria descrevê-las — mesmo com o estilo da escola decadente e deliquescente.

Que os habitantes de Baltimore não corressem perigo de ser varridos pelo

afluxo impetuoso dos mares deslocados, seja! Que não se tratasse para eles senão de ver a baía de Cheasapeake esvaziar-se e o cabo Hatteras, que a termina, alongar-se, como uma cumeada de montanhas, por sobre o Atlântico em seco, de acordo! Mas a cidade, como tantas outras que não eram ameaçadas de emersão ou imersão, não seria arrasada pelo choque, destruídos os seus monumentos, afundados os seus bairros nos abismos que poderiam abrir-se na superfície do solo? Estes receios não seriam assaz justificados nas diversas regiões do Globo não cobertas pelas águas desniveladas?

Sim, evidentemente!

Por isso, todo o ser humano sentia a comoção do terror penetrar-lhe até à medula dos ossos durante este fatal momento.

Sim! Todos tremiam, exceto um: o engenheiro Alcide Pierdeux. Faltando-lhe o tempo para tornar conhecido o que um último trabalho acabava de revelar-lhe — bebia um copo de champanhe num dos melhores botequins da cidade à saúde do Velho Mundo.

O vigésimo quarto minuto depois das cinco horas, correspondendo ao minuto de Quilimanjaro, passou...

Em Baltimore... nada!

Em Londres, em Paris, em Constantinopla, em Berlim... nada!...

Nem o menor choque!

M. John Milne, observando na mina de carvão de Takashina (Japão) o tromómetro[18] que ali havia instalado, não notou o menor movimento anormal da superfície terrestre nessa parte do Mundo.

Enfim, em Baltimore, nada, igualmente. O céu estava nublado, quando chegou a noite; foi, portanto, impossível reconhecer se o movimento aparente das estrelas tendia a modificar-se — o que indicaria mudança no eixo terrestre.

Que noite passou J. T. Maston no seu retiro, desconhecido de todos menos de Mrs. Evangelina Scorbitt! Desesperava-se o ardente artilheiro! Não podia estar sossegado! Quanto lhe tardava estar alguns dias mais velho, a fim de ver se a

curva do sol se modificava — prova indiscutível do bom êxito da operação.

Esta mudança, com efeito, não poderia verificar-se na manhã de 23 de setembro, porque nesta data o astro do dia nasce invariavelmente a este para todos os pontos do Globo.

No dia seguinte o sol apareceu no horizonte como era costume.

Os delegados europeus estavam então reunidos no terraço do hotel e tinham à disposição instrumentos de extrema precisão, que lhes permitiam verificar se o sol descrevia rigorosamente a sua curva no plano do equador.

Ora, não se manifestou mudança alguma e, alguns minutos depois de nascer, o disco radioso inclinava já para o hemisfério austral.

Nada tinha, pois, mudado na sua marcha aparente.

O major Donellan e os seus colegas saudaram o astro celeste com hurras entusiásticos! Fizeram-lhe «uma ovação», como se diz no teatro. O céu estava magnífico, o horizonte completamente limpo dos vapores da noite; nunca o grande ator se apresentou, sobre mais bela cena e em tais condições de esplendor, diante de um público maravilhado!

— E no mesmo lugar marcado pelas leis da astronomia! — exclamou Eric Baldenak.

— Da nossa antiga astronomia — observou Boris Karkof —, que estes insensatos pretendiam aniquilar!

— Pagá-lo-ão com a despesa e com a vergonha! — ajuntou Jacques Jansen, por cuja boca parecia falar a Holanda inteira.

— E o domínio ártico ficará eternamente sob os gelos que o cobrem! — replicou o professor Jan Harald.

— Hurra pelo sol! — exclamou o major Donellan. — Tal qual é, basta para as necessidades do mundo!

— Hurra!... Hurra! — repetiram juntos os representantes da velha Europa.

Foi então que Dean Toodrink, que nada dissera ainda, se manifestou por esta muito judiciosa observação:

— Mas talvez não atirassem?...

— Não atirassem?... — exclamou o major. — Permita o céu que tenham atirado, e duas vezes em lugar de uma!

Era exatamente o que diziam J, T. Maston e Mrs. Evangelina Scorbitt.

Era também o que perguntavam os sábios e os ignorantes, unidos desta vez pela lógica da situação.

Era o mesmo o que repetia Alcide Pierdeux, acrescentando:

— Que atirassem ou não, pouco importa!... A Terra não deixou ainda de valsar sobre o seu velho eixo, e balança-se como de costume!

Em suma, ignorava-se o que se passara em Quilimanjaro. Antes do fim do dia, porém, deu-se resposta à pergunta feita pela humanidade.

Um telegrama do consulado de Zanzibar, enviado por Richard W. Trust, chegou aos Estados Unidos. Eis o que ele continha:

Zanzibar, 23 de setembro
Sete horas vinte sete minutos da manhã

A John S. Wrighton, Ministro de Estado.

Tiro dado ontem, meia-noite exata, pelo engenho perfurado na encosta meridional do Quilimanjaro.

Passagem do projétil com silvos medonhos. Horrível detonação. Província devastada por tromba de ar. Mar levantado até canal de Moçambique. Numerosos navios desamparados e atirados à costa. Lugares e aldeias arrasados. Tudo vai bem.

Richard W. Trust

Sim! Tudo ia bem, visto que nada fora alterado, salvo os desastres provocados no Wamasai, arrasado em parte por esta tromba artificial, e os naufrágios ocasionados pelos deslocamentos das camadas aéreas. E não havia

acontecido o mesmo quando a famosa columbíada atirara o projétil para a lua? O abalo comunicado ao solo da Florida não se sentira num raio de cem milhas? Sim, certamente! Mas, desta vez, o efeito devia ter-se centuplicado.

Seja como for, o telegrama dizia duas coisas aos interessados do Antigo e do Novo Continente:

1.ª Que a enorme máquina pudera ser fabricada nos próprios flancos de Quilimanjaro.

2.ª Que o tiro fora dado à hora convencionada.

Então, a humanidade inteira soltou um imenso grito de satisfação seguido de enorme gargalhada.

A tentativa de Barbicane and Co. falhara lastimosamente I

As fórmulas de J. T. Maston eram boas para atirar para o cesto dos papéis! À North Polar Practical Association restava-lhe apenas declarar-se falida!

Ah! Por acaso o secretário do Gun-Club ter-se-ia enganado nos cálculos?

— Julgaria antes ter-me enganado na afeição que ele me inspira! — declarou Mrs. Evangelina Scorbitt.

De todos os seres humanos, o mais descoroçoado que existia então na superfície do esferoide terrestre era J. T. Maston. Vendo que em nada haviam sido alteradas as condições do movimento da Terra desde a sua criação, embalara-se com a esperança de que algum acontecimento imprevisto podia ter retardado a operação dos seus colegas Barbicane e Nicholl...

Depois do telegrama de Zanzibar, tinha, porém, de reconhecer que a operação havia falhado.

Falhara!... E as equações, as fórmulas, das quais concluíra o bom êxito da empresa!

É possível, pois, que um canhão de seiscentos metros de comprimento e vinte e sete de diâmetro lançando um projétil de cento e oitenta milhões de quilogramas pela inflamação de duas mil toneladas de melimelonite, com a velocidade inicial de dois mil e oitocentos quilómetros, seja insuficiente para provocar a mudança dos pólos? Não!... Não era admissível!

E contudo!...

J. T. Maston, vítima de violenta exaltação, declarou querer deixar o seu retiro. Mrs. Evangelina Scorbitt em vão tentou dissuadi-lo. Não porque receasse já pela sua vida: o perigo estava passado; mas os gracejos, que seriam dirigidos ao desventurado calculador, os dichotes, que o não poupariam, as graçolas, que choveriam sobre os seus trabalhos, bem queria ela evitar-lhos!

E, o que era mais grave, que acolhimento lhe fariam os seus colegas do Gun-Club? Não lançariam sobre o seu secretário a culpa do mau êxito, que o cobria de ridículo? Não era a ele, autor dos cálculos, que cabia a inteira responsabilidade deste desaire?

J. T. Maston nada quis ouvir. Resistiu tanto às súplicas como às lágrimas de Mrs. Evangelina Scorbitt. Saiu da casa onde estava escondido. Apareceu nas ruas de Baltimore. Foi reconhecido, e aqueles a quem havia ameaçado na fortuna e na existência, a quem tinha prolongado as angústias pela obstinação do seu mutismo, vingaram-se escarnecendo-o e mofando dele por mil formas.

Eram para ouvir estes gaiatos da América, que teriam dado lições aos *gavroches* de Paris.

— Eh! Vai-te, endireitador de eixos!

— Eh! Vai-te, consertador de relógios!

— Eh! Vai-te, remendão de cangalhos!

Numa palavra, o confundido, o escarnecido secretário do Gun-Club foi obrigado a refugiar-se no palácio de New-Park, onde Mrs. Evangelina Scorbitt esgotou todo o *stock* da sua ternura para o consolar. Foi em vão. J. T. Maston — a exemplo de Niobe — *noluit consolari,* porque o seu canhão não produzira sobre o esferoide terrestre maior efeito do que uma bomba de S. João!

Quinze dias se passaram nestas condições e o Mundo, restabelecido dos antigos sustos, não pensava já na North Polar Practical Association.

Quinze dias sem notícias algumas do presidente Barbicane e do capitão Nicholl!

Teriam morrido por efeito da repercussão do tiro, no momento em que se

produziram as catástrofes no território do Wamasai?

Haviam pago com a vida a maior mistificação dos tempos modernos?

Não!

Depois do tiro, derrubados ambos, juntamente com o sultão, a sua corte e alguns milhares de indígenas, haviam-se levantado sãos e salvos.

— Isto teria bom êxito?... — perguntou Bâli-Bâli, esfregando as costas.

— Duvidais?

— Eu... duvidar!... Mas quando o sabereis?...

— Dentro de alguns dias! — respondeu o presidente Barbicane.

Percebera ele que a operação falhara? Talvez! Mas nunca o confessaria diante do soberano do Wamasai.

Quarenta e oito horas depois, os dois colegas despediam-se de Bâli-Bâli, não sem previamente haverem pago boa soma pelos desastres causados no seu reino. Como esta soma entrou nos cofres particulares do sultão, não recebendo os seus súbditos nem um dólar, Sua Majestade não teve ensejo de lastimar este lucrativo negócio.

Depois, os dois colegas, acompanhados pelos dez contramestres, transportaram-se a Zanzibar, onde estava prestes a partir um navio para Suez. Dali, com nomes supostos, o paquete das Messageries Maritimes «Moeris» transportou-os para Marselha, o P. L. M. a Paris — sem descarrilamento nem choque —, o caminho de ferro de Oeste ao Havre, e enfim o transatlântico *Bourgogne* para a América.

Em vinte e dois dias tinham vindo do Wamasai a Nova Iorque, Estado de Nova Iorque.

E a 15 de outubro, às três horas depois do meio-dia, ambos batiam à porta do palácio de New-Park...

Momentos depois, achavam-se na presença de Mrs. Evangelina Scorbitt e de J. T. Maston.

Capítulo 20

Que termina esta curiosa história, tão verídica como inverosímil

— Barbicane!... Nicholl!...

— Maston!

— Vós?...

Nestes pronomes, atirados simultaneamente pelos dois colegas em tom singular, transpareciam a ironia e a censura.

J. T. Maston passou pela testa o seu gancho de ferro. Depois, com voz que sibilava entre os seus lábios — como a de uma áspide, diria Ponson du Terrail:

— A vossa galeria de Quilimanjaro tinha seiscentos metros por vinte e sete de largura? — perguntou ele.

— Sim!

— O vosso projétil pesava exatamente cento e oitenta milhões de quilogramas?

— Sim!

— E o tiro foi dado com duas mil toneladas de melimelonite?

— Sim!

Estes três sins caíram como mocadas sobre o occipital de J. T. Maston.

— Então concluo... — continuou ele.

— O quê? — perguntou o presidente Barbicane.

— O seguinte — continuou J. T. Maston —: visto que a operação falhou, foi porque a pólvora não conseguiu imprimir ao projétil a velocidade inicial de dois mil e oitocentos quilómetros!

— Na verdade!... — disse o capitão Nicholl.

— A vossa melimelonite é boa para carregar pistolas de cana!

O capitão Nicholl deu um pulo ao ouvir estas palavras, que eram para ele

sangrenta injúria.

— Maston! — disse ele.

— Nicholl!

— Quando quereis bater-vos com melimelonite...

— Não!... Com algodão-pólvora! É muito mais seguro!...

Mrs. Evangelina Scorbitt teve de intervir para acalmar os irascíveis artilheiros.

— Senhores!... Senhores! — pediu ela. — Entre colegas!...

Então, o presidente Barbicane tomou a palavra, dizendo:

— De que serve acusar? É certo que os cálculos do nosso amigo Maston deviam estar exatos, como é certo que o explosivo do nosso amigo Nicholl devia ser suficiente! Sim!... Nós pusemos exatamente em prática os dados da ciência! Contudo, a experiência falhou! Por que motivos?... Talvez nunca se saibam!...

— Pois bem — exclamou o secretário do Gun-Club — recomeçá-la-emos!

— E o dinheiro gasto em pura perda! — lembrou o capitão Nicholl.

— E a opinião pública — acrescentou Mrs. Evangelina Scorbitt — que vos não permitiria arriscar segunda vez a sorte do Mundo.

— Em que vai tornar-se o nosso domínio circumpolar? — replicou o capitão Nicholl.

— A que cotação vão descer as ações da North Polar Practical Association? — exclamou o presidente Barbicane.

A derrocada!... Havia-se já produzido, e ofereciam-se os títulos aos maços pelo preço do papel velho.

Tal foi o resultado final desta operação gigantesca. Tal foi o memorável fiasco que rematou os projetos sobre-humanos de Barbicane and Co.

Se alguma vez o escárnio público se expandiu livremente para esmagar excelentes engenheiros, embora mal inspirados, se os artigos imaginosos dos jornais, as caricaturas, as cantigas, as paródias, tiveram assunto para espraiar-se, pode-se afirmar que foi nesta ocasião!

O presidente Barbicane, os administradores da nova sociedade, os seus

colegas do Gun-Club, foram literalmente escarnecidos. Qualificaram-se às vezes por forma tão... gaulesa, que tais qualificações não podiam repetir-se nem mesmo em volapuque. A Europa, principalmente, entregou-se a tal abuso de gracejos, que os Ianques acabaram por escandalizar-se. Não esquecendo que Barbicane, Nicholl e Maston eram de origem americana e pertenciam a esta célebre associação de Baltimore, pouco faltou para que obrigassem o Governo Federal a declarar guerra ao Velho Mundo.

Enfim, o último golpe foi descarregado por uma canção francesa, que o ilustre Paulus — vivo ainda nesta época — tornou da moda. Correu os cafés-concertos do mundo inteiro!

Eis um dos *couplets* mais contundentes:

Pour modifier notre patraque,
Dont l’ancien axe se détraque,
Ils on fait un canon qu’on braque,
Afin de mettre tout en vrac!
C’est bien pour vous flanquer le trac!
Ordre est donné pour qu’on les traque,
Ces trois imbéciles!... Mais... crac!
Le coup est parti... Rien ne craque!
Vive notre vieille patraque!

Enfim, saber-se-ia algum dia a que fora devido o mau êxito desta empresa?

Demonstraria o insucesso que a operação era impossível de realizar, que as forças, de que dispõe o homem, não serão jamais suficientes para conseguir modificação no movimento diurno da Terra, que jamais os territórios do pólo ártico poderão ser deslocados em latitude e trazidos para pontos em que as montanhas de gelo fossem naturalmente derretidas pelos raios solares?

Ficou-se esclarecido a este respeito alguns dias depois do regresso do presidente Barbicane e do seu colega aos Estados Unidos.

Um simples artigo apareceu no *Temps* de 17 de outubro. O jornal de M. Hebrard prestou ao Mundo o serviço de o esclarecer sobre o ponto tão interessante para a sua segurança.

O artigo era assim concebido:

> Sabe-se qual foi o resultado nulo da empresa que teve por fim a criação de um novo eixo. Contudo, os cálculos de J. T Maston, assentando em dados certos, teriam produzido os resultados desejados se, em consequência de uma distração inexplicável, não estivessem eivados de erro desde o princípio.
>
> Com efeito, quando o célebre secretário do Gun-Club tomou por base a circunferência do esferoide terrestre, atribuiu-lhe *quarenta mil metros* em vez de *quarenta mil quilómetros* — o que falseou a resolução do problema.
>
> De onde proveio semelhante erro?... O que pôde causá-lo?... Como pôde cometê-lo tão notável calculador? Perde-se o espírito em vãs conjeturas.
>
> Certo é que o problema da modificação do eixo terrestre, sendo posto com correção, deveria ter sido rigorosamente resolvido. Este esquecimento de três zeros produziu, porém, um erro de *doze zeros* no resultado final.
>
> Não seria um canhão um milhão de vezes maior do que a peça de vinte e sete, mas um trilião deles, lançando um trilião de projécteis de cento e oitenta mil toneladas, que eram precisos para deslocar o pólo de 23° 28’, admitindo que a melimelonite tenha o poder expansivo que lhe atribui o capitão Nicholl.
>
> Numa palavra, o único tiro, nas condições em que foi dado no Quilimanjaro, não desviou o pólo senão de três mícrones (três milésimas de milímetro) e não fez variar o nível do mar senão nove milésimas de mícron, o máximo!

Quanto ao projétil, novo pequeno planeta, pertence de ora avante ao nosso sistema, a que o retém a atração solar.

Alcide Pierdeux

Assim, fora uma distração de J. T. Maston, um erro de três zeros nas bases do seu cálculo, que produzira este humilhante resultado para a nova sociedade.

Se os colegas do Gun-Club, porém, se mostravam furiosos contra ele, se o esmagaram com maldições, no público manifestou-se reação a favor do pobre homem. No fim de contas, fora este erro a causa de todo o mal — ou antes de todo o bem, pois que evitara ao mundo a mais horrorosa das catástrofes.

Chegaram, portanto, cumprimentos de toda a parte, com milhões de cartas, felicitando J. T. Maston por se ter enganado em três zeros!

J. T. Maston, mais descoroçoado, mais estomagado do que nunca, não queria ouvir o formidável hurra levantado pela Terra em sua honra.

O presidente Barbicane, o capitão Nicholl, Tom Hunter, o das pernas de pau, o coronel Bloomsberry, Bilsby e seus colegas nunca lhe perdoariam...

Ao menos, restava-lhe Mrs. Evangelina Scorbitt. Esta excelente senhora não podia querer-lhe mal.

Primeiro que tudo, J. T. Maston tinha teimado em refazer os seus cálculos, não querendo admitir que estivesse distraído a tal ponto.

E, contudo, assim foral O engenheiro Alcide Pierdeux não se enganara. Eis porque, tendo conhecido o erro à última hora, quando já não havia tempo para tranquilizar o seu próximo, este original conservara tão completo sossego no meio do pânico geral! Eis porque fizera um brinde ao Velho Mundo na hora em que se dava o tiro no Quilimanjaro.

Sim! Três zeros esquecidos na medida da circunferência terrestre!...

Subitamente então J. T. Maston recordou-se! Era no começo do trabalho, quando acabava de encerrar-se no seu gabinete de Balistic-Cottage. Tinha escrito 40000000 sobre a pedra...

Neste momento, toque precipitado da campainha telefónica! J. T. Maston

dirige-se para a placa... Troca algumas palavras com Mrs. Evangelina Scorbitt... Eis que um raio o derruba juntamente com o quadro... Levanta-se... Começa de novo a escrever o número meio apagado pela queda... Havia escrito apenas os algarismos 40000... quando a campainha toca segunda vez... Quando volta ao trabalho esquece os três últimos zeros do número que representa a circunferência terrestre!

De tudo isto era culpada Mrs. Evangelina Scorbitt. Se o não tivesse perturbado, talvez que não recebesse o choque da descarga elétrica! Talvez o raio lhe não pregasse uma destas peças que bastam para comprometer uma existência de bons e honrados cálculos!

Que impressão recebeu a infeliz senhora quando J. T. Maston lhe disse as circunstâncias em que se dera o erro!... Sim! Era ela a causadora do desastre!... Por culpa sua estava J. T. Maston desonrado para os longos anos que lhe restavam de vida, porque geralmente morria-se centenário na venerável associação do Gun-Club!

Depois desta entrevista, J. T. Maston abandonou o palácio de New-Park.

Voltou para Balistic-Cottage e percorria o seu gabinete de trabalho repetindo:

— Agora já não sirvo para coisa alguma neste mundo!

— Nem para vos casar?... — disse uma voz, que a comoção tornara dilacerante.

Era Mrs. Evangelina Scorbitt, lacrimosa, fora de si. Tinha seguido J. T. Maston...

— Caro Maston!... — disse ela.

— Pois bem!... sim!... mas com uma condição... Nunca mais me ocuparei de matemática!

— Amigo, tenho-lhe horror! — respondeu a excelente viúva.

E o secretário do Gun-Club fez de Mrs. Evangelina Scorbitt Mrs. J. T. Maston.

Quanto ao artigo de Alcide Pierdeux, que honra, que celebridade deu a este engenheiro e também à «Escola» na sua pessoa! Traduzido em todas as línguas,

inserido em todos os jornais, espalhou o seu nome pelo mundo inteiro. Aconteceu, assim, que o pai da bela provençal, que lhe havia recusado a mão da filha *por ser demasiadamente sábio,* leu o dito artigo no *Petit Marseillais.* E, depois de ter conseguido compreender-lhe o sentido sem auxílio estranho, dilacerado de remorsos e na *esperança de melhor*, enviou ao seu autor um convite para jantar.

Capítulo 21

Muito curto, mas perfeitamente tranquilizador para o futuro do mundo

E daqui em diante, que sosseguem os habitantes da Terra! O presidente Barbicane e o capitão Nicholl não renovarão a empresa tão tristemente abortada. J. T. Maston não repetirá os cálculos, desta vez sem erro. Seria inútil. O artigo do engenheiro Alcide Pierdeux expôs a verdade. Mostra a mecânica que para produzir uma deslocação do eixo de 23° 28’, mesmo com melimelonite, era necessário um trilião de canhões iguais ao de Quilimanjaro. Ora, o nosso esferoide — ainda que toda a sua superfície fosse sólida — é muito pequeno para os conter.

Parece, portanto, que os habitantes do Globo podem dormir em paz.

Modificar as condições em que se move a Terra é superior aos esforços permitidos à humanidade.

Não podem os homens alterar a ordem estabelecida pelo Criador no sistema do Universo.

Notas

[1] Ou seja 70650 léguas quadradas de 25 ao grau, isto é, um pouco mais de duas vezes a superfície da França, que é de 54000000 de hectares.

[2] O *rixdale* = 5,21 fr; o rublo = 3,92 fr; o *krone* = 1,32 fr; o xelim = 1,15 fr.

[3] Veja-se *A Escola dos Robinson,* do mesmo autor.

[4] Centésima parte de um dólar.

[5] 50 cêntimos.

[6] 203500 francos.

[7] 1221000 francos.

[8] 2035000 francos.

[9] 4070000 francos.

[10] Do mesmo autor, *Da Terra à Lua* e *À Roda da Lua.*

[11] *Punche* quer dizer bobo em inglês.

[12] Mícron: medida usada em ótica, correspondente a um milésimo de milímetro.

[13] 740 quilómetros.

[14] Na nomenclatura dos descobridores, que tentaram elevar-se até ao pólo, Barbicane omitiu o nome do capitão Hatteras, cujo pavilhão haveria flutuado no 90.º grau. Compreende-se esta falta, visto que o sobredito capitão, segundo todas as probabilidades, foi apenas um herói imaginário *(Os Ingleses no Pólo Norte* e *Deserto de Gelo,* do mesmo autor).

[15] Velocidade que bastaria para ir num segundo de Paris a S. Petersburgo.

[16] Perto de mil metros mais que Monte Branco.

[17] *Heitor Servadac,* do mesmo autor.

[18] O tromómetro é uma espécie de pêndulo cujas oscilações indicam os movimentos microssísmicos

da crusta terrestre. A exemplo do Japão, muitos outros países instalaram iguais aparelhos junto das minas grisulosas.